

OS EVENTOS GEOGRÁFICOS E A EXPANSÃO URBANA DE CAICÓ

DESIGUALDADES E COEXISTÊNCIAS NA URBE

CARLOS EUGÊNIO DE FARIA

IFRN
Editora

CARLOS EUGÊNIO DE FARIA

**OS EVENTOS GEOGRÁFICOS E A
EXPANSÃO URBANA DE CAICÓ**
DESIGUALDADES E COEXISTÊNCIAS NA URBE

IFRN
Editores ■■■■

2011

Presidenta da República **Dilma Rousseff**
Ministro da Educação **Fernando Haddad**
Secretário de Educação Profissional
e Tecnológica **Eliezer Moreira Pacheco**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor **Belchior de Oliveira Rocha**
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação **José Yvan Pereira Leite**
Coordenador da Editora do IFRN **Paulo Pereira da Silva**
Conselho Editorial **Samir Cristino de Souza (Presidente)**
André Luiz Calado de Araújo
Dante Henrique Moura
Jerônimo Pereira dos Santos
José Yvan Pereira Leite
Valdenildo Pedro da Silva

Todos os direitos reservados

Divisão de Serviços Técnicos. Catalogação da publicação na fonte.
Biblioteca Sebastião Fernandes (BSF) – IFRN

F224e Faria, Carlos Eugênio de.

Os eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó /
Carlos Eugênio de Faria. – Natal : IFRN, 2011.
172p. : il.

ISBN 978-85-8161-008-5

1. Expansão urbana. 2. Desenvolvimento urbano - Caicó. 3.
Caicó - Atualidades!. Título.

CDU 711(813.2)

EDITORAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Charles Bamam Medeiros de Souza

CONTATOS

Editora do IFRN

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. CEP: 59015300

Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763

Email: editora@ifrn.edu.br

À Rita e Yago, antônimos da desesperança e sinônimos do sempre possível.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 7

PREFÁCIO 11

INTRODUÇÃO 15

**1. ATUALIDADE E MOVIMENTO NA
CIDADE: CAICÓ COMO ELA É 41**

1.1 A Cidade Atual e suas Conexões 41

**1.2 Os muitos lugares opacos, lentos, viscosos
e tecnicamente rarefeitos 47**

**1.3 Os Espaços Intermediários: os
Subespaços “Luminosos Marginais” 65**

**1.4 Os Poucos Lugares Luminosos, Rápidos,
Fluidos e Tecnicamente Densos 68**

**1.5 Os Eixos da Fluidez: Os Fixos que
Geram Importantes Fluxos 74**

**1.6 Outras Visões Sobre a Cidade. Uma Tentativa
de Revisão Acerca de Outros Escritos que
Versam Sobre o Urbano Caicoense 77**

**2. PERÍODOS, RUGOSIDADES E EVENTOS:
CAICÓ COMO ELA TEM SIDO 83**

**2.1 A Formação Territorial: Tempo-
Espaço, Processos e Períodos 83**

**2.2 A Pecuária Como Um Sistema Técnico e
o Uso/Formação do Território 86**

**2.3 A Cotonicultura como um Sistema Técnico
e o Uso/Expansão Do Território 91**

2.4 A Cidade Terciarizada - Um Novo Período Técnico 101

**2.5 A Urbe em Expansão: Os Eventos como
“Extensores Urbanos” 1104**

3. EXPANSÃO URBANA: TERRITÓRIOS DA



DESIGUALDADE E DA COEXISTÊNCIA 121

3.1 Espoliantes e Espoliados: A Cidade Dispar 121

3.2 O (Des)Arranjo No Território: Um Urbano Tumultuado? 133

3.3 Planos Diretores Locais: A Fábula da Cidade Ideal 141

3.4 Territórios Da Marginalidade: A Face Perversa da Expansão 146

3.5 A Cidade Expandida e suas Demandas: Os Mais Novos Eventos 149

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 159

REFERÊNCIAS 165

LISTA DE FIGURAS 173

LISTA DE MAPAS 174

LISTA DE TABELAS 175

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, José Lacerda Alves Felipe, por acreditar no meu projeto, pelas orientações e incentivos. Pelo modo como me guiou nos trilhos da pesquisa séria e cuidadosa e, em especial, pela partilha da sua experiência em favor deste trabalho.

À Maria Adélia Aparecida de Souza, pelas suas orientações, pelo seu incentivo e pela sua preocupação com o rigor científico, pelas belas e sérias lições de como conviver na academia. Sou grato também pela sua atenção cuidadosa para comigo.

Ao meu pai: Diomero (in memorian), homem simples que, pelos seus bons exemplos, me deu forças através da sua forte presença espiritual. A Adélia, minha mãe, mulher de fibra que nunca desanimou diante das dificuldades para sustentar onze filhos e a cada um deles assegurar o direito à educação, pelo seu compromisso e sua garra, pelos momentos de extrema exigência, mas, também, de extraordinária afetividade. Enfim, pela condução zelosa dos meus passos até aqui.

Aos meus irmãos Dirceu, Maria, Dinamérico, Benigno, Domeciano, Dinarte, Socorro, Cláudio, Aida e Erivan por dividirem comigo os momentos de angústias e de conquistas e estarem, mesmo aos seus modos, me incentivando e não me deixando parar diante das dificuldades, pela oportunidade que me oferecem de estar sempre ao lado deles e pela contribuição cotidiana que a mim dispensam. Cláudio, o artista na confecção dos mapas, e Erivan, uma espécie de segundo orientador, fazem parte mais efetivamente deste trabalho.

A uma segunda família que me acolheu em Natal e me proporcionou as condições necessárias, para que eu pudesse cumprir com os créditos e as disciplinas do mestrado. Nivaldo, Edite (Teta), Maiza, Cássio, Zenilda, Nivaldo Júnior e, em especial, a Dona Natalina - Naná - (In memorian), meus sinceros agradecimentos.

Aos meus professores da pós-graduação, em especial, Lacerda, Rita de Cássia, Ademir e João Mendes. Mestres que, com sua sapiência, experiência e sensibilidade de educadores, me ensinaram novas lições e assim me deram a oportunidade de galgar novos patamares do conhecimento.

Aos professores do Campus de Caicó, Ione Moraes, Eugênia Maria Dantas, Renato de Medeiros Rocha e Muirakytan Kennedy de Macedo, em especial, Douglas Araújo, incentivador deste projeto e facilitador

de importantes contatos no Campus Central, que promoveu a minha permanência no curso de pós-graduação; e a Celso e Dorinha, aqueles de quem não fui aluno, mas são exemplos a serem seguidos.

Aos meus colegas do mestrado, todos eles, em especial, Diego, Raimundo e Mateus Avelino, companheiros de jornada, pelas discussões de tantos livros e textos, pela coragem da partilha, pela amizade sincera, pelos momentos de desconcentração, os quais me fizeram entender que em meio aos semblantes fechados da necessária seriedade está a oportunidade do sorriso como sinal de equilíbrio e libertação.

Aos amigos de sempre, todos eles, em especial Max Ribeiro de Faria meu “décimo primeiro irmão”, camarada de todas as horas. Pelo belo exemplo de disciplina na leitura, pelas conversas de cunho científico, mas, também, pelos “papos” descontraídos que em muito me ajudaram nos momentos de extrema tensão e desânimo, e, principalmente, pelos muitos anos de amizade.

Aos meus alunos, todos eles, pelos incentivos e pelas demonstrações de carinho em relação a mim e ao meu projeto, em especial, José Marcus e Dairyel, orientandos que, ao aprender, também me ensinaram e pelas suas colaborações em parte da pesquisa.

Aos funcionários do Campus Central que compõem a biblioteca do CCHLA e o restaurante universitário pela simpatia e contribuição. A Elaine, secretária, essa joia rara que com a sua alegria e competência, tanto me ajudou nas questões burocráticas, mas, principalmente, na partilha das informações acerca da pós-graduação.

Aos colegas de trabalho, todos eles, em especial, Caubi, Alex Diógenes, Alex Oliveira, André, Gerlúzia, Késsia, Cynara, Joaildo e Maria José, pelas suas enormes contribuições quando do incentivo e da forma como acreditam na minha capacidade. André e Maria José estão mais efetivamente presentes com suas contribuições na correção dos meus lapsos com a língua vernácula, além do amigo Gisonaldo, um terceiro olhar nessa tarefa.

Ao mestre Anecildo, um olhar acurado e final acerca da gramática e da língua mãe e pátria.

A cada um daqueles e daquelas que, com suas entrevistas, seus arquivos particulares, suas conversas, contribuíram para o embasamento científico e empírico e, assim, me deram a oportunidade de tentar um diálogo entre a teoria e a empiria.

Um agradecimento especial a minha família: Rita, minha esposa,

pela compreensão da ausência e a sua sempre forte presença, por ser mãe e pai, quando ausente eu precisei estar e pela força e estímulo que a mim dispensou. A Yago, meu filho, pela compreensão da lacuna na educação paterna em seu momento de adolescência e pelas palavras de engrandecimento que, tantas vezes, me falou, quando eu me sentia pequeno diante da tarefa que enfrentei.

Enfim, agradeço a Deus, pela fé que nele tenho e pelas inúmeras vezes que me deu conforto, esperança e garra. Nunca o vi, mas o tempo todo o senti, e ao seu lado consegui uma força inexplicável, para além daquela que achei em tantos amigos.

PREFÁCIO

A cidade fornece aos homens as condições de vida societária, e supre a necessidade de viver em grupo, por isso ela é ao mesmo tempo um fato histórico e geográfico, mas, acima de tudo um fato social, que ganha conotação também de fato econômico, na proporção em que agrupar a não é apenas a razão da proteção e da sobrevivência da antiguidade, mas, a necessidade de produzir, trocar e vender mercadorias e serviços.

Na cidade a base territorial, os fatos urbanos e arquitetônicos, os objetos de consumo norteiam a materialidade de vida social. Esses processos sociais postos em movimento pela sociedade, tem como atributos a modificação do espaço, transformado em território, pois, apropriado por vários agentes, cuja visibilidade ocorre através dos eventos modificadores/(re) produtores da cidade.

Nestas páginas que formatam esse livro fruto da dissertação de mestrado de Carlos Eugênio de Faria, intitulado os Eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: Desigualdades e Coexistência. O autor explica a sua cidade como um produto do tempo e das necessidades sociais dos homens, pois , como diz Lewis Mumford no Clássico *The culture of Cities* “Na cidade, o tempo torna-se visível: os edifícios, os monumentos as vias públicas, mais claramente que o testemunho escrito, mais sujeitos ao olhar de muitos homens do que os artefatos dispersos do campo”

No exercício de pesquisa Carlos Eugênio de Faria, investiga os eventos que ao longo de um tempo histórico, remodelaram Caicó, indagou das ações e dos sujeitos e agentes, que construíram as novas formas e impuseram a cidade outros usos, outras funcionalidades, para tanto Carlos vai recorrer as suas duas paixões Geográficas; a leitura de parte Substancial da obra de Milton Santos; e a cidade de Caicó. Milton Santos fornece o arcabouço teórico e Caicó a força telúrica que Carlos transforma em um destino inexorável.

A tese desenvolvida nos diversos capítulos que formatam esse livro, é de que os eventos sinônimos de ações humanas produziram formas geográficas novas construídas no espaço urbano, criaram funcionalidades diferentes ou adensaram aquelas já existentes, induziram uma nova geografia, que a cidade incorpora e mostra que o evento pode ter um caráter técnico na sua aparência, mas, a sua essência é social.

Entender Caicó e os atributos que a sociedade ao longo da história traz para a vida social da cidade, requer uma investigação do papel dos agente sociais, que Carlos ao decodificar a leitura Miltoniana, chama de

homens lentos e homens velozes e que as suas ações no território da cidade produzem espaços opacos e espaços de luminosidade.

Mas, Carlos percebe que esses pares dialéticos guardam as contradições inerentes as ações humanas, reforçadas pela complexidade do mundo urbano. Pois, os agentes sociais excluídos, quer seja de forma espontânea ou movidos por políticas do Estado, produzem eventos e constroem uma geografia que garanta a sua permanência na cidade. E resistem mesmo quando o Estado e as empresas incorporadoras/construtoras, agentes financiadores e proprietárias da terra urbana, conspiram contra a sua inclusão na vida social da cidade.

Carlos Eugênio de Faria, fornece a geografia uma ferramenta de pesquisa que relaciona o evento, suas formas e funções com o processo de expansão da cidade, ressalta as desigualdades e as coexistências na urbe, analisa os incluídos e excluídos dos meios técnico, científico e informacional e revela que todas as contradições não são suficientes para eliminar a cidade como uma obra de arte, pois a mesma, sobrepuja as dificuldades, mostrando que é no território urbano que a comunhão cotidiana dos seus cidadãos, resiste aos discurso global e firma Caicó como um lugar, cujas raízes culturais fundamentam a existência dos seus filhos, que mesmo distantes, sentem a necessidade do retorno para se abastecer dos símbolos, imagens, e da cultura, um encontro com os seus, como uma forma de se reconhecer no lugar na sua cidade, como cidadão do mundo

José Lacerda Alves Felipe

Natal/Julho/2011

INTRODUÇÃO

O ofício do Geógrafo é ser agente ativo, protagonista dos estudos acerca do espaço. Para tanto, faz-se necessário que aqueles que optarem por construir um trabalho geográfico possam estar fundamentados em uma ciência que se caracteriza pelo estudo do presente e suas relações com o passado, como, também, da técnica como um artifício de intervenção humana nos espaços e, em especial, pela análise, que essa ciência possibilita, dos usos e abusos dos territórios.

Concordamos com o Professor Milton Santos, quando, em uma de suas obras mais importantes - A Natureza do Espaço, - aparece como alicerce do seu “edifício teórico” a ideia de que o objeto de estudo da geografia é o espaço e que este deve ser entendido como “um conjunto indissociável, solidário e, também, contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Por ser abstrato, o espaço se revela em materialidade quando, pela técnica, os homens o transformam em território seja como uso, seja como recurso. O mesmo professor complementa essa idéia, asseverando que

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS 2008, p. 63)

Ações e objetos são, portanto, a revelação dos usos das técnicas que se interpõem entre a primeira e a segunda naturezas, provocando transformações e cristalizando o fazer humano que evidencia a diferença entre o que é Planeta e o que é Mundo. Essa diferença é basilar para entendermos realmente o papel da Geografia como uma ciência do presente, da técnica e da informação.

Outro ofício do Geógrafo é o de colocar a ciência geográfica a serviço da crítica às sociedades, às nações e ao processo de globalização ou globalitarismo e, portanto, investigar as diferenças, mas, também, as coexistências entre estas nações e suas sociedades, como, também, aos processos intrínsecos a essa globalização. Investigar também todos os territórios e seus conteúdos, principalmente, aqueles inerentes à cidade, como a materialidade do urbano, pois a cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim a materialidade visível do urbano enquanto que este é o abstrato, porém o que dá sentido e natureza a cidade. (SANTOS 1992

citado por SOUZA 1997, p. 02).

O presente trabalho, por um lado, investigou questões que são intrínsecas a um espaço urbano em particular, sem, no entanto, perder de vista a ideia da totalidade, pois nenhum lugar, por mais longínquo e isolado que possa parecer, está desvinculado do processo de globalização, em especial, aquele que se inicia com a Revolução Técnico-Científico e Informacional; por outro lado e, pela mesma ideia que se baseia na referida totalidade, procurou entender os processos globais sem abrir mão de análise das particularidades deste lugar.

A descoberta se impõe, neste trabalho, como prazer e estabelece um caminho que vai na contramão da ideologia dominante, aquela que insiste em nos convencer, a partir de idéias, que querem mostrar o mundo tal como nos fazem crer, ou como aponta Santos (2001), o mundo como uma fábula¹.

As cidades têm sofrido em todo o mundo reformulações de toda ordem. Uma delas é a expansão do perímetro urbano que se dá em ritmos distintos nos diferentes países e em contextos também distintos. A cidade de Caicó nos serviu de base empírica para tentarmos comprovar a teoria miltoniana acerca do espaço, dos usos do território, como, também, dos eventos geográficos e suas materializações, a partir das ações e dos objetos.

Ancorados nessa teoria, conceitos e ideias, nas várias possibilidades de diálogo desta com outras ciências e outros teóricos ²e inseridos no contexto das temáticas inerentes ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGe, a nossa pesquisa tem como tema: A expansão urbana da cidade de Caicó. Como subtemas temos: suas relações com os eventos geográficos e como no contexto dessa expansão, os homens rápidos e lentos se diferenciam, mas coexistem. Merece realce o papel dos homens lentos nas frentes de expansão, mas, principalmente, a sua força para resistir às nuances nefastas de tal fenômeno. Mas seriam esses eventos fundadores ou dinamizadores de subespaços que expandiram e expandem a urbe em Caicó? É realmente importante o papel dos pobres na expansão da cidade? E ainda, as consequências dessa expansão afetam mais os

1 Em sua obra "Por uma outra Globalização", Milton Santos faz uma referência à globalização que nos querem fazer entender, aquela que coloca de um lado os ricos cada vez mais ricos e de outro lado, os pobres cada vez mais pobres e dependentes de técnicas, normas e uma tirania que supervaloriza o dinheiro e burla as informações.

2 Somos severamente opositos à ideia de que uma só teoria ou um só teórico tem respostas para todas as perguntas. A nossa defesa é de que através da metadisciplina, podemos construir um diálogo construtivo e que em muito nos ajuda na elaboração de trabalhos como este que ora apresentamos.

pobres do que os ricos?

O objetivo principal do nosso trabalho é compreender de que forma alguns eventos, oriundos de políticas públicas, como, também, de ações que emanam da sociedade civil, contribuíram para a expansão urbana de Caicó em todos os períodos de sua constituição, especialmente, a partir dos anos 1970, como, também, compreender os seus reflexos na cidade, que temos no momento.

Nossas análises estão pautadas na ideia de um território formado e expandido, a partir de alguns eventos, mas o que seriam estes eventos, qual é o seu conceito e como esses são formadores de territórios?

Quando ouvimos a palavra “eventos”, somos imediatamente capturados pela imagem de um grande acontecimento (festas, comícios, inaugurações etc.). É isso mesmo, todos esses acontecimentos são assim chamados. Mas Santos (1999), nos alerta para além dessa visão, quando nos exorta sobre o evento como um desencadeador de fatos geográficos e, portanto, de objetos técnicos e de ações humanas. O referido geógrafo, ao analisar o termo, se ampara em várias opiniões de uma gama de autores, especialmente da filosofia e da geografia, mas ele mesmo amplia a noção acerca do termo evento e dá a este uma roupagem geográfica de fato, quando anuncia:

Se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas possibilidades existentes no mundo, mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação socioespacial, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados, esse país, essa região, esse lugar, como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo. (SANTOS 2008, p. 144)

As explicações da citação acima nos levam a vários autores sobre os eventos citados por Milton Santos das quais destacamos duas: A noção de ponto-evento, que encontramos em (EDDINGTON, 1968, citado por SANTOS, 1999). Segundo esta noção, os eventos são acontecimentos que se dão em certo tempo e em um dado espaço, são eles, enfim, a matriz do tempo e do espaço. Para o nosso trabalho, esta informação é basilar, pois vemos que em tempos distintos, acontecimentos também distintos deixaram suas marcas no espaço, no qual se erigiu a cidade de Caicó. É importante lembrar que nem todo “evento” tem como resultado uma materialidade, mas a nós e à nossa pesquisa, interessa, em especial, os eventos que trouxeram para o espaço um objeto técnico, um fixo que implanta fluxos e, que assim sendo, revela a indissociabilidade entre

objetos e ações.

Uma segunda noção que é concernente a nossa empreitada, é a de que não existe evento sem ator³, “não existe evento sem sujeito” e vem de (CARLO DIANO, 1994, citado por SANTOS 2008). Esta noção é fundamental para a construção de uma teoria geográfica. A concernência com o nosso intuito reside nesta íntima relação evento/agente/sujeito e no fato de termos proposto um trabalho que discute a expansão de uma cidade, se revelando a partir das ações humanas - do Estado, do capital privado e da própria sociedade civil - . Propomos um trabalho com abordagem geográfica.

Assim, como vemos, ao conceito de “evento” cabem muitas interpretações. Mas o evento que embasa a trilha, a ser percorrida nesse trabalho, é aquele que impõe à paisagem objetos técnicos, os quais são responsáveis pela formação territorial. Santos (1999) fala em classificação dos eventos e os divide em finitos e infinitos⁴. São os primeiros - finitos - os mais importantes para a nossa tarefa, os que nos guiam mais apropriadamente. Com isso, não estamos desprezando os eventos infinitos, mas estes já são resultantes dos eventos finitos. O tempo empiricizado e o espaço alterado são resultantes de momentos, de instantes e de ocasiões e em especial, das ações humanas⁵ , ou seja, dos eventos infinitos.

Todo esse conjunto de situações é, na verdade, as possibilidades existentes no mundo que se geografizam no lugar.

O lugar é o depositário final, obrigatório, do evento. Segundo Eddington, um evento é um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço. Eddington (1968, p. 186) nos fala de ponto-evento. [...] um evento para Eddington (p. 45), é exatamente “um ponto nesse espaço-tempo”, um dado instante em um dado lugar. (SANTOS, 2008, p. 144).

Dessa forma, a importância do lugar, para que se entenda um determinado evento, é fundamental, mas vale lembrar que o evento é a realização das possibilidades existentes no mundo e, por conseguinte, mesmo que aconteça no lugar, este tem uma ligação com o mundo através do conceito de totalidade, pois nenhum evento esgota todas as

3 Preferimos o termo “agente” já que não tratamos o espaço como um palco

4 Eventos finitos resultam da distribuição de possibilidades ou recursos finitos: o tempo de cada um (se escolho ir a um lugar, não posso ir a outro ao mesmo tempo); o dinheiro de que dispomos; a população de um país. Já os eventos infinitos se exemplificam pela liberdade, pela democracia e pela informação geral.

5 Ver (SANTOS, 2008, p. 13) em: A Natureza do Espaço. Nesta obra, o autor analisa as várias explicações para o termo evento que é o conceito fundante do nosso trabalho e cita estudiosos como: Lefévre, Bachelard, Carlo Diano, Whithead, entre outros.

possibilidades do mundo, embora ele possa esgotar-se em si. É assim que nos diz Santos, (2008). Se o evento esgota as suas próprias possibilidades, jamais ele esgota ou utiliza todas as possibilidades oferecidas pelo mundo e conforme Lefébvre “[...] a possibilidade vivida em cada evento é limitada e parcial”. (1958) apud SANTOS, 1999)

Isso nos leva a afirmar que a origem de uma cidade tem em si algumas possibilidades esgotadas, mas em nenhum momento são esgotadas as possibilidades daquilo que esse lugar pode desenvolver na sua relação com o mundo, ou seja, um “movimento de mão dupla”. A dialética da relação local-global-local fica assim evidenciada.

A ideia da construção desta pesquisa surge a partir das preocupações acerca da expansão da urbe caicoense; de como, apesar de sofrer uma derrocada em sua mais importante economia - a algodoeira -, Caicó seguiu seu curso de expansão. Surge também da vontade de investigação acerca da condição dos pobres ou homens lentos e espoliados inseridos nesse processo e, ainda, pelo despertar do referido tema que fora provocado pelo Professor Doutor José Lacerda Alves Felipe, orientador deste trabalho e pelas discussões travadas em um Seminário intitulado “Ciência e Método: investigando o método geográfico” oferecido pelo PPGGe, ministrado pela Educadora e Doutora Maria Adélia Aparecida de Souza, Professora Titular aposentada da Universidade de São Paulo - USP.

A partir dessas provocações, partimos para entender a expansão urbana da cidade de Caicó, a partir do incremento de algumas áreas deste urbano e a sua relação com os eventos. Se estes eventos, uma vez implantados, carregam, em si, toda uma estrutura e algumas funções que valorizam essas áreas e causam adensamentos. Também, se nestes adensamentos são implantados aquilo que chamamos de eventos derivados. Por exemplo, junto ao campus da UFRN, surgem livrarias, lanchonetes, entre outros. E, ainda, se algumas destas áreas passam a ser muito dinâmicas e incrementam o preço do solo urbano e, assim, são construídas, por exemplo, residências mais modernas, como, também, objetos mais sofisticados de comércio e prestação de serviços.

Tais provocações ainda nos motivaram para a pesquisa acerca do papel dos pobres, bem como das consequências desta expansão para esses. Concordamos com o Professor Milton Santos, quando, em algumas de suas obras⁶, destaca a importância do papel desses homens lentos e suas relações com os homens rápidos e, conseqüentemente, a ideia de

6

Em especial nas obras: Por Uma Geografia Nova, A natureza do Espaço e Por Uma Outra Globalização.

movimento e coexistência.

No decorrer desta pesquisa, detectamos igualmente a importância da investigação acerca das consequências, tanto positivas quanto negativas, que a expansão urbana gerou na cidade em estudo. Nesse sentido, pesquisar acerca de como na Caicó, em especial, dos últimos quarenta anos, muitas alterações ocorreram na paisagem e, conseqüentemente, nos conteúdos dos territórios que juntos conformam este lugar.

Morais (1999) faz, em um capítulo de sua Dissertação de Mestrado, uma bela análise de como após a crise do algodão, a cidade seguiu seu curso de expansão e ratificou sua condição de centro regional. Concordamos com essa autora e, acrescentamos ao estudo deste urbano, em especial, o conceito de evento geográfico e de como a cidade não se fez somente luminosa, mas, também, se constituiu de vários espaços da opacidade, da lentidão e da rarefação técnica, ou seja, em subespaços de pobreza.

A partir de depoimentos adquiridos pela “metodologia da conversa/entrevista,” também percebemos essas várias nuances do urbano caicoense. A cidade é vista por várias óticas, desde aquelas que enxergam apenas uma urbe em ascensão, como, também, de outros que enxergam apenas os dismantelos e decréscimos. Desse modo, nossa tarefa de enxergar as desigualdades e coexistências emerge com maior urgência e se faz uma necessidade.

As motivações para o nosso trabalho estão ancoradas nessas necessidades que se originam da impossibilidade da “compreensão total” por aqueles que se aventuraram no estudo da cidade em tela. É certo que este trabalho, pelo mesmo motivo, também deixará lacunas. Até onde a nossa capacidade de investigação pôde alcançar, detectamos poucas obras que, realmente, estudam este urbano e esta cidade, a partir de uma ótica geográfica de fato. Os mais importantes encontram-se comentadas no capítulo 01, deste trabalho.

A pesquisa realizada apresenta validade acadêmica e validade científica, uma vez que tem alicerce e se circunscreve nas abordagens geográficas, que, por sua vez, encontram sustentação na teoria ligada ao estudo do espaço geográfico e do uso do território, como encontra igual sustentação nas abordagens acerca da relação do lugar com o mundo, através da totalidade e dos aconteceres solidários.

Ademais, o estudo da técnica em Ortega y Gasset (1963) e Santos (1999) nos proporciona embasamento para o estudo do fazer humano e suas intervenções no espaço, a partir dos mais variados modos de produção e seus sistemas de engenharia.

A técnica é indispensável ao homem mais não concerne propriamente ao homem. Todo objetivo humano, de paz ou de guerra, exige instrumentos e máquinas ou objetos técnicos [grifo nosso]; mas instrumentos e máquinas nada valem sem homens que saibam e queiram utilizá-los para inferir suas ações [grifo nosso]. (...) Portanto, homem e máquina se conjugam (ORTEGA Y GASSET, 1963, prólogo).

No prólogo desta importante obra, Luis Washington Vita alerta-nos em relação à importância da técnica como intervenção humana e do domínio que o homem tem sobre a produção deste ou daquele objeto técnico e, ainda, que esses objetos necessitam da ação humana para ter alguma validade, ou seja, é o fazer humano que provoca as alterações neste ou naquele espaço ou no mundo, já que toda ação se dá no mundo, cenário de todas as operações e intervenções da humanidade.

Cada conjunto de técnicas ou de objetos técnicos (fixos naturais ou sociais) se dá mediante uma época, um modo de produção, um período técnico diferentes. Cada nova técnica imprime um novo momento, ao mesmo tempo em que pode superpor esses momentos, entendidos como frações de tempo em encontro com porções do espaço. A cada um desses conjuntos de técnicas denominamos de sistemas de engenharia (SANTOS, 1997).

Dessa maneira, nosso trabalho se embasa nessas duas vertentes: o estudo da expansão urbana e sua relação com os eventos geográficos e os diversos usos do território, bem como do estudo da técnica como uma possibilidade de intervenção humana. Para além dessas duas vertentes principais, destacamos, a seguir, outros conceitos e ideias que, também, estão no corpo desta pesquisa e que são fundamentais para entender o fenômeno da expansão urbana em Caicó.

Acerca do Espaço Urbano perceberemos que, na totalidade em que se constitui o espaço geográfico, poderemos notar que esse apresenta certa divisão. Não estamos falando em dicotomia, mas em divisão, no sentido strictus senso da palavra. Assim, poderemos perceber a ocorrência dos espaços rurais e dos espaços urbanos. O primeiro não nos interessará em sua essência, mas como um espaço de acontecimentos que tem um importante rebatimento no objeto da nossa pesquisa, especialmente, no que concerne ao êxodo rural. Destarte, fica evidente que elegemos o segundo para, sobre ele, nos debruçarmos. Pensamos ser o espaço urbano mais revelador dos elementos (existência, movimento e totalidade), aos quais tão bem se refere Silveira (2006), como importantes no estudo do espaço geográfico.

Isso se confirma quando damos realce ao tempo - 1970/2010 -,

período em que verificaremos uma importante alteração desses dois “tipos” de espaço, ou seja, etapa em que começamos a perceber uma forte tendência à urbanização e, portanto, o uso mais intenso do solo urbano, em detrimento de um forte e crescente êxodo rural.

Tabela 01 - Brasil: população urbana e rural - 1950 - 2007

ANOS	POPULAÇÃO		
	TOTAL	URBANA	RURAL
1950	51.944.397	18.782.891	33.161.506
1960	70.992.343	32.004.817	38.987.526
1970	93.134.846	52.097.260	41.037.586
1980	119.011.052	80.437.327	38.573.725
1991	146.825.475	110.990.990	35.834.485
2000	169.872.856	137.925.238	31.947.618
2007	183.987.291	N/D	N/D

Fonte: IBGE, 2008.

No caso brasileiro, a urbanização acontece de forma tardia e se caracteriza como uma urbanização dependente [...] em “países explorados, dominados e com economia deformada” [...] como assinala (BETTELHEIM, 1967, citado por CASTELLS 1983, p. 59), em relação aos países economicamente mais avançados. A urbanização brasileira se intensificou na segunda metade do século XX, quando o capitalismo industrial se instalou no país e dinamizou a economia, a partir da consolidação das grandes cidades industriais, particularmente São Paulo, o grande polo industrial. A economia agro-exportadora vai cedendo lugar a uma economia centrada na substituição de importações para o mercado interno, o que redefiniu a cidade industrial como polo de dinamização e de transformações seletivas no espaço e na sociedade brasileira.

No que concerne à cidade de Caicó, onde a indústria se fez de forma bastante incipiente, quando comparada a esse grande centro (São Paulo), a atividade algodoeira foi uma respeitável representante desse período técnico. No entanto, entre o final dos anos 70 e o início dos anos 80, essa atividade entra em declínio, mas a taxa de urbanização da referida cidade tomou rumo contrário e mostrou uma tendência ascendente (Ver tabela 02), pois a “morte” do algodão não decretou a derrocada da cidade, que percorreu outros caminhos para continuar crescendo. É o caso do comércio, que dá suporte a várias outras cidades do seu entorno geográfico; algumas outras indústrias - da rede, dos panos de prato e dos

bonés - se constituíram num importante incremento do setor de serviços que, igualmente, atende a esses territórios vizinhos.

Tabela 02 - Caicó - população urbana e rural - 1950 - 2007

ANOS	POPULAÇÃO		
	TOTAL	URBANA	RURAL
1950	24.214	7.755	16.459
1960	27.447	16.233	11.214
1970	36.521	24.427	12.094
1980	40.030	30.828	9.202
1991	50.640	42.783	7.857
1996	52.019	45.829	6.190
2000	57.002	50.624	6.378
2007	60.656	54.986	5.670

Fonte: IBGE, 2009.

Após essa análise, nos interessa, mais de perto, a base teórica, que nos guiará no estudo do espaço urbano. Corrêa (2000) é mais um dos autores que consultamos para as nossas discussões. O referido autor nos traz um conjunto de elementos que achamos importantes e coerentes com as nossas preocupações. Pensamos, também, que não há problema em trazeremos as considerações de tal autor, pelo fato de termos escolhido como teoria-chave (do espaço) aquela desenvolvida por Milton Santos, pois o que esses dois autores discutem é passível de complementaridades.

Citando Lefébyre - o autor, com o qual tentaremos um diálogo discreto - Correa (2000), nos alerta para as características fundamentais do espaço urbano - que, na nossa pesquisa, será sempre percebido como o território em uso -. São elas: Fragmentação e articulação, reflexo e condição social. Ele ainda nos remete a processos sociais, como: centralização, descentralização, coesão, invasão/sucessão e inércia (CORRÊA, Ibid). Nosso trabalho adota, por análise, a fragmentação e sua relação com as coexistências. A expansão urbana da área em questão, certamente, apontará essa relação.

Assim sendo, essa teoria e seus elementos devem nos direcionar para um olhar mais cauto sobre a cidade em questão, na tentativa de compreendê-la nesse contexto. O território se encontra repleto de diferenciações causadas pela expansão e pelos diversos eventos nela realizados, pois, só para citar um exemplo, por um lado percebemos de forma evidente as favelas, com casebres sem muros, com melancólicos tijolos à vista, recortados por uma franzina janela, ruas de chão batido

e esgotos a céu aberto e, por outro lado, os bairros repletos de casas modernas, com privilegiadas fachadas, paredes altas, ruas pavimentadas e com escoamentos internos, ou seja, diferentes usos do solo. Isso nos dá a dimensão da dialética social no fenômeno, aqui tratado.

O exemplo supracitado nos dá a ideia de como tais características estão presentes no espaço urbano, em estudo, posto que nessas diferenciações poderão se materializar as ideias de fragmentação, quando cada uma dessas situações ocorrem em espaços diferenciados; de coexistências, no sentido de que, embora heterogêneas, as relações entre eles é clara. Um precisa do outro.

Chamamos a atenção para o fato de que, mesmo com todas essas características e processos, aos quais nos referimos anteriormente, o espaço é entendido, aqui, como banal, espaço de todos, das coexistências, embora fragmentado e com diferentes usos do solo urbano. Não há, portanto, ao nosso juízo, incompatibilidade teórico-metodológica.

No que se refere à ideia acerca do Território, escolhemos, como categoria principal de análise, o território usado ou praticado. O território em si, somente em sua materialidade, ou como coisa, não se constitui em tal categoria; portanto, faz-se necessário que o enxerguemos como um território vivo, vivendo, como nos diz Santos e Silveira (2006).

Se o espaço, tratado como instância social, nos revela ser abstrato, é forçoso que o entendamos em sua materialidade, e é esta a razão da nossa escolha por essa categoria analítica. Assim sendo, espaço geográfico e território usado são sinônimos. (SANTOS, 1999). É no território praticado, onde a geografia encontra lastro e acontece em uma amálgama da aplicação teórica e do acontecer empírico, tanto na própria ciência geográfica como, também, em relação com outras áreas do conhecimento nesse território repleto de fixos e tracejado de fluxos, que ancoramos nossa curiosidade para a análise do objeto, por nós requerido.

É de suma importância ressaltar que o território pode ser visto por várias dimensões: política, econômica e cultural. Em relação à dimensão do poder legada com pioneirismo por Ratzel (apud Andrade 2004), que reinou durante muito tempo como a dimensão principal, mereceu destaque em obras de teóricos como Sack e Raffestin. Para Ratzel, “o território seria uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano”. (RATZEL citado por COSTA, s/d). Assim, o território é posto como um espaço que alguém possui, é a posse que lhe atribui identidade.

O território expandido de Caicó tem, por exemplo, em sua formação/organização/segurança, a forte presença e controle por parte

do Estado (Federal, Estadual e Municipal), quando das normatizações impostas e do poder de polícia que, sobre este, é operacionalizado, como, da mesma forma, revela o poder das empresas e dos cidadãos que, apesar de uma norma a cumprir, têm certo controle sobre seus subespaços. Isso se apresenta como sendo primordial neste trabalho.

No que se refere à dimensão econômica do território, é mais forte a presença do capital privado (em seus circuitos: “superior”, “superior marginal” e “inferior”) Santos, (1979), sendo os dois primeiros, em grande medida, regulamentados pelo Estado e o último quase que completamente desregulamentado, mas que, juntos, dão vida, animam e participam ativamente do adensamento das cidades, como é o caso de Caicó.

Mas, ainda nessa mesma perspectiva, o território, também, é pautado por instituições do Estado, como, por exemplo, os bancos públicos e, nesse sentido, fator de grande interface entre os indivíduos, o espaço e a sua permanente reconfiguração (expansão). Isso é notável na expansão urbana de Caicó, através das tantas residências que ali estão erguidas, a partir dos mais diversos tipos de financiamentos e/ou empréstimos oferecidos por esses bancos.

O território, igualmente, deve ser visto pela ótica cultural. Nessa, destacam-se as simbologias, as vivências, as afetividades. O cotidiano, que Santos (1999) coloca como sendo a quinta dimensão do espaço, tem “relevância” na urbe caicoense, que, uma vez expandida, enxertada de modernidades e conectada ao mundo, mantém, de certa forma, essa faceta da cultura local em seu território, pois, como cidade interiorana, ainda se pode perceber, apesar de seus constantes “espasmos de espraiamento”, fatos como: a religiosidade, as conversas na calçada, os fuxicos de comadres, os “campos de peladas”, entre outros. As normas consuetudinárias ainda são comumente utilizadas, mais do que nas cidades maiores e já em menor escala que em cidades menores, as quais se localizam em seu entorno.

Há, ainda, aqueles que falam da dimensão “natural”, como, por exemplo, Haesbaert (2004). Queremos descartar, na nossa pesquisa, essa última tendência, já que optamos pela categoria, por nós já explicitada, ou seja, de que o território praticado é resultado da interação das coisas e das ações sobre estas e, portanto, enxergado como sinônimo de um espaço em movimento, “se dando”.

Como já explicitado, no território sobre o qual nos debruçamos, as ações ou eventos, que instalaram na paisagem os objetos ou fixos, impõem a este espaço uma dinâmica que nos direciona a concordar com

(SANTOS e SILVEIRA), quando nos exorta:

O território revela também as ações passadas e presentes, mas já congeladas nos objetos, e as ações presentes constituídas em ações. No primeiro caso, os lugares são vistos como coisas, mas a combinação entre as ações presentes e as ações passadas, às quais as primeiras trazem vida, confere um sentido ao que preexiste. Tal encontro modifica a ação e o objeto sobre o qual ela se exerce, e por isso uma não pode ser entendida sem a outra. (2006, pp. 247-248).

Essa discussão é fundamental para o entendimento da expansão urbana de Caicó, compreendida como uma situação geográfica em um feixe de eventos, uma opção de caminho metodológico, como, também, para a compreensão do espaço/território no presente, mas com raízes no passado e se organizando de forma prospectiva para o futuro.

A categoria “território usado ou praticado” nos remete à noção de lugar, já que é nos lugares, onde o uso do território se dá pela dinâmica destes. O lugar é proposto, como sendo o espaço do acontecer solidário. Santos (2008). A partir dessa afirmativa, nos embrenhamos na investigação teórico-empírica a respeito do que há ou não “de mundo” no território caicoense e, em especial, no espaço em expansão; portanto, fica evidente a importância do lugar.

Quanto aos estudos sobre o Lugar, filósofos, como Aristóteles, trouxeram-nos a ideia de que, inicialmente, este era visto como o espaço que circunda o corpo. Ampliando a asserção aristotélica, Descartes afirma que a determinação do lugar deve obedecer à relação da posição do corpo com a posição dos outros corpos. A dialética marxista identifica na apropriação capitalista do espaço um processo de personalização dos lugares que, simultaneamente, reconstróem suas singularidades e expressam o fenômeno global em curso nos últimos séculos.

Durante muito tempo, essa categoria de análise foi vista meramente como a porção do espaço, o lócus das relações afetivas e cotidianas, onde os homens viviam mais intensamente as relações de vizinhança, desfrutavam da praça, rezavam na igreja ou capela próxima, sentavam para conversar nas calçadas, entre outros.

Ainda hoje, o lugar tem essa conotação, mas a cada período da história e, conseqüentemente, a cada evolução da sociedade, o espaço geográfico, bem como cada uma das suas porções e categorias, sofre interferências e conhece mudanças. [...] nossa relação com o mundo

mudou. Antes, era local-local; agora é local-global. [...] (SERRES, 1990⁷, citado por SANTOS, 2008, p. 313). Nessa perspectiva, o filósofo nos aponta para as novas realidades que a contemporaneidade nos infere e, nesse sentido, percebemos que a cidade de Caicó insere-se nesse contexto, sendo que encontraremos em seu tecido urbano “lugares e lugares, como explicitaremos no corpo deste trabalho, onde tratamos dos eventos/objetos. Caicó é o lugar, mas, também, contém “lugares” ou subespaços.

Esses diferentes lugares/subespaços, em um mesmo tecido urbano, constituem uma realidade inerente a todos os recantos do mundo e, no âmbito da nossa pesquisa, faz-se importante porque a expansão, ora estudada, é reveladora dessas diferenças de uma forma peculiar e particular. A cidade de Caicó denota, com bastante clareza, a urbe das relações local-local e a urbe que imprime com tintas mais fortes a relação local-global.

Isso move a ideia do acontecer solidário⁸, tarefa que é específica do lugar, pois o mundo acontece no lugar e, assim sendo, “os lugares podem ser vistos como intermédio entre o Mundo e o Indivíduo”. (MLINAR, 1990, citado por SANTOS, 2008, p. 314). Essa citação tem lastro na nossa pesquisa já que, na cidade em questão, é facilmente verificável essa intermediação entre moradores/empresários⁹ locais e outras áreas tão longínquas e, esta se dá, a partir da expansão que traz novos elementos (objetos/fixos e ações/fluxos), em consonância com o período em que vivemos.

Se, como referência, o lugar define-se como funcionalização do mundo, Santos (2008), é por ele que esse mundo é percebido empiricamente, não nos furtaremos de nos enveredarmo-nos pelas ruas, pelos becos, pela lógica desse “lugar”, chamado Caicó e, principalmente, por cada recorte, onde esse acontecer solidário (homólogo, complementar e hierárquico) nos guiam na busca do entendimento de todas as “caras” e

7 Michel Serres. Entrevista a Bernardo Carvalho, Folha de S. Paulo, 21/4/1990.

8 Na realidade, esse acontecer solidário apresenta-se sob três formas no território atual: um acontecer homólogo, um acontecer complementar e um acontecer hierárquico. O acontecer homólogo é aquele das áreas de produção agrícola ou urbana, que se modernizam mediante uma informação especializada e levam os comportamentos a uma racionalidade presidida por essa mesma informação que cria uma similitude de atividades, gerando contiguidades funcionais que dão os contornos da área assim definido. O acontecer complementar é aquele das relações entre cidade e campo e das relações entre cidades, consequência igualmente de necessidades modernas da produção e do intercâmbio geograficamente próximo. Finalmente, o acontecer hierárquico é um dos resultados da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando, uma organização, que tendem a ser concentrados e nos obrigam a pensar na produção desse comando, dessa direção, que também contribuem para a produção de um sentido, impresso na vida dos homens e na vida do espaço. (SANTOS, 2008).

9 É muito comum a relação de empresários da cidade com diversas partes do mundo e pelo fenômeno d Internet, pessoas simples também podem ter acesso a essa conectividade.

“caricaturas” dessa expansão física analisada. Não é forçoso lembrar que o lugar é parte do território usado, que se nos revela.

No que concerne às ideias inerentes à Cidade, esta, por si só, já é total, mas é também parte de uma maior totalidade - o mundo -, não importa se ela é grande, média ou pequena ou se ela está conectada, ou, em parte, resistindo a uma conectividade com o mundo. Mas o que é a cidade? Henry Lefebvre, pelas lentes da sociologia, diz-nos que a cidade é o concreto, o material, o lócus dos processos de explosão/implosão¹⁰. Para esse pensador, a cidade vive uma crise e só terá solução com o que ele chama de “revolução do cotidiano” (LEFEBVRE, 1967). Delle Donne, em sua obra “Teorias sobre a Cidade”, revela suas várias facetas e atribui a essa um mix de funções. Para essa autora, que cita outros vários autores, dentre os quais Marx e Weber, - a cidade precisar ser vista, principalmente, sobre os aspectos econômicos, políticos e culturais (DELLE DONNE, 1979). Esses são olhares sociológicos, mas os utilizaremos pela sua pertinência à ciência geográfica e ao nosso objeto de estudo.

Poderíamos, a partir dessa visão, encher páginas de escritos, com visões sobre esse complexo, concreto e articulado compartimento do espaço, mas nos detemos nessas preciosas contribuições da sociologia e da filosofia.

No que concerne aos estudos da cidade, a análise, dentre as várias que apontamos, que verdadeiramente nos guiará e que é mais propriamente geográfica, nos vem de Maria Adélia Aparecida de Souza, quando, em diferenciando a cidade do urbano, aponta para o fato de que a cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim a materialidade visível do urbano. (SOUZA, 1997 apud SANTOS, 1992). Esse concreto, essas redes e essa materialidade visível só são, ao nosso juízo, e como aponta a autora, possíveis em relação com este urbano. Assim sendo, cidade e urbano se confundem e se mesclam em uma trama que revela a indissociabilidade desses dois fenômenos. Como nos aponta Santos, (1999), o urbano não se faz sem a cidade e a cidade é o substrato material do acontecimento deste, mas ambos fazem parte do mesmo movimento e da mesma totalidade que se assevera em um contínuo processo de fazer-se/desfazer-se/refazer-se.

Caicó - a cidade - ao se expandir fisicamente, leva para os seus limites perimetrais e para além destes um *modus vivendi* característico, aquele que imprime na paisagem um “ar” moderno/arcaico, de civilidade/

10 “Atualmente, portanto aprofunda-se um processo induzido que se pode chamar de a ‘implosão-explosão’ da cidade. O fenômeno urbano se estende sobre grande parte do território, nos grandes países industriais (...). Com efeito, o interesse do ‘tecido urbano’ não se limita à sua morfologia. Ele é um suporte de um modo de viver” (LEFEBVRE, 1967; 2001).

incivilidade, de fluidez/viscosidade, de rapidez/lentidão, de uma presença mais consistente da técnica ¹¹ou a quase total ausência desta. Não se trata de uma tentativa dicotomizadora entre campo-cidade, como já falamos anteriormente, mas de uma análise real, em relação ao nosso objeto. A expansão urbana é a legítima expressão da cidade ampliada e essa ampliação assenta-se em pares dialéticos, como: Estado e Mercado; Velho e Novo; Externo e interno, entre outros.

Os eventos/objetos, os quais pensamos ser os umbrais do espraiamento citadino, revelam-nos uma Caicó em contínuo movimento expansitário, onde, como já dissemos, o hoje avança para além do ontem e se encontra de forma prospectiva com o amanhã. É essa cidade que, como sugere Delle Donne, (1979) se nos apresenta em um mix de funções e que em um diálogo com Santos, (1985), tais funções estão intimamente ligadas às estruturas e às formas, e que acontecem em um permanente processo.

Enfim, a cidade se alarga, também, porque apresenta uma importante característica. Ela é, por natureza, atrativa, sedutora, repleta das mais variadas oportunidades, embora, como já assinalado acima, ela se apresente contraditória. Literariamente, Ítalo Calvino, em “As Cidades Invisíveis”, mostra-nos que estas podem ser aquilo que delas se vê ou se entende.

Essas contradições impressas no tecido citadino/urbano em expansão e que nos aponta o caminho em busca da compreensão, da exploração e quiçá a elucidação da problemática que envolve a nossa pesquisa. Esta conotação, que é típica da cidade, poderá nos trazer ingredientes indispensáveis à nossa pretensão, como é o caso, por exemplo, do êxodo rural.

Sabemos que Estado e Políticas Públicas não são temas legítimos da geografia, mas fazendo uso do artifício da metadisciplina, concordamos com Hirschberger (1967), quando nos mostra que, desde a “sociedade doméstica”, defendida por Aristóteles, a “lei do mais forte” (do “Estado da Natureza”), a dominação pela acumulação primitiva de excedentes, associada ao marxismo, os conceitos de solidariedade (orgânica e mecânica) em Durkheim e os “contratos” em Locke e Hobbes, a noção de Estado passa por um processo de contínua evolução: (Nômades, Cidade-

11 Em um trabalho como este não podemos desprezar o papel das técnicas e da informação, pois são sinônimos de contemporaneidade e nos servirá de alicerce para a análise de vários acontecimentos pertinentes ao nosso objeto de estudo e que estão presentes ora mais intensamente, ora de forma menos contundente no nosso campo de pesquisa. A estes dois aspectos, Santos (2008) se refere como sendo os grandes símbolos da modernidade e do mundo globalizado.

Estado, Império Burocrático e Feudalismo) até desembocar no chamado Estado Moderno.

Faz-se mister conferir a Maquiavel o uso, pela primeira vez, da palavra “Estado,” no sentido de moderno e que o define como a sociedade política organizada, o que implica a existência de uma autoridade própria e de regras definidas para a convivência de seus membros, como em Hirschberger, (1967).

De sua origem até os dias atuais, esse Estado Moderno já nos legou a monarquia, o Estado Liberal, a crise desse Estado Liberal (fascismo e comunismo), o aparecimento do Estado Democrático Liberal (crise de 1929) e, no período mais contemporâneo, o Neoliberalismo, que já comanda e se faz corpo principal das ideologias dominantes em grande parte dos países do mundo, mas que enfrentou, recentemente, a sua crise.

O papel do Estado, na urbanização capitalista, é definido por Lojkin (1997) em dois aspectos: como um instrumento de “regulação” social e como uma intervenção contraditória sobre a socialização das forças produtivas. Essa visão nos ajuda a pensar a questão do controle, bem como da centralização, pelo Estado, de alguns dos comandos sobre as sociedades e, embora esse autor tenha uma análise mais voltada para os países capitalistas desenvolvidos, ela nos serve, no sentido em que, no nosso estudo, um dos pares dialéticos, que nos guia, é o externo versus o interno e a condição de subordinação por nós enfrentada, ou seja, vivemos sob o domínio do capitalismo.

No caso do Brasil, desde sua história colonial, passando pelo império e chegando à República, este se fez um Estado Federado e, assim sendo, a cidade, que é representada pelo próprio Estado (governo municipal), é, também, comandada ou normatizada por instâncias outras em esferas hierarquicamente superiores: a esfera Estadual e a Federal, e é aí que reside a importância da ação dessas esferas de Estado, através das políticas públicas.

No território usado da cidade contraditória - porque todas elas são - A vida em sociedade é complexa e envolve diferentes interesses que geram conflitos. Para sanar tais conflitos, podem-se tomar vários caminhos diferentes. Um deles é a adoção de políticas que podem ser e, geralmente, são públicas. Essas políticas podem apresentar os mais variados resultados, tanto de cunho positivo como negativo. Elas, igualmente, trazem em seu

bojo intencionalidades¹² e tendências¹³, em que sua realização possa ou não ir ao encontro da demanda (output¹⁴ versus inputs¹⁵). Geralmente, o que se percebe é a tendência de privilegiar os interesses daquele segmento da classe dominante que está no poder, conforme Corrêa (2000). Assim sendo, aparecem os fenômenos da segregação e da autosegregação espacial nas cidades. Isso é facilmente verificável na Caicó em expansão, quando o estudo da sua realidade mostra espaços tão diferenciados, porém coexistentes.

Nessa compreensão, as políticas públicas podem, por um lado, oportunizar a melhoria da qualidade de vida da população, redistribuindo renda, ou podem, por outro lado, privilegiar setores dominantes da sociedade, aumentando, ainda mais, a concentração da renda e da desigualdade social.

É o que tem acontecido historicamente, no Brasil. Os governos investiram os recursos públicos no fortalecimento dos setores privilegiados da sociedade (infraestrutura para indústrias e grandes investidores, modernização das indústrias que substituem máquinas por trabalho humano, altos financiamentos para alguns setores...).

Separaram a economia da sua dimensão social. Acreditavam e ainda acreditam que desenvolvendo a economia - a partir das grandes empresas - a população toda seria beneficiada. Essa promessa da “divisão do bolo”, que não para de crescer, nunca aconteceu de forma a beneficiar os setores mais espoliados. O nosso objeto de estudo poderá ser um revelador dessa situação, pois a Caicó, que se expande, parece ser abrigo dessas desigualdades, fruto de políticas públicas mal dirigidas e um plano diretor que, em grane medida, encerra-se “no papel”.

Há, ainda, que se analisar a relação que existe entre a política pública e a política partidária (no intuito de privilegiar pessoas e/ou partidos políticos). Desse modo, poderemos encontrar nas cidades - e é assim em Caicó - obras ou projetos resultantes dessa relação e que, na maioria das vezes, constituem-se em políticas incompletas ou que, no máximo, funcionam sem atender, a contento, aos objetivos para os quais

12 Intenções particulares ou coletivas deste ou daquele agente (pessoa ou instituição). Essas intenções precisam ser analisadas cuidadosamente, pois, em muitas das vezes, estão carregadas de perversidade e se utilizam para atender o particular em detrimento do coletivo.

13 São as tendências que levam em consideração os fatos e o tempo em que estes estão em evidência. Elas podem ser internacionais ou no máximo nacionais e têm um rebatimento no local de aplicação da política pública, podendo ser ou não adequável àquela realidade.

14 Tipos de políticas Públicas resultado da atividade política.

15 Demandas do meio ambiente processadas pelo sistema político, podendo transformar-se em Políticas Públicas.

foram geradas, mas, felizmente, também pode acontecer o contrário.

No caso específico do nosso campo de estudo, destacamos a forte influência de alguns políticos. Merece destaque, o já falecido Senador (biônico) Dinarte de Medeiros Mariz, que “trouxe” para a cidade em questão, entre tantos outros equipamentos urbanos, um Batalhão do Exército Brasileiro e o campus da UFRN, que é um dos objetos-chave da nossa análise. Com isso, não queremos só acender luzes sobre esse ou aquele agente e essa ou aquela ação, mas, também, focar na escuridão dos hiatos deixados por essa relação entre políticas públicas e as políticas partidárias, ali aplicadas.

Um novo movimento passa a ser percebido no tratamento das políticas públicas. É o que Fernanda Sanches (1999) chama de renovação dessas políticas. Essa autora nos mostra que no frenesi do fim de siècle, o city marketing ou a promoção da cidade entra em cena. Esse é mais um ponto importante na discussão das políticas públicas e mais especificamente das chamadas “políticas urbanas”. A cidade cresce, dinamiza-se e revela cada vez mais sua condição de chamariz, de atração. Um dos vieses desta realidade é exatamente o “urbanismo do espetáculo”, como nos aponta Sanches (Ibid).

As cidades se transformam em marcas, em grifes, e nos parece que esse fato é mais comum nas cidades em expansão. Com a propalada onda do turismo, que ganhou força nos últimos anos, as condições naturais, a gastronomia, a religiosidade, a condição para a realização de eventos, entre outros, têm colocado em “relevo” o nome de algumas delas.

A nossa área de estudo merece uma investigação nesse sentido. A religiosidade e alguns produtos da gastronomia, produzidos ali, já são divulgados há vários anos (divulgação feita de pessoa para pessoas e não institucionalizada). Anunciam o “Queijo de manteiga, a carne de sol, o picolé de Caicó”, entre outros. Essas são algumas das falas e dos produtos que “vendem” esta cidade. Mas é também notório a perspectiva de institucionalização deste “city marketing” em Caicó e essa é uma das exigências geradas pelo espraiamento e incremento da cidade em tela, reveladas em equipamentos urbanos com a “Ilha de Santana” e a Nova Praça José augusto. Ver capítulo 03.

Em Caicó, o Estado e suas políticas públicas poderão se mostrar extremamente presentes na dinâmica da economia e, conseqüentemente, na fase de expansão mais significativa (desde 1970), pois parecem ser responsáveis, primeiro, por uma massa salarial que representa a maioria do capital circulante e, segundo, porque essa massa salarial pode ter a sua origem em grande medida, nas políticas que trouxeram à cidade

uma série de instituições de serviços, que garantiram, como garantem empregos a muitos dos habitantes. Esses serviços abrangem as esferas Federal, Estadual e Municipal.

Ainda queremos destacar como essas mudanças, na cidade expandida, (fragmentada, coexistente), conforme já anotamos com suporte em Corrêa (1997; 2000) e Santos (2008), poderão influenciar na divisão territorial do trabalho ou nas divisões territoriais do trabalho, segundo nos aponta Maria Laura Silveira ao se remeter a essa fragmentação e que, aqui, chamaremos dessas “diferentes cidades na mesma cidade”:

Por isso, hoje mais do que nunca, analisar a cidade significa enfrentar o debate sobre a riqueza e a pobreza que advém desse rendilhado de divisões territoriais do trabalho. Ambas a riqueza e a pobreza são produto de um período histórico, cuja análise permite definir objetos e agentes envolvidos nas relações de dominação e subordinação. A atual divisão territorial do trabalho, prenhe de ciência e técnica [...] torna-se hegemônica, permite a obtenção de excedentes impensados e, desse modo, desvaloriza as divisões territoriais do trabalho pretéritas. (SILVEIRA, 2007, p.18)

O tema tratado na citação acima, que tentaremos analisar, quando da discussão sobre o papel do Mercado, através do capital privado na Caicó, em expansão, mas aqui nos chama a atenção como o Estado, em suas intervenções, pode estar alterando a divisão territorial do trabalho na malha urbana, por nós investigada. Nesse sentido, é importante estar atento às consequências advindas de tal requalificação/redistribuição operada por esta DTT¹⁶.

O Mercado e o Capital Privado também não se circunscrevem como sendo temas principais, a serem tratados pela geografia, mas os inserimos na nossa análise, pela mesma ideia da metadisciplina e pela importância do par dialético que formam e orientam nosso trabalho.

É na transição do sistema feudal para o capitalismo que surge o mercado da forma como ele é atualmente. Porém, a análise sobre o Mercado, que nos interessa de fato, é aquela que o revela em sua contemporaneidade, em especial, a do período técnico-científico-informacional.

O tema Mercado será aqui analisado do ponto de vista das empresas de capital privado, que podem interferir na constituição do

¹⁶ A divisão do trabalho é uma das categorias fundamentais da economia política e é também uma das chaves para a explicação da distribuição, sobre a Terra, dos homens e das atividades. (Santos 2009, pp. 120-121).

território usado, especialmente, no espaço urbano, por nós estudado, e como esse capital se operacionaliza no processo de expansão do “sítio” urbano de Caicó.

Consultas a textos de autores, como: Ricardo, Smith, Marx, Keynes, entre outras, serviram de lastro para essa dissertação, porém , no contexto a que nos referimos, é Santos (1979; 1981; 1999) que nos guiará com suas análises profundas e de uma quase completude sobre o que ele chama de globalização, de mundialização, bem como da força do dinheiro (tirania do dinheiro) que veio - nos últimos anos - a reboque da internacionalização do capital, através da expansão das chamadas “transnacionais”, bem como dos importantes grupos de empresas nacionais e que têm uma certa influência nos mercados.

Na cidade de Caicó, a força do capital privado se manifesta claramente, sendo que, ali, poderemos perceber um vigor mais contundente de empresas locais/regionais, mas sabemos que, em se utilizando da noção do “motor único”, (SANTOS, 2001), podemos, da mesma forma notar que se a cidade de Caicó não é diretamente tributária dessa força do capital externo, ela parece está sob a influência de tais forças, pois, parafraseando Lefebvre (2001), que, em sua obra, refere-se às sociedades que estão sob o processo de industrialização, nos referiremos dessa forma: se não somos diretamente internacionalizados, estamos sob o processo de internacionalização do capital, sob a força de um progresso técnico.

A técnica aparece como sendo um dos mais importantes trunfos desse capital privado. Mas de que forma essa técnica pode ser entendida como trunfo? Além da chamada “tirania do dinheiro”, Santos (2001) ainda nos chama a atenção para outros dois aspectos importantes: a “unicidade técnica” e a “convergência dos momentos”. Esses são fenômenos que vêm conferindo ao capital privado, ou seja, às grandes corporações, uma hegemonia no comando de alguns mercados e isso se reflete na cidade em expansão, quando da presença do “externo” em detrimento do interno. Um bom exemplo é a presença de formas (fachadas de casas, processo de verticalização, mesmo que desnecessária, como também automóveis importados de última geração etc.), de estruturas (redes e fluxos e comunicação via satélite, bancos - nacionais - com avançado sistema de atendimento, universidades, entre outros). Essas formas e estruturas trazem em si uma gama de funções que dão à cidade um tom de “modernidade”, afinal, esta é caracterizada como centro regional, que atende a várias outras cidades menores, tanto do Estado do Rio Grande do Norte quanto do vizinho Estado da Paraíba.

Não podemos nos furtar a fazer uma menção ao poder que as

empresas privadas podem exercer, a partir do aparato do Estado, pois alguns órgãos públicos é que dão uma espécie de sustentação ao mercado e, conseqüentemente, ao capital privado. Na atualidade, se discute esta relação, público versus privado e o que se pode ser verificado, mais uma vez, é que o Estado aparece como o grande guardião desse mercado. A crise, que acabamos de presenciar, não nos deixa mentir. Este é um fato incontornável para o nosso trabalho, pois na cidade que se expande, através dos eventos (ações) que criam ou refuncionalizam objetos (fixos), esta íntima e, muitas das vezes, nefasta relação poderá se fazer facilmente verificável.

De acordo com Santos (Ibid), a presente globalização é prenha de perversidade e, um terreno fértil para as desigualdades. É exatamente a ação do capital privado (em muitas vezes legitimado pelo Estado) que dissemina esse tom perverso e esta iniquidade brutal, onde os mais abastados se abastam ainda mais em detrimento dos espoliados ou daqueles que Santos (Ibidem) chama de “lentos”. Ao olharmos mais atentamente para a urbe caicoense, é possível enxergarmos toda essa gama de crueldade espargida pela acumulação asseverada do capital que, com todas as suas forças, vai aos poucos, de forma patente, criando e recriando mecanismos que fragmentam a cidade e a transformam, como já dissemos, em um território usado, caracterizado pelas diferentes cidades numa mesma cidade.

Ao final dessa “viagem” pelos conceitos e categorias, precisamos destacar a inter-relação que se faz presente entre estes, o nosso objeto de estudo e os eventos. O espaço geográfico, que em uma de suas frações, o espaço urbano, faz-se instância social (SANTOS, 1985; 1997 ; 2008), é materializado no uso do território. Essa materialização se revela quando da análise das estruturas, das formas, das funções e dos processos espaciais presentes na cidade, que se expõe como lugar do acontecer solidário: homólogo, complementar e hierárquico.

Este lugar/território/cidade é, em muitos casos, normado pelo Estado e (ab)usado pelo capital privado. A unicidade técnica e a convergência dos momentos dão asas à globalização, à mundialização e, nesse sentido, as áreas urbanas são as que mais denotam todo esse desenrolar de acontecimentos. Contudo, não as podemos negligenciar em nossa percepção. Por isso, faz-se mister anotar que a presença dos “homens lentos”, Santos (2001), é também marcante e é esse próprio autor que nos chama a atenção sobre a existência de circuit(os), e não de circuit(o) da economia. O circuito superior comanda, mas se sente “incomodado” por um tal circuito inferior. E é essa, entre outras, a conotação dialética

que nos move à constante investigação. É esse conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que, revelados através dos “eventos”, poderá nos chamar a compreender a expansão urbana de Caicó.

Como procedimentos metodológicos, adotamos práticas de investigação, através de várias ferramentas. Em primeiro plano, consultaremos uma bibliografia que é específica ao nosso objeto de estudo. Em seguida, faremos leituras acerca dos aspectos histórico-geográficos locais, como as dissertações do Professor Muirakytan Kennedy de Macedo, da Professora Eugênia Maria Dantas e, em especial, a dissertação de Mestrado da Professora Ione Rodrigues Morais, entre outras, a fim de nos embasarmos sobre a realidade (tempo/espço) do lugar.

Não nos descuidamos em fazer leituras análogas, como, por exemplo, as obras de: José Lacerda Alves Felipe, Manoel Correia de Andrade, entre outros, que descrevem, de forma plausível, a realidade do território Norte-rio-grandense e nordestino,. Todo esse esforço é incontornável em qualquer pesquisa, pois, além de nos trazer informações pretéritas, que podem ser aproveitadas em sua totalidade, nos darão a possibilidade de atualizá-las e/ou, ainda, a partir delas construirmos novas visões.

Foram utilizadas mais asseveradamente leituras das obras que são a coluna vertebral do nosso trabalho e que é o nosso aporte teórico principal, como: grande parte da obra de Milton Santos, Obras e artigos fundamentais de autores, como: Maria Laura Silveira, David Clark, Roberto Lobato Corrêa, Manuel Castells, Marcelo Lopes de Sousa, Maria Adélia Aparecida de Souza, entre outros -. Toda essa leitura nos fundamentou de forma densa e mais direta. Fizemos, da mesma forma leituras mais genéricas, quais sejam: livros, teses, periódicos, jornais, revistas e outros escritos que, de forma indireta, serão indispensáveis para o exame dos espaços citadinos e suas expansões. Isso permitirá analogias ao nosso objeto.

Realizamos, igualmente, um apanhado geral acerca dos eventos que, como novas ações colocadas em prática, constituíram-se em objetos - fixos - e ações - fluxos -. Isso será feito através de um levantamento documental e uma consequente análise sobre as políticas públicas e ação do capital privado que tiveram impacto na expansão urbana, em tela. Para cada evento, já elencados anteriormente- foi utilizado um procedimento específico, uma análise detalhada de sua origem, influência e reflexos impetrados na cidade que temos.

Não podíamos fugir à análise socioeconômica que implica a

migração campo - cidade (êxodo rural). Esse fenômeno se fez importante como um evento e um fator importantíssimo para a nossa pesquisa, porque também se coloca como um impulsionador do nascedouro de territórios ocupados e será capitaneado por entrevistas feitas junto aos migrantes, bem como de conversas informais e da aplicação de questionários. Faremos o uso desses instrumentos (por amostragem), com certo número de pessoas (jovens e adultas) que migraram da zona rural para aquela cidade, no afã de saber os reais motivos do movimento migratório, a zona da cidade por eles ocupada e a afinidade desse movimento com a nossa investigação.

Outro leque de entrevistas se direcionará aos proprietários de estabelecimentos privados e dirigentes de instituições públicas, a fim de investigarmos de que forma eles contribuíram ou mesmo receberam contributos no processo de expansão, da mesma forma com moradores que, por ventura, tenham se deslocado. Estas entrevistas nos revelaram o papel da iniciativa privada, bem como dos cidadãos comuns no decurso do alargamento da urbe caicoense.

Fizemos visitas à prefeitura e aos cartórios para a leitura de outros documentos (código de postura, lei orgânica, plano diretor, lei de loteamentos, licença para construção e outros). Esses documentos serão de suma importância para entendermos a origem/evolução/reflexo do fenômeno da expansão urbana, aqui tratada. E nessa empreitada, não fugimos à consulta em cartas, em mapas e em plantas, para efeito de comparação entre o “núcleo antigo da cidade” e o “núcleo em expansão”.

Realizamos a superposição de mapas (de períodos diferentes), confeccionados por nós, a partir de bases cartográficas, desenvolvidas por empresas, dentre os quais a Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (CAERN), como também pela Prefeitura Municipal da cidade. Esses instrumentos foram basilares para compreendermos, com detalhes, os “rumos” da expansão, assim como suas dinâmicas físico-espaciais.

Fizemos, ainda, um levantamento junto à câmara de vereadores sobre a legislação que cria e/ou regulamenta os bairros, bem como a análise dos projetos para a consolidação destes, como, por exemplo: a construção de escolas, de postos de saúde, a rede de saneamento, abastecimento d’água, iluminação pública, que se constituem em “eventos derivados”. Este levantamento, que se dará de forma documental e fotográfica, trouxe uma relevante importância para o nosso intuito de entender o papel do Estado Municipal.

As fotografias constituíram-se como indispensáveis à nossa pesquisa, pois elas nos revelaram como o território, ano a ano, década

a década, foi sendo praticado e alterado. Queremos lembrar que este recurso é de suma acuidade, em especial, para o resgate das divisões territoriais pretéritas, para a análise das mudanças das formas e das funções, e, em especial, para o entendimento do processo histórico que gerou toda essa alteração no espaço citadino, aqui tratado.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro intitulado “Atualidade e Movimento na Cidade: Caicó como ela é”. Neste, fizemos uma análise da cidade e suas conexões com o mundo, como também com o seu entorno. Destacamos, ainda, os lugares ou subespaços opacos, lentos, viscosos e tecnicamente rarefeitos, onde a lentidão se coloca a serviço da cidade. A análise dos subespaços intermediários também são destaque, pois são vistos como subespaços luminosos marginais, em analogia com o que aponta Santos (1979), sobre os circuitos da economia urbana. Os subespaços luminosos, rápidos, fluidos e tecnicamente densos também foram analisados na sua importância para o processo de expansão urbana de Caicó. Por fim, neste primeiro capítulo, fizemos um exame das obras já existentes que versam sobre a nossa base empírica e nelas detectamos contribuições, como também lacunas, das quais, algumas, tentamos preencher.

O segundo capítulo tem como título: “Períodos, Rugosidades e Eventos: Caicó como ela tem sido”. Analisamos a formação territorial e sua relação com os processos e períodos técnicos, os quais arbitramos. A Pecuária, como um sistema técnico, definindo um período e usando e formando o território caicoense. Um outro sistema técnico, por nós elencado, tem como lastro a economia algodoeira, o mais importante período técnico na história da cidade. Desse período, analisamos sua ascensão, como a sua crise, como também o papel das usinas de algodão para o estudo em tela. A cidade da economia terciária também mereceu destaque. Este período técnico é colocado como aquele que sucedeu o algodão e sustentou na cidade sua condição de centro regional, através de um forte comércio e um setor de serviços importante. Finalizamos esta parte da pesquisa, mostrando a relação dos eventos com a expansão, pela analogia da ideia de extensores urbanos como elementos de expansão da cidade.

O terceiro e último capítulo foi intitulado: “Expansão Urbana: territórios da desigualdade e da coexistência”. Neste, analisamos como a expansão urbana de Caicó resultou em consequências negativas e positivas. Os microterritórios da lentidão realçados a partir de uma espoliação severa, mas, também, os microterritórios que nasceram, a partir de demandas da cidade, que se expandiu,

confirmaram-se como centro regional e tiveram alguns subespaços incrementados.

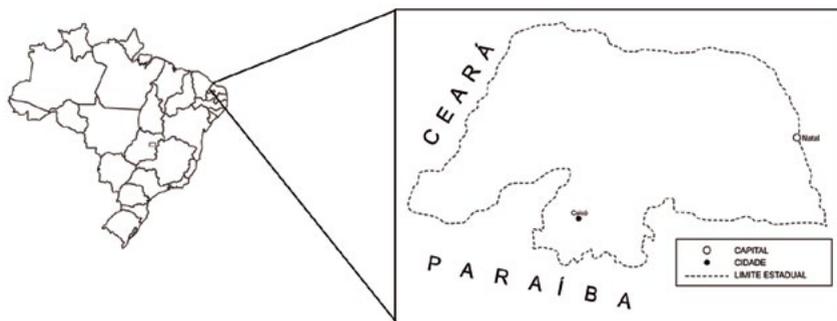
Por fim, esboçamos algumas observações conclusivas, a que chegamos, com um sentido muito mais de problematizar do que propor resultados fechados e definitivos sobre a base empírica investigada, de abrir novos caminhos e deixar trilhas, para que novas pesquisas sejam elaboradas e desenvolvidas no sentido da melhor compreensão sobre o espaço urbano e o território usado na cidade de Caicó.

1. ATUALIDADE E MOVIMENTO NA CIDADE: CAICÓ COMO ELA É

1.1 A CIDADE ATUAL E SUAS CONEXÕES

O município de Caicó, localizado no centro-sul do Estado do Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil, contava, em 1970, com uma população urbana de 24.538¹⁷ habitantes.

Atualmente, essa população já é de 58.032 habitantes, segundo dados estimados ¹⁸pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009, números que têm sido bastante acompanhados por aqueles que estudam a cidade e até mesmo pelos moradores que vêem Caicó se agigantar em sua área urbana ocupada, especialmente desde a contagem realizada em 1996 pelo mesmo instituto, e que apontava uma população urbana de 45.829 habitantes.



Mapa 01: Localização de Caicó no território potiguar

Fonte: Elaborada pelo autor, 2009.

17 Contagem da População, segundo os municípios – Rio Grande do Norte – IBGE

18 Para chegar aos novos resultados populacionais, o IBGE empregou uma metodologia de conciliação censitária combinada com o Método das Componentes Demográficas, uma ferramenta demográfica do país, procurando obter coerência entre os censos e contagens dos anos 1980, 1991, 1996, 2000 e 2007. (Jornal Tribuna do Norte, 14/08/2009). A partir desta idéia também elaboramos uma estimativa da população urbana e rural, como também da taxa de urbanização do município de Caicó.

Tabela 03: Evolução da População Urbana e Rural de Caicó

ANO		1970	1980	1991	2000	2009
Nº. de habitantes	Rural	11.983	9.235	7.857	6.378	4.974*
	Urbana	24.538	30.793	42.801	50.624	58.032*
Taxa de urbanização		67,3%	76,9%	84,5%	88,8%	92,1%*

Fonte: Censos do IBGE de 1970, 1980, 1991, 2000; Os dados referentes a 2009 foram calculados, pelo autor, com base na média das décadas anteriores e na estimativa populacional dada pelo IBGE.

O perímetro urbano atual já foi modificado e alargado por duas vezes, conforme as leis 1.582, de 18 de abril de 1979 e 4.277, de 31 de dezembro de 2007. Percebe-se que este sofreu assim como a população, uma interessante evolução. A expansão urbana de Caicó, além de impressionar pela sua densidade e rapidez, quando comparada com a maior parte das cidades do interior do Estado, chama a atenção pelas consequências dela resultantes, em especial, nos últimos quarenta anos (1970 - 2010).

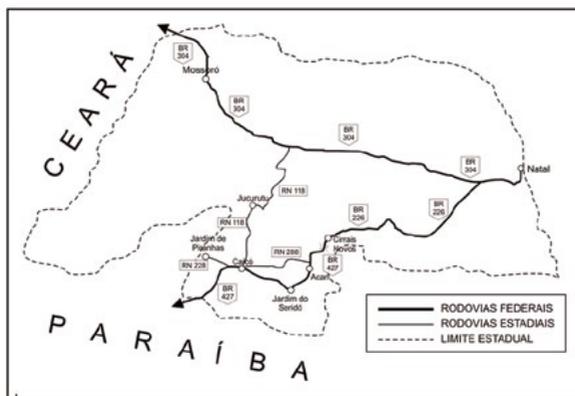
Para além dos números, faz-se importante percebermos as estruturas que dão suporte a esta considerável expansão, que coloca a cidade de Caicó como centro de um importante território, tecido por uma rede urbana¹⁹, que interage e pratica, entre si, aquilo que Santos (1999) chamou de “acontecimentos solidários”.

Cortada de leste a oeste por um eixo principal, a BR-427, para onde convergem e de onde divergem vários outros eixos secundários, como as RN's 118, 228, 288 e 084, entre outras, a cidade de Caicó conta hoje com 32²⁰ bairros, além de estar, através dessas rodovias federal e estaduais, ligada por um conjunto de fixos e uma rede de fluxos com os municípios limítrofes, como também com as duas principais cidades do Estado: Natal (a capital), a leste, pela RN 288 e BR's 427 e 226, e Mossoró, a oeste, pela RN 118 e BR 304. Esta segunda cidade tem, por sua vez, uma íntima ligação com o vizinho Estado do Ceará. Assim sendo, Caicó está em conexão (por meio físico) com o referido Estado. Essa interação se faz concreta por meio de viagens assíduas de comerciantes caicoenses, que ali

¹⁹ A cidade de Caicó “comanda/interage” atualmente com um grande número de cidades, tanto do Estado sede, quanto do vizinho Estado da Paraíba. São mais de vinte municípios que formam um importante território, donde Caicó é o centro por possuir os mais “avançados” serviços, um forte comércio e uma série de elementos que a faz mais densamente técnica que as demais cidades desse território.

²⁰ O número de 32 bairros foi fornecido pela secretaria de tributação da Prefeitura Municipal de Caicó, sendo que nem todos eles estão oficializados e criados por lei. Grande parte vai se formando aleatoriamente e é nomeado pelos que os habita.

compram e abastecem suas lojas de confecções, sapatos e bolsas. Segundo a comerciante “Mundoca”, “Cerca de cinquenta comerciantes caicoenses viajam com certa frequência à capital cearense para incrementarem suas lojas e negócios”. Por outro lado, Caicó também se aproxima na sua parte sul, ao Estado da Paraíba, no qual tem estreita relação com várias cidades, desta feita como centro abastecedor de serviços e produtos. Além de apresentar-se ainda ligada a áreas importantes da parte norte do Estado em que está sediada.



Mapa 02: Rodovias Federais e Estaduais que Conectam Caicó ao território potiguar e a Estados vizinhos
Fonte: Elaborada pelo autor, 2009.

A relação de Caicó com as, já citadas, duas principais cidades do Estado revela aconteceres homólogo e complementar Santos (2008) e expõe uma situação, na qual o município ora é fornecedor, ora é consumidor, quando em interação, principalmente, com a capital Natal. Apesar de apresentar certa densidade técnica em alguns de seus “subespaços mais importantes²¹”, Caicó depende da prestação de alguns serviços mais “tecnicamente avançados”, que não detêm. Um exemplo claro se faz visível no sistema de saúde, tanto público, quanto particular. É nessa área do setor terciário que instituições e pessoas da cidade buscam na capital do Estado alguns atendimentos mais sofisticados, pois, neste aspecto, “o mundo” se revela com mais eficácia em Natal - e sua área metropolitana - e Mossoró.

21 Estamos nos referindo aos lugares onde aparece uma densidade técnica mais importante, os quais analisaremos mais adiante

Mas não é só no exemplo supracitado que podemos nos deter para explicarmos esta trama interurbana, pois, em relação a alguns produtos e suas tecnologias, como também aos seus custos, é na cidade maior e mais equipada que, geralmente, estão as melhores oportunidades. No entanto, o comércio caicoense da carne de sol, doces, queijos (coalho e manteiga), da própria manteiga, de linguiça suína, de biscoitos feitos artesanalmente, entre outros, abastece semanalmente a capital do Estado, comprovando assim essa relação que nasce dos diferentes processos de desenvolvimento das técnicas que Ortega y Gasset (1939) classifica como sendo as técnicas do acaso²², do artesão e do técnico ou do engenheiro, e que se entrecruzam para legitimar a relação interurbana das pequenas, médias e grandes cidades do nosso país, como no exemplo de Caicó e Natal.

Mas, quando falamos em dependência entre as cidades ou entre a cidade e a região, é aconselhável tomarmos por base o que nos aponta Santos (1997, p. 137): “uma tipologia das relações cidade-região tomará, pois, por critério, o grau de integração e não o tipo de função dominante, sendo a integração tanto mais complexa quanto mais complexos e diversificados sejam os vínculos”. Assim sendo, a imagem de domínio esmaece frente à ideia de integração das cidades e ainda nos mostra o quanto a “solidariedade global” dá cada vez mais lugar a novos tipos de decisões, que podem vir tanto de perto - e nesses casos ainda se podem verificar as tintas fortes do paradigma função dominante versus função dominada - como, também, podem vir de muito longe²³ e aportar em lugares que não são o centro de uma rede urbana, rompendo a ideia do domínio e reformulando completamente as pirâmides da hierarquia urbana. Nesse sentido, a cidade de Caicó aparece como Cidade Regional em relação com várias cidades vizinhas.

Quando analisamos a rede urbana formada por Caicó da qual ela é o centro, enxergamos as duas situações, por um lado a urbe caicoense exerce certo domínio, por outro lado é a integração entre esta cidade e as demais do seu entorno que prevalece. Esse fato pode ser observado nas relações intensas e interdependentes desenvolvidas pelas populações desse território, como, também, na aquisição de produtos²⁴ e serviços que

22 Esta classificação é importante, mas se faz necessário analisar que nos dias atuais, mesmo com a mescla de tantas técnicas ou do conjunto destas, não é mais comum encontrá-la nos subespaços citadinos.

23 No capitalismo atual, em especial nesses últimos anos onde impera a Revolução Técnico-científica e informacional. As decisões sobre os lugares são cada vez mais diversificados tanto no que tange aos centros destas decisões quanto aonde elas deverão ser implementadas.

24 Estamos nos referindo, por exemplo, às compras feitas pela Internet, ou mesmo a alguns serviços que são prestados também por este meio. Um outro exemplo são o comércio e os serviços que vão a domicílio e rompem com a noção de ir até o “centro”

nossa pesquisa ganha capilaridade em suas ruas, becos e vielas, percebemos o que poderia parecer “algumas cidades em uma”. Os processos que unem e separam tempos e espaços nos revelam velhas e novas estruturas, bem como, novas formas e suas rugosidades, e ainda funcionalizações e refuncionalizações destes espaços que se mostram através destes longos e complexos processos²⁵.



Figura 01: Antiga Usina de Algodão no centro de Caicó
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

De um lado, pode-se depreender uma cidade lenta, viscosa e com rarefação técnica Mas o que seriam estes lugares de lentidão? Santos e Silveira (2006) asseveram que os espaços da lentidão são aqueles, onde aparece um pequeno número de vias, os transportes são mais lentos e arcaicos, e a técnica se apresenta rarefeita. Por outro lado, o oposto também é perfeitamente perceptível, quando Caicó se mostra rápida, fluida e com lugares de uma respeitável densidade técnica, além de subespaços que revelam uma condição intermediária da presença da técnica, como veremos ainda neste capítulo. Os mesmos autores, acima citados, argumentam que os lugares da rapidez apresentam o oposto da lentidão, ou seja, grande número de vias, modernos e velozes transportes, visível densidade técnica, assim como uma divisão do trabalho mais rígida e mais importante . É aí que se verifica a “dialética urbana”, na qual se estampam pares dialéticos como o velho e o novo, o interno e o externo, entre outros.

²⁵ Os processos aos quais nos referimos são aqueles que ligam o presente ao passado e revela a imbricação do novo e do velho, nos oferecendo um relato que sugerem análises para além da simples historiografia.

1.2 OS MUITOS LUGARES OPACOS, LENTOS, VISCOSOS E TECNICAMENTE RAREFEITOS

Silveira (1999), em sua tese de doutoramento, intitulada “Um país uma região”, nos chama a atenção para o que ela denomina de “geografia letárgica”. Esta sinonímia do conceito de opacidade (SANTOS; SILVEIRA, 2006) nos serve para a análise dos opacos lugares caicoenses, onde podemos perceber áreas de extrema pobreza, em que os vestígios do passado comunicam formas e estruturas que remontam períodos técnicos pretéritos, mas que, como nos ensina (SARTRE, 1968 apud SILVEIRA, 1999), esse passado não aparece no isolamento da sua preteridade, e, portanto, mesmo os lugares de letargia/opacidade se apresentam dialeticamente e revelam traços de luminosidade. A este conceito, a mesma autora nos traz uma outra sinonímia: a “geografia luminosa”. Letargia, opacidade e luminosidade fazem parte de uma mesma totalidade, que se revela nos subespaços urbanos, como é o caso de Caicó em sua formação territorial.

Os lugares opacos, que também são lentos, revelam para além de suas formas, seus conteúdos. A falta de estrutura, a pobreza, a menor inserção no mundo da “modernidade alienígena²⁶,” ditada pelo atual sistema e, principalmente, o abandono dessas áreas, por parte do poder público, que não opera com eficientes políticas públicas de inclusão, são visíveis.

Há, também, por parte das empresas que, nesses lugares, enxergam apenas uma população que, mesmo participando do enredo que se encena na acumulação de dinheiro e poder por essas empresas, a falta ou quase ausência de atenção, a não ser a que lhes confere a condição de meros consumidores e que os delega a outorga de estarem fazendo parte da modernidade contextualizada no discurso capitalista ou da “falsa modernidade,” que lhes imputam a também falsa ideia de um mundo melhor, ou do mundo como uma fábula, revelando assim as perversidades.

De fato, para grande parte da humanidade a globalização está se impondo com uma fábrica de perversidades [...] a perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. (SANTOS, 2001, pp. 19-20)

²⁶ A ideia de modernidade alienígena Santos (2000) nos parece legítima e embasa bem o propósito do nosso trabalho, pois trata-se de uma alienação através de um discurso de que só é moderno, o que vem de fora, do centro (Europa, Japão e E.U.A.). Essa modernidade é aquela disseminada pela ideia capitalista do mundo como uma fábula. É aconselhável ainda ver Giddens (1991), Soja (1993), Harvey (1999), Braudillard (2001) e Jung, (1997) em suas análises sobre a modernidade.

Tais perversidades, advindas de tal fábula, aparecem com mais intensidade nas áreas de opacidade. Quando nos referimos a essas áreas de opacidade, de lentidão, de viscosidade e de rarefação técnica, estamos chamando a atenção para pontos da cidade, formados por bairros, que ocupam zonas distintas e que assim podem ser enxergados se levarmos em conta as diferenciações no território (SANTOS; SILVEIRA, 2006), como, também, os grupos sociais que os habitam.

Nas referidas áreas, se verifica a existência de poucas indústrias, de um comércio mais fracamente equipado²⁷, de uma precária prestação de serviços e da existência de pouco acesso a artefatos que ensejam a ideia dessa modernidade, como, também, de acesso a certas tecnologias. Os grupos sociais, suas vivências e suas bases de sobrevivência demonstram, com clareza, a imposição de ações emanadas de agentes locais e que se revelam na concentração de renda, da terra, na espoliação do trabalhador e na injusta divisão do trabalho. Juntem-se a todo esse processo os malefícios também impostos pela globalização ou pelo que poderíamos chamar, como assevera Santos (2001), de um conjunto de tiranias.

A maioria dos 32²⁸ bairros caicoenses apresenta fortes traços de miserabilidade e, portanto, está repleta daquilo que é o oposto à presença significativa das técnicas mais sofisticadas do período técnico vigente²⁹, como também é a oposição à celeridade dos espíritos e, portanto, é presença da força dos lentos (SANTOS, 1998).



Figura 02: Formas arcaicas presentes no urbano de Caicó

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

27 A exceção são alguns empreendimentos comerciais importantes que estão na periferia da cidade, como o Supermercado Santa Rita no bairro Paulo VI, o Supermercado São Francisco no bairro Barra Nova, o Hospital Regional do SESP, o prédio do antigo CAIC que, hoje, abriga a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. Essas instituições são tratadas no nosso trabalho como eventos e sobre estas e outras espalhadas pela cidade nos aprofundaremos mais adiante.

28 A cidade possui atualmente 32 bairros (oficiais e não oficiais). A grande maioria destes se apresenta opacos e tecnicamente rarefeitos. No entanto, a cidade, postulado da diversidade, não nos permite falar em subespaços completamente luminosos e nem em subespaços completamente opacos.

29 Trata-se do período técnico-científico e informacional e suas novas tecnologias.

O conteúdo dessas formas corrobora a baixa densidade de elementos que sugerem modernidade e, portanto, uma população de homens lentos³⁰, abandonados à própria sorte e vivendo em um contexto que, em sua visibilidade, expõem as mazelas urbanas ou aquilo que Schwartzman (2004) chama de exclusão e que pedem atenção para o fato de que: “[...] exclusão como o conceito que ajudaria a ir além da radiografia propiciada pelos diagnósticos de pobreza que constituíram, por longo tempo, o cânone [...] traz implícita a problemática da desigualdade, já que os excluídos só o são pelo fato de estarem privados de algo que outros (os incluídos) usufruem” (Ibid). E na análise, que ora fazemos, os homens lentos estariam, de fato, parcialmente privados dessa modernidade, como também de seus elementos constituintes.

No entanto, apesar da condição de excluídos, para esses homens lentos, a cidade se faz mais apropriada, melhor lida e entendida do que por aqueles que ocupam os espaços mais rápidos e luminosos, pois em busca das mais diversas alternativas de sobrevivência, eles estão sempre mais entranhados na teia urbana.

Mas, nestes subespaços, principalmente na maioria dos bairros, também aparecem algumas poucas formas modernas. No entanto, estas estão em menor número e são representados por algumas poucas residências, prédios de dois ou três pavimentos, lojas, supermercados e instituições que prestam serviços, ou seja, no conteúdo da maioria das formas e na análise de suas funções o que impera mesmo é a rarefação técnica, a viscosidade e a lentidão.



Figura 03: Formas modernas em subespaços pobres de Caicó
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O que estamos chamando de arcaico e moderno ou como preferimos, de velho e novo, são o conjunto de objetos que dão a conotação tanto às formas quanto ao conteúdo, como, por exemplo, de um lado, as arcaicas e modernas fachadas das residências, e do outro, a forte e/ou fraca

30 Segundo Santos (2001), homens lentos são aqueles que mesmo vivendo em um mundo globalizado, estão à margem desta.

presença de computadores, televisores, câmeras fotográficas digitais, entre outros. É importante ressaltar que tais objetos também carregam em si essa dualidade de novo e velho, mediante a tecnologia que cada um comporta.

Tabela 04: Nível de Presença Técnica em Caicó (I)

PRODUTO			TELEVISOR			REFRIGERADOR			APARELHO DE SOM		
TECNOLOGIA			-	LCD	LED	CONV*	02 PORTAS	FROST FREE	ANALÓG**	DIGITAL	COM MP3/ BLUETOOTH
BAIROS	ZONA OPACA	CB	49	01	00	37	16	07	15	14	07
		SOL	58	00	00	19	07	03	14	10	03
	ZONA LUMINOSA	MAY	64	22	00	29	28	25	20	19	14
		PEN	73	29	00	36	21	35	37	38	41
	ZONA INTERM.	BN	57	02	00	36	17	12	27	10	00
		PAR	61	01	00	35	23	13	27	06	00

* Convencional ** Analógico
 CB – Castelo Branco SOL – Soledade MAY – Maynard PEN – Penedo
 BN – Barra Nova PAR – Paraíba
 Pesquisa feita em 35 casas por bairro
 Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Tabela 05: Nível de Presença Técnica em Caicó (II)

PRODUTO			CELULAR			COMPUTADOR		AR CONDICIONADO	
TECNOLOGIA			CÂMERA	MP3	BLUETHOOTH	DESKTOP	LAPTOP	CONVENCIONAL	SPLIT
BAIROS	ZONA OPACA	CB	37	24	08	09	00	02	02
		SOL	34	14	03	03	00	00	01
	ZONA LUMINOSA	MAY	107	104	95	17	25	10	34
		PEN	112	112	65	40	11	05	38
	ZONA INTERM.	BN	16	10	00	15	05	00	07
		PAR	59	66	20	08	02	04	00

CB – Castelo Branco SOL – Soledade MAY – Maynard
 PEN – Penedo BN – Barra Nova PAR – Paraíba

Pesquisa feita em 35 casas por bairro
 Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Tabela 06: Nível de Presença Técnica em Caicó (III)

SERVIÇO		ACESSO A INTERNET			SINAL DE TV			
TECNOLOGIA		RÁDIO	VELOX	3G	CONVENCIONAL	PARABÓLICA	ASSINATURA	
BAIROS	ZONA OPACA	CB	06	01	00	13	22	00
		SOL	03	00	14	16	19	00
	ZONA LUMINOSA	MAY	18	03	04	03	28	08
		PEN	20	14	00	00	36	18
	ZONA INTERM.	BN	13	02	02	12	22	01
		PAR	06	00	00	09	30	00

CB – Castelo Branco
PEN – Penedo

SOL – Soledade
BN – Barra Nova

MAY – Maynard
PAR – Paraíba

Pesquisa feita em 35 casas por bairro
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Assim sendo, é a partir destes e de outros elementos que identificamos a lentidão, a viscosidade e a rarefação em contraste com a rapidez, a fluidez e a densidade das técnicas, dessas formas/objetos, e do que eles representam em termos de acesso ou da falta deste em relação ao chamado mundo moderno.

Tais características estão intimamente atreladas e são a chave para o entendimento da iniquidade que se revela nesses lugares opacos, onde em meio a uma parca modernidade, os homens lentos escrevem a sua história particular, servindo aos outros subespaços de rapidez ou empreendendo, através de um conjunto de diferentes técnicas, a chamada “flexibilidade tropical” (SANTOS, 1999), ao mesmo tempo em que sofrem com a perversidade global, com a violência e a tirania do dinheiro e da informação, como também da ideia do mundo como uma fábula.

Mas é preciso analisar essa zona opaca da cidade para além dos objetos que são ou não ícones de modernidade ou ainda trazem em si essa característica. Se faz mister também considerar as ações que permeiam estes subespaços.

Sabemos que a técnica está em todos os lugares e por que não dizer em todas as ações de homens e mulheres, pois “não há homem sem técnica” como afirma Ortega y Gasset (1963, p. 29). As técnicas estão, hoje, em toda parte: na produção, na circulação, no território, na política,

na cultura, no corpo e no espírito do homem. Tanto os objetos quanto as ações derivam da técnica (SANTOS, 1998), mas quando analisamos as áreas mais pobres da cidade de Caicó, principalmente, quando a enxergamos pelo crivo da totalidade, pois pensamos que não pode ser diferente, vemos que técnica, espaço e tempo se misturam para realçar uma realidade controversa, aquela que nos revela, de um lado, certa ausência de “mundo” no lugar³¹ e, do outro, a forte presença, no lugar, da totalidade-mundo, que se dá, por exemplo, através de aquisições de alguns bens, como celulares, televisores, entre outros.

É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado [...] os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares (SANTOS, 2001, p. 112).

Assim sendo, nos lugares, o tempo presente se mescla a tempos de outrora, os subespaços se comunicam e cotidianamente inferem na cidade como um todo, a diversidade de objetos e de ações e a técnica permeia toda essa encenação de um urbano complexo e revelador de dicotomias. Trata-se da pobreza e da miséria que prevalece nesses pontos de Caicó.

Os territórios opacos são vistos, por muitos, como “territórios dos homens sujos” ou “territórios dos homens maus”. Esses subespaços caicoenses padecem de infraestrutura. A carência, instalada nos objetos, e a quase ausência de ações deixam esta população órfã daquilo que é mais elementar. Andar por estes bairros, é como entrar no reino da verdadeira necessidade e da contundente escassez³², mas é também enxergar a esperança de dias futuros pretensamente promissores, pois como assevera Santos (2001), a necessidade e a escassez trazem em si a luta pela sua própria negação.

Esses opacos lugares caicoenses parecem ser, em sua maioria, marcados, no presente, por objetos técnicos que remontam tempos pretéritos e por ações que não são suficientes para a efetivação de uma

31 Referimo-nos a alguns lugares da cidade, àqueles mais pobres e que apresentam grandes contingentes de populações que, em sua maioria, vivem em condições muito precárias, como é o caso das periferias mais pobres.

32 Aqui vamos para além da análise miltoniana sobre necessidade e escassez (SANTOS, 2001). Queremos nos referir às necessidades básicas e à escassez daquilo que também é basilar para a sobrevivência, assim analisamos, pois Milton Santos se refere a essas duas características da vida humana não somente em relação aos pobres, mas também a escassez e a necessidade de se ter cada vez mais.

qualidade de vida respeitável.

O tempo é elástico e a resolução dos problemas mais dificultada, se comparados com a média mundial de tempo para as mesmas resoluções dos mesmos problemas. Quando comparado ao padrão regional/nacional/mundial, o volume de informação que entra é menos intenso e este tende a formar pessoas mais alienadas, pois chega por um número bem menor e pior de canais e com pouca variedade.

Os serviços básicos são disputados em uma arena difícil, tanto no que diz respeito à qualidade como no que tange à concorrência entre os próprios moradores, ou seja, a demanda nunca é satisfatória quanto ao grau da procura e a qualidade do que é oferecido está sempre abaixo do desejado. O acesso a produtos para alimentação e uso pessoal é escasso pela própria condição de renda da população que vive nesses opacos lugares, a moradia é qualitativamente precária, o conforto é quase nulo e, quando existe, está também muito abaixo dos padrões³³. Finalmente, o acesso a uma decente qualidade de vida³⁴ é quase que inatingível. Analisando esse conjunto de condições, pode-se dizer como Santos e Silveira (2006) que esses lugares estão entre aqueles que obedecem.

Vejamos, item por item, o conjunto de condições, acima discutidas, e como estão dispostos os objetos e as ações para cada um deles: quando avaliamos o tempo de resolução dos problemas, estamos nos referindo ao deslocamento dessas populações para sanarem problemas comuns do dia-a-dia de qualquer homem ou mulher. Sabemos que, em lugares de pobreza, como são os que ora analisamos, os meios de transporte e as vias de escoamento são fundamentais.

Os homens lentos dos opacos lugares de Caicó não têm à sua disposição transporte coletivo devidamente regulamentado³⁵ e, portanto, sofrem com a carência, a irregularidade e a clandestinidade destes, deixando-os à mercê da eventualidade e fazendo com que as distâncias a percorrer e percorridas sejam vencidas em um tempo maior, ou seja, aí se revela um território viscoso, mas que apresenta, como veremos mais adiante, alternativas como, por exemplo, as mototáxi.

Devido às suas baixas rendas, não têm, também, em sua maioria,

33 O padrão de conforto aqui fixado é aquele dado pela globalização ou pelo globalitarismo, que sugere o acesso a bens modernos e a ideia do "luxo".

34 Para Herculano (1998), a qualidade de vida não deve ser entendida como um mero conjunto de bens, confortos e serviços, mas, através destes, das oportunidades efetivas das quais as pessoas dispõem para ser. Oportunidades dadas pelas realizações coletivas, passadas e presentes.

35 Sobre este assunto nos deteremos melhor em partes posteriores deste trabalho.

acesso a um meio de transporte particular e, quando isso acontece, esses meios são, em geral, de baixa eficiência e com pouco ou nenhum conforto, além de que as vias de deslocamento, que estão em condições normais de tráfego, não são muitas.

No que diz respeito ao acesso à informação, esses subespaços estão de certa forma conectados ao mundo, mas esta conexão se dá, como já analisamos, de forma mais restrita, pois, em geral, os instrumentos técnicos, de que se dispõem, são os rádios e as televisões, este último em grande parte equipado com antenas convencionais e/ou antenas parabólicas.

Nas já tão famosas “Lan Houses”, o acesso à Internet é praticado sem nenhuma imunidade ao globalitarismo e, desse modo, estão, na verdade, a serviço de um entretenimento que só oferece parcialmente condições de acesso à cidadania³⁶. Assim sendo, as populações, desses lugares, padecem de um parco ingresso a informações melhor sistematizadas, como também de acesso à leitura de jornais, revistas e outros meios que, por ventura, os inseriria em um mundo mais digno, para quem a cidadania estaria mais próxima.

Um outro item importante, a ser considerado, é a prestação de serviços básicos a essas comunidades pobres dos opacos lugares caicoenses. Começamos pelo serviço de educação. É mais do que notório que, no Brasil, e, em especial, na Região Nordeste, as escolas destinadas às pessoas carentes vêm de um serviço prestado pelo poder público, ou seja, as escolas públicas. Sabemos também que, desde muito tempo, esse tipo de escola, seja em qualquer dos níveis, das creches até o Ensino Médio, não oferecem estruturas ideais, aliás, salvo algumas exceções, a educação pública em nosso país está ainda muito longe desse ideal³⁷ e, desta forma, os indivíduos são desestimulados a uma formação completa, aquela que garantiria maior e melhor dignidade.

No entanto, há que se ressaltar os avanços que vêm ocorrendo no âmbito da educação brasileira e, que, pela totalidade, têm rebatimento nos subespaços da opacidade em Caicó. Estamos nos referindo às ações,

36 Estamos falando sobre ofertas de jogos que fazem alusão à violência, à guerra, à batalha em muitas vezes sanguinolenta e à própria ideia de que uns precisam a todo custo vencer outros e, portanto, não há nenhum viés educativo ou da “boa informação” nesses pontos de acesso à rede mundial de computadores, a não ser quando estas casas são procuradas por alguns cidadãos que acessam a rede para fazer trabalhos de pesquisa e ou similares.

37 Devemos por compromisso com a verdade das pesquisas ressaltar que existem algumas poucas ilhas de exceções. Nem todas as escolas e nem todas as suas estruturas, como também seu corpo de profissionais, se enquadram na análise por nós desenvolvida, mas a regra que prevalece é a do quase total abandono das escolas, e das estruturas educacionais, sejam elas municipais ou estaduais.

como: o programa de Reestruturação e expansão das Universidades - REUNI; a Educação à distância, oferecida pelos vários programas, como SEDIS e UAB; a chegada em Caicó do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN; o sistema de cotas sociais, entre outras. Mesmo assim, em Caicó e nos seus lugares menos privilegiados, a realidade se mostra e revela um quadro de parcial degradação humana, que se retrata no território desigual, como nos grupos sociais que os formam, em especial, àqueles homens e mulheres mais idosos que não têm mais acesso a essas “novidades” trazidas pelas exigências da contemporaneidade.

Um outro serviço, que merece uma acurada investigação, é aquele que trata da saúde\doença dos indivíduos. Nesse sentido, o espaço e os subespaços, quando vistos em processo, em suas estruturas, formas e funções, podem nos revelar um quadro de satisfação ou o oposto disto. Os lugares opacos, lentos, viscosos e tecnicamente rarefeitos, geralmente são emblemáticos, no que tange aos baixos índices e desfavoráveis condições de assistência à saúde dos indivíduos que os habitam. Homens e mulheres, que em sua maioria são pobres, ou como querem as elites, “sujos e maus”, não têm o devido acesso a um sistema de saúde pública condizente com as suas necessidades mais prementes.

Hospitais e postos de saúde públicos são, em sua maioria, o retrato da técnica pretérita ou da “debilidade técnica³⁸”. A concorrência entre as pessoas, para que se adquira uma simples “ficha,” para um posterior atendimento³⁹, é muito alta. Os micros territórios destas casas de saúde são disputadíssimos. Tudo isso aponta para aquilo que Santos (1999) chama de perversidade, de ausência da solidariedade global. As pequenas áreas, desses subespaços, são reveladoras de mazelas, que resultam dessa maldita trama, de ações governamentais ou de empresas que não dão a devida importância e parecem não levar em conta a já referida força dos homens lentos.

Outro aspecto, que predomina e caracteriza os lugares de opacidade, é a renda média de suas populações e, portanto, a carência que está estampada na forma-conteúdo que a realidade cotidiana destes nos aponta.

Os baixos níveis de escolaridade e a dificuldade de acesso ao

38 Referimo-nos à técnicas arcaicas ou mesmo à ausência de técnicas condizentes com o período atual (técnico-científico e informacional). É flagrante a forma quase artesanal com que se atendem as pessoas, especialmente, nos postos de saúde onde falta até mesmo agulhas descartáveis para a simples aplicação de uma vacina ou injeção.

39 É indispensável anotar que o tempo para este posterior atendimento pode chegar a 30 dias ou mais.

emprego são as principais causas dessa realidade brutal. Os homens lentos, que encontram em seus lócus de existência um território viscoso e com rarefação técnica, são renegados e convivem em um contexto de raras oportunidades, no que diz respeito ao acesso àquilo que a atual globalização dita como padrão. O simples ato de viver é bem mais dificultoso a essas populações. Mas aí está a “robusta lentidão⁴⁰” desses homens.

Coadunando com Fel, citado por Santos (1999, p. 32), pensamos que “alimentar-se, vestir-se e higienizar-se, deslocar-se, rodear-se de objetos úteis são as mais básicas condições humanas”. Os homens dependem, neste mundo “contemplado/pervertido” pela técnica, mas, principalmente, por um sistema cruel e selvagem de uma renda. Esta é sumariamente imposta como condição sine qua non para a definição deste ou daquele padrão de status e, nos opacos lugares das cidades médias brasileiras, como é o caso desta, que ora estudamos, isso não é diferente. Assim sendo, aí está mais uma característica desses subespaços, que são reveladores de diversidades e diferenças, em relação a outros pontos da mesma cidade, embora a todo tempo estejamos constatando o viés das coexistências.

No que se refere à moradia, estes subespaços são muito heterogêneos, pois expõem, como já afirmamos, formas (fachadas) desde as mais arcaicas até outras mais modernas, ou seja, há um mix de tempos representados no território, no lugar. As residências se apresentam muito diversificadas em seus designs (formas), como, também, em seus conteúdos, embora haja um predomínio de formas que revelam à carência, a baixa renda, as condições desfavoráveis da maioria da população que aí reside.



Figura 04: A Heterogeneidade das Formas nos Subespaços Opacos de Caicó

Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

40 Robusta lentidão ou força dos homens lentos que imersos na viscosidade, na rarefação técnica, “mexem-se” com maior esforço para se estabelecerem na simples condição do viver, diferente dos homens rápidos que teoricamente se “mexem” mais facilmente.

Um ponto, que, também, merece análise, está relacionado ao conforto e à qualidade de vida cotidiana, a qual estas populações dos lugares opacos, que formam o complexo urbano caicoense, estão submetidas e que já conceituamos anteriormente. Esta não deve ser mensurada apenas pelas condições materiais ou o ingresso no mundo mais recente das fábulas Santos (2001), da tecnologia, mas, também, pelo acesso à dignidade, à cidadania, que deve acontecer, a partir de condições imateriais, como, por exemplo, o direito de votar, de estudar ou fazer parte do conselho comunitário de um bairro, entre outros. Nessa direção, é importante frisar, para que possamos ratificar os pontos já discutidos, os baixos níveis de acesso à educação, à saúde, ao conforto e à qualidade de vida, como, também, de miserabilidade que se expõem, quando olhamos para esses lugares de opacidade que permeiam o espaço citadino de Caicó.

Mas não podemos também perder de vista que em meio, a todo esse quadro de pobreza, aparece como já anotamos, a força dos homens lentos.

CAICÓ: TERRITÓRIOS LUMINOSOS, INTERMEDIÁRIOS E OPACOS

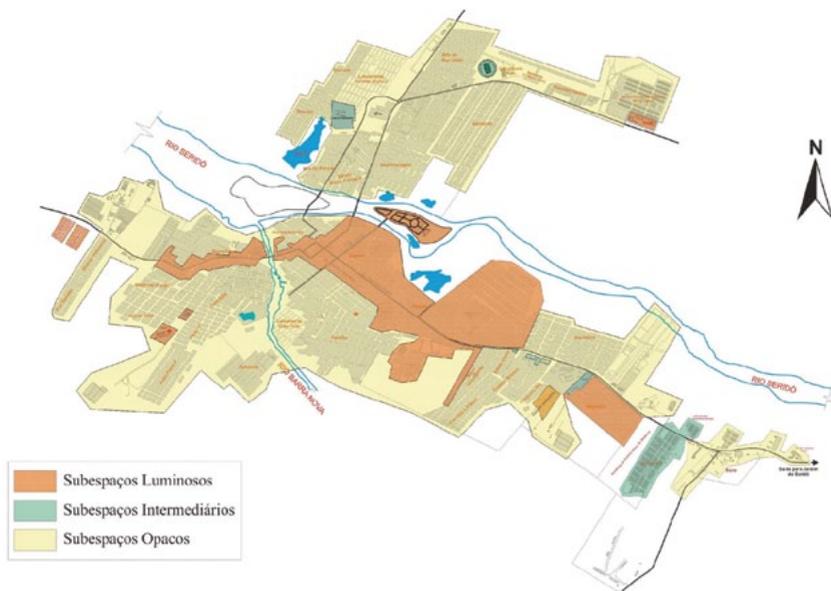


Figura 05: Subespaços Opacos, Intermediários e Luminosos do Urbano Caicoense
Fonte: Elaborado pelo autor, 2010.

1.2.1 A LENTIDÃO DOS HOMENS E SUA VISIBILIDADE NO URBANO CAICOENSE

Apesar da pesquisa e da análise apontarem o que foi, até então, narrado nessa primeira parte do trabalho - os lugares opacos, sua lentidão, sua viscosidade e sua rarefação técnica - a condição de heterogeneidade, que é comum aos subespaços, nos alerta para um interessante fato. A cidade lenta nos mostra que, mesmo vivendo em um contexto desfavorável e, talvez por causa disso mesmo, os homens lentos se movem e se fazem ver em todos os lugares caicoenses - mesmo naqueles que são “lócus estranhos” à sua vivência. Isso se dá pela prática de atividades “informais” que imprimem à cidade a ideia de coexistência - aí estão, por exemplo, os catadores de lixo, os limpadores de quintais e terrenos em geral, os lavadores ambulantes de automóveis, os vendedores em domicílio, entre outros. Quando analisamos o que argumenta Souza (1997, p. 09), alertamo-nos para o fato de que

[...] a dimensão mais importante da natureza da cidade é aquela da coexistência. E isto significa, desde logo, assumir a cidade como o lugar do debate. É neste sentido que o urbanismo racional-funcionalista que impregnou as cidades deste século falhou: ao separar as funções da cidade por zona, feriu este princípio da coexistência que é o debate, destruindo, portanto a urbanidade.

O debate e as coexistências presenteiam a cidade com um movimento e um “ânima” próprios, quando oferecem a oportunidade ou a alternativa da prestação de serviços a preços mais acessíveis e o acesso a “produtos populares”, que também custam menos. Parte desses serviços e alguns dos produtos, que advêm dessa dinâmica, não são encontrados na formalidade ou na “cidade formal⁴¹”, mas são movimentados, a partir da “cidade informal”, da troca que se estabelece nessa coexistência explícita, da qual se impregna o “reino” do urbano.

Ainda é possível constatar tais características da lentidão” no tecido urbano, quando constatamos que, mesmo em meio a um menor favorecimento, as pessoas exalam uma “alegria” e um impressionante pulsar da vida em comunidade, ou seja, a força que sustenta o lugar.

As próprias formas, que caracterizam as residências e suas

41 Trazemos aqui a idéia da “cidade formal” e da “cidade informal” para fazermos uma analogia àquilo que Frantz Fanon citado por Santos (1981), chamava da cidade do colonizador e cidade do colonizado ou a cidade indígena. A primeira, tida como ideal e a segunda, consequentemente como o lugar mal-afamado.

extensões, nos lugares opacos, contribuem para a conversa na calçada, o encontro das esquinas, a brincadeira dos meninos e meninas com brinquedos que não trazem em si, por exemplo, a “individualidade do videogame”. Nesses subespaços, ao invés dos muros altos e quase intransponíveis das cercas elétricas, que se erguem sobre estes e da questionável “individualidade respeitada”, as relações acontecem com mais intensidade e de forma mais amíúde. A lentidão parece reservar um tempo maior para essas populações, tempo que supostamente está ausente na vida daqueles que se dizem completamente inseridos no processo atual de globalização ou de globalitarismo. Souza (1997, p. 07) nos aponta que

[...] a cidade não produz apenas a liberdade. Ela instaura redes de ação e de resistência contra a falta de liberdade, contra a desigualdade. O espaço na cidade denuncia escancaradamente esses processos. O espaço é mesmo condição desses processos. E, são exatamente essas redes que colocam em xeque todos os mecanismos de rigidez das hierarquias sociais, os processos de manipulação cultural, gerando fantásticos processos de solidariedade, de igualdade, de fraternidade, de convivialidade. Vá a uma praça pública a uma rua da periferia das grandes cidades brasileiras e descubra isto!

Nesse contexto, os lugares opacos assim o são pela debilidade técnica, e não por outros fatores, senão pareceriam muito mais iluminados se essa relação opaco/luminoso tomasse por base a vida pulsante na comunidade. Mas Santos e Silveira (2006) nos apresentam, com clareza, os conceitos, as diferenças e o porquê destas caracterizações dos lugares e diferenciação dos territórios. É pela presença, principalmente, da técnica, das próteses mais bem equipadas que se dá a mensuração quantitativa/qualitativa da luminosidade ou da opacidade e isto é quase que paradoxal, quando, in loco, observamos cada um destes subespaços em particular. Nesse sentido, assevera Santos (1998, p. 80) que

Se velocidade é força, o pobre, quase imóvel na [...] cidade, seria o fraco, enquanto os ricos empanturrados e as gordas classes seriam os fortes. Creio, porém, que na cidade [...] tudo se dá ao contrário. A força é a dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade elogiada por um Virilo em delírio na esteira de um Válerly sonhador. Os que, na cidade, têm mobilidade – e pode percorrê-la e esquadrinhá-la – acabam por ver pouco da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, freqüentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem exatamente do convívio com essas imagens. Os homens “lentos”, por seu turno, para quem essas imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações. A lentidão dos corpos contrastaria então com a celeridade dos espíritos.

Por isto é que o adjetivo da robustez aparece na nossa análise, para qualificar a lentidão. Mesmo parecendo incoerente, os lugares opacos são os que apresentam em melhor tom a latência da vida consuetudinária, à qual o discurso impetrado pela fábula da “mágica” e “mítica” globalização e do propalado mundo moderno imprimem a alcunha de atraso. Os homens lentos se tornam mais visíveis no urbano caicoense e de tantas outras cidades médias brasileiras porque, geralmente, estão em todos os lugares e de forma a serem notados. Não se escondem por trás das películas dos parabrisas em automóveis e em janelas de escritórios e/ou apartamentos, não andam tão apressados e, portanto, quase imperceptíveis. Não estão tão preocupados com um volume gigante de afazeres e, por isto, carregam o estigma da indolência e da improdutividade, mas, na verdade, também participam da dinâmica que faz a “roda” da cidade girar e o complexo do urbano se revelar. A cidade se faz como nos diz Souza (1997), o lugar do debate, da resistência é aquele que é contra a falta de liberdade.

1.2.2 AS VISCOSAS VIAS E AS ALTERNATIVAS DE DESLOCAMENTOS DOS HOMENS LENTOS

Nos bairros mais pobres da cidade de Caicó, que, aqui, estamos chamando de subespaços opacos, há uma grande quantidade de vielas e ruas que são praticamente intransitáveis. Algumas vias mais importantes, que cortam esses lugares e que servem de artérias principais expõem em si um deslocamento viscoso.



Figura 06: Vias Viscosas no Urbano Caicoense

Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

Sem pavimentação adequada e muitas vezes tendo o fluxo dificultado por um relevo incerto e, até mesmo, por rochas que se impõem e parecem “negar” o deslocamento, as vielas e ruas desses subespaços publicam no presente uma realidade que remonta tempos e espaços pretéritos, por

isso são reveladoras de dificuldades sociais, como o acesso em tempo hábil a uma gama de serviços como, por exemplo, a saúde, mas, também, inibem a chegada de alguns produtos até essas populações.

Para corroborar com a negação dura do determinismo geográfico, os homens lentos burlam, de certa forma, essas dificuldades e criam artimanhas ou alternativas que, mesmo em meio a um território viscoso, habilitam seus movimentos próprios de deslocamentos e, portanto, de integração com eles mesmos em seus subespaços e com outras parcelas da população do espaço citadino, como um todo.

É comum ainda se ver as carroças puxadas por burros que, além de servirem de meio de transporte para as pessoas, desempenham um importante papel, quando da sua utilização para condução de mercadorias, especialmente para a construção civil, mas, também, para atender às pessoas mais pobres, transportando as mais diversas mercadorias a preços mais razoáveis e condizentes com uma renda que é peculiar às populações dos opacos lugares. Esse tipo de transporte transcende esses subespaços e também vendem produtos como areia, esterco (fertilizante), entre outros. Assim, é possível detectar que, em meio a um mundo globalizado das propagandas cada vez mais frequentes acerca de transportes modernos, uma parcela da população ainda se move lentamente - com suas velocidades próprias - para encontrar soluções ao seu modo e sobreviver a partir de alternativas que mesclam tempos. É a dialética de objetos e ações dos homens lentos.

As bicicletas são, também, emblemáticas nesse contexto, que ora analisamos. É muito comum nas populações dos subespaços caicoenses a utilização delas como meio de transporte pessoal e é importante frisar que, neste caso, esse veículo não está a serviço do bem-estar físico ou de um hobby qualquer, mas é meio necessário para o deslocamento no dia-a-dia, seja para o trabalho, afazeres outros e lazer.

A cidade possui um grande número de bicicletas que trafegam perigosamente em vias que a elas não lhes são adequadas, pois não há, no espaço urbano caicoense - com raríssimas exceções - as ciclovias. Esse fato também contribui para a viscosidade do trânsito em vias importantes de escoamento, como para o perigo que se colocam àqueles que desse transporte dependem. Sobre duas rodas, os homens lentos formatam a cidade com lócus do debate.

Um fato, que vem chamando bastante a atenção, no que concerne ao meio de transporte alternativo e que emprega parte da população pobre de Caicó, nos últimos dez anos, é o serviço de mototáxi. Hoje, a cidade conta com um grande número de postos e mototaxistas.

Tabela 07: Praças e Mototaxistas

Nº DE POSTOS	Nº DE MOTOTAXISTAS	
EFETIVOS	EFETIVOS	EFETIVOS + TEMPORÁRIOS
32	957	1135

Fonte: Secretaria Municipal de Transportes de Caicó.

No início, a novidade não entusiasmou muito, no que se refere à profissão, mas logo a procura se fez tão acelerada que esse meio de transporte passou a ser encarado como uma “ótima” oportunidade para aqueles que estavam desempregados. Contudo, e para além de uma oportunidade de trabalho, o serviço de mototáxi se revelou como sendo uma ótima e complicada⁴² opção para deslocamento em uma cidade que ainda sofre, no início do Séc. XXI, com a falta de um serviço de transporte coletivo devidamente organizado e sistematizado. Na cidade em estudo, o transporte coletivo ainda é composto por vãs que têm como combustível, gás de cozinha em botijões, representando uma ameaça cotidiana aos moradores que fazem opção por este tipo de transporte, além de que os mesmos não têm horário sistematizado. Os ônibus são a exceção e os que fazem alguns percursos da cidade, estão em péssimas condições de conservação.



Figura 07: Transporte coletivo em Caicó (vãs movidas a gás de cozinha)
Fonte: Pesquisa de Campo, 2010

A cidade, que se movimenta em duas rodas, mostra como a racionalidade e a contra-racionalidade coexistem no urbano de algumas

42 O adjetivo tem como foco chamar a atenção para a problemática que se gerou no trânsito urbano caicoense, a partir do incremento dessa prestação de serviço. Hoje, a cidade possui cerca de três mil motos, sendo que grande parte dessas está a serviço das “praças” de mototáxi. Com um fluxo diário e intenso desses veículos pelas mais diversas partes da cidade e o desrespeito às leis de trânsito por parte da maioria dos seus condutores, a população tem sofrido com o crescente número de acidentes e os abusos cometidos no tráfego urbano.

das médias e grandes⁴³ cidades brasileiras como é o caso de Caicó. Empresas, como a Honda e a Yamaha, dominam as vendas que abastecem este mercado e assim revelam uma forte presença da ideia do “motor único” (SANTOS, 2001), mas quando estas motocicletas chegam às praças de mototáxi e passam a desempenhar o serviço já referido, é a contraracionalidade que se expõe, a partir do que Santos (Ibid, p.114) chama de contraordem ou manifestações que são a contra face do pragmatismo, pois aquilo que parece ser a hegemonia de transnacionais, se transforma em meio de sobrevivência local.



Figura 08: Postos de Mototáxi no Centro de Caicó

FONTE: Pesquisa de Campo, 2010

Essa é mais uma maneira, uma escaramuça dos homens lentos, no sentido de viver e dar a cidade essa conotação da coexistência de que nos fala Souza (1997). É notório que são as grandes firmas e empresas que comandam e estabelecem padrões de consumo, seja eles quais forem, mas, também, é verdade que as flexibilidades são “impostas” a esse contexto globalizante pela parcela menos favorecida da população e aí está a robustez, a força e, principalmente, a co-participação dos homens que não são caracterizados como rápidos e, por isso, o espaço é banal (SANTOS, 2008), é de todos, portanto, podemos afirmar que ele é plasmado pelos que mandam, mas é também pontuado pelos que obedecem.

1.2.3 OS SUBESPAÇOS DA RAREFAÇÃO TÉCNICA: UMA LENTA CONEXÃO COM O MUNDO

Como já anotamos anteriormente, os subespaços, que completam a área opaca da cidade de Caicó, padecem da intensa presença da técnica

43 Só para citar um exemplo, a cidade de Fortaleza, metrópole regional, tem em suas ruas o serviço de mototáxi. Este não é uma particularidade das médias e pequenas cidades brasileiras. É mister deixar claro que o serviço de mototáxi não é a mesma coisa que os serviços de motobói, que já existem há mais tempo, mesmo nas grandes cidades do Brasil e do mundo. É um serviço que serve principalmente para o deslocamento de pessoas, embora eles também prestem à comunidade o serviço de entregas de pequenos e grandes volumes de mercadorias, pois algumas destas motocicletas adotam o reboque para transportar mercadorias de maior peso e tamanho.

avançada, está repleto de sistemas de engenharia que não condizem com o tempo presente e com as necessidades contemporâneas de suas populações.

A “presença do mundo”, nesses lugares, é parca. Somos tentados, quando a eles nos referimos, a utilizar a expressão “fora do mundo”, mas como geógrafos não podemos ceder a esta tentação ou a essa ignomínia.

Como nos ensina Sartre (1968) apud Silveira (2006), o simples fato de existir já nos autoriza e/ou obriga a estar no mundo e Ortega y Gasset (1963) nos lembra que a técnica é inerente ao homem. Portanto, nenhum homem está fora do mundo, da sua ou das suas totalidades, como, também, nenhum homem vive sem técnica ou sem a presença dela. O que varia são as condições de como estamos no mundo e qual a técnica que estamos utilizando/ desenvolvendo. Essa é a grande notícia que não é nova, mas é sempre atual e importante.

Assim sendo, os territórios em suas diferenciações, mas, sobretudo em suas coexistências mostram as fragilidades e, ao mesmo tempo, a força daqueles que habitam os lugares onde está técnica ou o conjunto delas que são, em sua maioria, de certa forma “debilitada”, ou seja, revelam frações de tempo e características de espaços para perfazerem processos, pois,

Em qualquer que seja a fração do espaço, cada variável revela uma técnica ou um conjunto de técnicas particulares. Pode também dizer que o funcionamento de cada uma dessas variáveis, depende, exatamente, dessas técnicas. Tomando como referência a História mundial, cada técnica poderá ser localizada no tempo. Trata-se também, na verdade, da história dos instrumentos e meios de trabalhos postos à disposição do homem. (SANTOS, 1998, pp. 57-58)

Os opacos lugares caicoenses são, pois, passíveis da análise contida na citação acima, já que os instrumentos e os meios de trabalhos, os quais os homens lentos geralmente utilizam e/ou têm acesso, caracterizam-se exatamente por essa mescla temporal, na qual o tempo presente coexiste com tempos passados, efetivando uma acumulação desses, expostas nos objetos e nas ações praticadas nestes subespaços.

A conexão com o mundo nesses subespaços se dá, com algumas exceções, de forma mais lenta, quando comparado a outros “lugares” da cidade, pois o conjunto de técnicas e suas variáveis funcionam em um ritmo próprio que não corresponde ao ritmo imposto pelo atual processo de globalização. Os instrumentos estão defasados, como também defasada

está a velocidade da conexão lugar-mundo-lugar. No entanto, todos os subespaços (opacos, intermediários e luminosos) fazem parte de uma mesma totalidade, aquilo que patenteia o movimento, o girar de uma roda, onde em cada parte dela, constituída por este ou aquele lugar, contribui com suas particularidades, aceitando/rejeitando, viabilizando/inviabilizando os desejos e as ordens dos agentes globais.

Apesar de lenta na maioria das vezes, esta conexão lugar-mundo-lugar oportuniza aos pobres uma inserção, embora que perversa, na contemporaneidade. Aí reside o grande problema das cidades regionais, como Caicó, pois quando inseridos, estes pobres, apesar da força que apresentam e representam, são vistos e tidos como comandados, porque não possuem a mesma autonomia daqueles que comandam. Se assim acontece com os pobres - homens e mulheres - também acontece com os subespaços/territórios.

Esse conjunto de variáveis, que analisamos nos itens acima, nos permite, portanto, falar que, no interno da cidade de Caicó, existem os subespaços que obedecem. São estes, aos quais nos referimos até então. Contudo, se existem os subespaços dos obedientes, é verdade, também, que existem os subespaços dos mandantes, como veremos mais adiante na análise dos poucos espaços luminosos da referida cidade. No entanto, uma outra tipologia de subespaço permeia o urbano caicoense, como, também, de outras tantas cidades médias deste país continental. Estamos nos referindo ao que chamaremos de subespaços intermediários.

1.3 OS ESPAÇOS INTERMEDIÁRIOS: OS SUBESPAÇOS “LUMINOSOS MARGINAIS”

Na cidade em estudo, podemos perceber a presença de espaços que se caracterizam por apresentarem um mix de lentidão e de rapidez, de luminosidade e opacidade, de rarefação e densidade técnica. Chamaremos os subespaços de densidade técnica intermediária. Nesses pontos da área urbana caicoense, a técnica se apresenta sem grande densidade, mas não se configura como sendo intensamente rarefeita.

Técnicas, que não estão totalmente obsoletas, mas que, também, não estão na “ponta” do sistema técnico mais atual, são um marco destes subespaços. É como se pudéssemos, analogicamente, ao que diz Santos (2004) em sua obra o espaço dividido, chamar de um espaço luminoso

marginal ou que, eles estão para a área urbana de Caicó, como os países em desenvolvimento estão para o mundo, ou seja, na semiperiferia.

Supermercados, lojas e pontos de prestação de serviços se utilizam de técnicas até muito avançadas. Mas nesses estabelecimentos elas não são a regra; pelo contrário, se constituem em exceções. No entanto, coexistem com um conjunto de outras técnicas menos avançadas e, juntas, dão conta do que esses comerciantes necessitam para “tocar” seus empreendimentos. E mais ainda, atendem de forma satisfatória a uma gama de clientes que, por habitar tais subespaços, estão em sintonia com essa condição de “usuários de técnicas intermediárias”.

Tabela 08: Nível de presença da técnica em supermercados e padarias

OBJETOS	Câmeras de Segurança	Ar Condicionado	Caixa Informatizado	Sofisticação do ambiente
PADARIAS	Baixo	Alto	Médio	Médio
SUPERMERCADOS	Alto	Baixo	Alto	Médio

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de pesquisa de campo, 2010.

Estes subespaços do urbano caicoense refletem uma realidade que pode parecer nova, mas, na verdade, sempre existiu no contexto dos territórios, como, também, dos grupos sociais diante da presença/ausência da técnica. A novidade é que a cada parcela deste ou daquele período técnico, o que se torna obsoleto nas áreas luminosas, dá o tom da técnica utilizada nestes subespaços.

É a convivência, a coexistência das técnicas do artesão e as do técnico ou engenheiro citadas por Ortega y Gasset, (1963) e confirmadas por (Santos 1999), quando nos mostra a classificação dos vários períodos técnicos se revelando no urbano caicoense. Analisar esses subespaços é penetrar na rota do intermediário. Não estamos falando dos subespaços opacos com alguma presença de luminosidade, muito menos de lugares luminosos com rastros de opacidade. Essas áreas da cidade são diferenciadas, quando se caracterizam por um mix, uma situação que se coloca entre a densidade e a rarefação da técnica.

Máquinas que “passam” cartões de débito e/ou crédito, leitoras de códigos de barras, laptops, televisores de LCD que fazem a apresentação de algumas mercadorias, entre outras fantasias do mundo como fábula,

coexistem com técnicas menos avançadas, como é o caso, por exemplo, do preenchimento a mão de promissórias e de cheques, sistemas arcaicos de refrigeração de mercadorias, entre outros. Isso só para citar alguns objetos que, entre tantos outros, seguem essa mesma linha de coexistência de técnicas.

Mas não é só no comércio que isto é percebido. Temos, também na indústria têxtil local um surto dessa técnica intermediária. Grande parte dessas indústrias se utiliza de máquinas e técnicas que não estão na “ponta” do sistema técnico atual, mas que não podem ser consideradas obsoletas e/ou demasiadamente arcaicas. É o caso, por exemplo, das indústrias menos capitalizadas que, diga-se de passagem, não são poucas. Contudo, elas contribuem intensamente para o movimento e para a dinâmica e expansão urbana da cidade de Caicó.

Um pequeno número de outras indústrias se apresenta diferente e utiliza uma técnica e uma tecnologia que estão extremamente atualizadas com o que há de mais recente nos mercados do centro-sul brasileiro e do mundo desenvolvido. Referimo-nos principalmente a algumas bonelarias, nas quais boa parte da produção é complexa e sofisticada. Assim, se vê que a maioria dessas indústrias está nesse contexto da técnica intermediária. Nelas coexistem técnicas que revelam a sobreposição de tempos e períodos.

Não podemos, também, nos furtar da análise de alguns serviços, como educação e saúde, entre outros que são prestados à comunidade caicoense, pois alguns desses se encontram exatamente como o comércio e a indústria. Por uma lado, utilizando técnicas que se classificam como intermediárias, os seja, é comum em algumas instituições que os procedimentos para atender ao público se utilizam de uma tecnologia mais avançada. Por outro lado, essa mesma instituição presta outros serviços que usam uma técnica mais modesta, mas não tão arcaica se comparada àquelas comuns nos opacos subespaços da cidade.

No que se refere aos grupos sociais que habitam esses subespaços os quais optamos chamar de intermediários, eles revelam, também em seus lócus de vivência, características que remetem a essa condição da intermediária densidade técnica, pois salvo algumas exceções, guardam em suas garagens carros e/ou motocicletas populares sem muita sofisticação técnica, instrumentos eletrônicos que também se caracterizam por essa mescla de tempos, entre outros. O acesso desse grupo ao mundo da modernidade dá-se, então, com base nessa premissa da “luminosidade marginal”.

Concordamos com Santos e Souza (1997) quando diz que a cidade

é um caleidoscópio. Portanto, é possível, através de um olhar mais acurado, filtrar os subespaços e caracterizá-los de acordo com a maior ou menor presença da técnica e dos sistemas de engenharias, ou, como já enfatizamos, a partir de um mix destas. Está claro, portanto, que os subespaços “luminosos marginais” são uma realidade na área urbana do município de Caicó, pois as características, acima apresentadas, comprovam a existência de tais subespaços. Neles, a cidade se apresenta com uma intermediária “presença de mundo”, revelando-nos um aspecto muito peculiar da globalização: a dependência e a interação do homem com as técnicas, mesmo que elas não estejam tão ajustadas com o que há de mais atual no período técnico-científico e informacional.

A crítica, que surge em meio às análises desses pontos da cidade, é que, mesmo sendo subespaços de densidade técnica intermediária, a força do mundo, como fábula, se faz presente e norteia as decisões que permeiam a organização desses pequenos territórios. Assim sendo, a força do lugar se esmaece e dá margem para a ratificação de relações injustas e que montam um discurso falso de equidade na distribuição e uso dessas técnicas, quando sabemos que não é bem assim. As técnicas estão muito mais a serviço dos grupos mais privilegiados que, no caso, são aqueles que mandam. Os que obedecem são, também, usuários destas técnicas, mas o benefício maior não fica com estes últimos e sim com os primeiros.

1.4 OS POUCOS LUGARES LUMINOSOS, RÁPIDOS, FLUIDOS E TECNICAMENTE DENSOS

A cidade de Caicó, esse caleidoscópio, tem em seu território uns poucos subespaços, onde podemos detectar a presença forte da densidade técnica e, conseqüentemente, da fluidez e da luminosidade. Tais subespaços são caracterizados pela maior notoriedade do “mundo no lugar”. Técnicas mais sofisticadas, em relação aos outros dois tipos de subespaços, já analisados, são o marco deste recorte do urbano caicoense e, como se não bastasse, os grupos sociais que habitam e/ou utilizam⁴⁴ estes subespaços têm contato, guardadas as devidas proporções, com o que há de mais avançado do período técnico atual.

⁴⁴ É importante anotar que alguns grupos sociais só utilizam as técnicas peculiares a estes lugares da luminosidade uma vez ou outra. É o caso dos grupos que habitam áreas pobres, mas que buscam nestes “territórios nobres” uma prestação de serviço ou, mais raramente, a compra de um produto. Contudo, existem os grupos que habitam e/ou utilizam estes nobres espaços no seu cotidiano, ou seja, diferentemente dos homens lentos, os homens da luminosidade e que, geralmente, comandam têm fácil e total acesso a técnicas e tecnologias cada vez mais avançadas.

Estamos nos referindo às áreas nobres de moradia da cidade, mas, também, e principalmente, a alguns pontos, onde uma gama de instituições do setor secundário e terciário, sejam públicas ou privadas, disponibilizam um conjunto de técnicas que atestam a estes subespaços uma densidade, uma luminosidade e uma fluidez que podem ser comparadas a outras “áreas nobres”, seja em escala regional, seja nacional, seja global. Como aponta o título deste item do nosso trabalho, os lugares de densidade técnica no urbano caicoense são poucos e, portanto, vamos nos ater a cada um ou ao conjunto deles, para que possamos, cuidadosamente, entender como uma cidade de porte médio e no interior de uma região pobre do nosso país contém sistemas técnicos e de engenharia que podem ser comparados, como já anotamos, às outras áreas de grande luminosidade.

Ao observarmos atentamente os pontos aos quais estamos chamando de fluidos, densos e luminosos, vemos que eles estão, salvo algumas exceções, ao longo das vias de fluxos mais importantes - BR - 427, RN's 118 e 288 - que cortam a área urbana caicoense. Estes pontos ou estes eventos - fixos e fluxos - revelados neste ou naquele processo, carregam em si, estruturas, formas e funções que lhe impõem essas características imputadas pela presença forte e densa da técnica. Os pontos da cidade, onde estão as já referidas moradias, se configuram por mansões que revelam o uso intenso da técnica moderna. Esta técnica é percebida nas fachadas externas e no interior de cada um destas casas - no material utilizado e nos design -. Isso para falarmos inicialmente das formas.



Figura 09: Mansões Presentes na Urbe Caicoense

FONTE: Pesquisa de Campo, 2010.

Ao analisarmos, também, o conteúdo, a verificação é similar, pois essas formas de design arrojado, materiais caros e fachadas “suntuosas” guardam, em si, um conteúdo que também revela a técnica mais contemporânea e atual. No interior dessas mansões, os objetos são extremamente técnicos e seu uso diário conferem aos moradores desses subespaços, pelo conforto e a conectividade que oferecem um status de

homens rápidos, homens que não são travados pela viscosidade e estão no lado oposto da rarefação técnica, ou, como poderíamos argumentar, vivem no seu cotidiano a liquidez dos tempos (Baumann, 2006) ou, como diria Castells (1999), estão na camada superior, conectados à comunicação global e “não vivem” a cidade na qual habitam, pois mesmo estando nesta cidade, é como se estivessem em outro mundo. Nesse contexto, Santos (1999) nos chama a atenção para a clara, exata e injusta divisão entre esses homens rápidos desses subespaços luminosos e os homens lentos dos espaços opacos, já analisados neste capítulo.

Nesses subespaços, estão também, instituições tanto privadas quanto públicas, de comércio ou de prestação de serviços. Em cada uma delas, podemos conferir a presença de uma densidade técnica e de objetos que denotam o período técnico vigente. Merecem destaque todas aquelas instituições que têm investido de forma intensa na compra de objetos técnicos avançados, sejam porque querem melhorar o atendimento ao público, sejam porque tentam facilitar o próprio acesso ao “mundo da globalização ou do globalitarismo”.

A cidade atual passa por um processo de implantação de universidades, sejam públicas ou privadas, que começou nos anos de 1970, quando Caicó recebera um campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desde o referido período, as técnicas foram se aprimorando e sendo incorporadas por essa instituição. Hoje, esta universidade é uma referência para a cidade, pela gama dos objetos técnicos que possui e também pelo efeito que causa na sociedade caicoense e seridoense, pois como “lócus da produção do conhecimento”, opera como núcleo de atração e, com isto, contribuiu e continua contribuindo para a expansão da cidade que temos.

Todo esse processo, que engendra o progresso técnico, que vem se aperfeiçoando, principalmente, desde os anos de 1970 - a força de agentes locais e a condição de cidade central, assumida por Caicó - abriu possibilidades para a implantação de outras universidades e faculdades, tanto as de educação presencial como também à distância - EAD. Tudo isso, graças ao incremento das técnicas de comunicação e da telemática. Hoje, a cidade conta, além da UFRN, com mais duas instituições públicas de ensino superior, sendo um campus da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN e outro do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, além de contar com faculdades particulares, das quais algumas operam especificamente com a modalidade EAD.

Tabela 09: Universidades e Faculdades que Atuam em Caicó

INSTITUIÇÕES QUE OFERECEM ENSINO SUPERIOR			
PÚBLICAS		PRIVADAS	
PRESENCIAL	EAD	PRESENCIAL	EAD
UFRN	UFRN	SANTA TERESINHA	EDUCOM
UERN	----	UVA	UNIDERP
IFRN	IFRN	FIP	CEEFNTE
----	----	CARD. EUGÊNIO SALES	----
----	----	----	----

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Esses centros de irradiação do conhecimento engendram a presença da técnica, não só pelos objetos, mas, também, pelas ações, pois são geradoras de ensino, de pesquisa e extensão e assim fazem parte do motor que move o realinhamento das técnicas e das tecnologias. No entanto, uma pergunta continua pertinente: quem são os grandes beneficiários do que é produzido nessas instituições? São também os homens lentos, mas em parcela ainda pequena, pois quando a esses o acesso é permitido, eles passam a fazer parte da construção de um produto que, na maioria das vezes, não se reverte para as comunidades mais pobres, ou seja, as instituições de ensino superior tanto privadas como públicas, detentoras de técnicas e tecnologias não cumprem a rigor o seu principal papel, que seria o melhoramento do lugar, talvez porque a força do globalitarismo continue ainda ditando a regra no âmbito desses “centros do saber”. Assim sendo, a relação lugar-mundo-lugar acaba por privilegiar resultados que nem sempre se coadunam com a realidade local.

Temos, também, como lócus nos quais as técnicas estão presentes de forma intensa, as instituições financeiras, no caso da cidade de Caicó, os bancos, os quais do mesmo modo se apresentam, como fazendo parte das duas esferas: a rede pública e a rede privada. No urbano caicoense, esse tipo de instituição é a que mais revela presença da técnica, mas todo este avanço também se reverte, em grande monta, a favor destes bancos - agentes hegemônicos - que, no contexto atual de globalitarismo, aparecem como estabelecendo os “espaços que mandam”, pois mesmo que o cliente seja de certa forma também beneficiado, e não poderia ser diferente, o maior beneficiário são estes bancos, principais intermediários da “tirania do dinheiro” (SANTOS, 2001). No entanto, não podemos negar a contribuição que estas instituições trazem para a condição que a cidade de Caicó assume em relação ao seu entorno, como também na relação

“lugar-mundo-lugar” e para a expansão urbana, ou seja, tal processo de expansão que se apresenta, especialmente, desde a década de 1970, é corroborado por estes agentes financeiros, pois são eles que oferecem os serviços bancários para a grande maioria dos habitantes de Caicó e de muitas cidades da região a qual esta é o centro.

Fora do “lôcus da produção do conhecimento” e das instituições financeiras, as técnicas que sugerem a luminosidade, a densidade e a fluidez aparecem em algumas empresas (comércio e serviços especializados) que operam no circuito urbano da cidade. São estabelecimentos que, por exigência do tempo e de suas demandas, ofertam ao cliente serviços e produtos que são equiparados aos mesmos serviços e produtos oferecidos em outros pontos mais desenvolvidos do que a cidade de Caicó. Estamos nos referindo, por exemplo, a clínicas particulares, lojas de revenda de automóveis, algumas poucas indústrias têxteis, já citadas, supermercados, laboratórios de óticas, como, também, algumas lojas mais sofisticadas⁴⁵. Estabelecimentos que revelam fortes evidências em relação à “presença do mundo” em Caicó. São marcas como Mercedes Benz, Fiat, Chevrolet, Ford, Yamaha, Honda, além de outras que representam uma gama de mercadorias que se pode comprar na cidade.



Figura 10: Objetos Sofisticados em Áreas Luminosas

Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

⁴⁵ Na cidade de Caicó existem algumas clínicas que estão muito bem equipadas com objetos técnicos de ponta, como é o caso de alguns aparelhos destinados ao atendimento à saúde daqueles que podem pagar. É visível também a revenda de automóveis (destaque para as revendas da FIAT, da Mercedes Benz e da Ford) que disponibilizam carros populares e de luxo aos habitantes locais quase ao mesmo tempo que são lançados no centro-sul do país. Em alguma das indústrias de bonés (merece destaque a empresa Só Boné) da Caicó atual, é comum a utilização de equipamentos de última geração, principalmente, no feito dos bordados. Caicó ganhou recentemente um supermercado (LIGZARB) que pode ser apontado como lócus da presença de técnica e onde o “mundo no lugar” aparece de forma evidente, pois a metodologia de venda e atendimento não deixa a desejar se comparada a similares da capital do Estado. Existe, também, no urbano caicoense um laboratório ótico (Ótica Graciosa) que utiliza a mais recente tecnologia alemã de manipulação de lentes. O referido laboratório atende a várias óticas da cidade, como também a óticas de toda a região do Seridó e áreas do Estado vizinho da Paraíba. A cidade atual também tem em seu tecido urbano lojas que trazem para uma parcela pequena da população (homens rápidos) produtos de vestimenta e adornos de última geração. Também no ramo dos elétrico-eletrônicos temos empresas que estão na ponta do sistema técnico, vendendo produtos como TVs LCD e LED, só para citar alguns exemplos.

Os subespaços da sofisticação estão, em sua maioria, voltados para uma parcela ínfima da população, revelando assim como a “tirania do dinheiro” e a “tirania da informação” se estabelecem nas áreas urbanas, gerando uma ruptura cada vez mais cruel entre os homens rápidos e os homens lentos, deixando se sobressair, portanto, algumas poucas áreas de luminosidade. O território, então, se constitui em um instrumento de exercício das diferenças do poder (SANTOS, 2001). As várias “Caicós” acusam tais diferenças e se perfazem em um “cenário maldito” das contradições, ao mesmo tempo em que se expõe ao debate e à luta pela liberdade, pois, como nos aponta Santos (1991, p. 59), as cidades, desde o Feudalismo, “aparecem como semente de liberdade, possibilidade do homem livre” e assim continuam até hoje.

Os subespaços caicoenses, que apresentam as características acima analisadas, apresentam brutais diferenças em relação aos subespaços opacos e diferenças mais amenas em relação aos subespaços intermediários ou “luminosos marginais”. Nestes, também chamados de lugares rápidos, há uma grande quantidade de vias, cuja fluidez é a regra. Algumas delas, mais importantes, que cortam esses subespaços e que servem de artérias principais, revelam, em si, um “deslocamento líquido”, pois a maioria das ruas pavimentadas e/ou asfaltadas facilita o fluxo, por isso são reveladoras de privilégios sociais, como o acesso em tempo hábil e resolução mais rápidas dos problemas do dia-a-dia, mas é verdade que também existe a viscosidade.

Os homens rápidos não precisam, como fazem os homens lentos, burlarem e/ou criarem artimanhas ou alternativas porque em meio a um território fluido, transitam em parte da cidade, onde promovem um encontro com eles mesmos em seus subespaços, praticando a exclusão de outras parcelas da população, como também de outros subespaços citadinos, como um todo, a não ser quando estes outros subespaços - dos homens lentos - perfazem os seus interesses. Os meios de transportes característicos do contexto da fluidez são eficientes, rápidos e trazem em si, um misto de conforto e de “isolamento” em relação ao externo. São automóveis de importantes marcas, muito caros e completamente equipados. Na maioria das vezes, luxuosos e importados, o comércio desses carros corrobora para o crescimento ainda maior das já gordas classes dos privilegiados⁴⁶ e para o empobrecimento da maioria da população que não tem acesso a essa rapidez, mas vive no dia-a-dia o exercício da mera sobrevivência.

46 Aqui, nos referimos aos donos de empresas concessionárias de automóveis e a uma pequena cama da população caicoense.

A fluidez tão alardeada é privilégio de uma minoria, mas o discurso globalitarista ratifica todos os dias a ideologia de que esta é necessária a todos os homens. Na verdade, aí está o lastro para a violência da informação e do dinheiro. A Caicó da atualidade vive esse dilema como as demais cidades médias brasileiras. No entanto, mostra uma especificidade curiosa, qual seja: a cidade em seu período atual e contemporâneo, mesmo sendo de porte médio, tem sua economia apoiada no setor terciário, amparado por uma massa salarial de funcionários públicos federais, estaduais e municipais, como, também, em uma restrita elite de médios empresários, revelando-se fragmentada/articulada em subespaços da luminosidade e da opacidade, sendo que este primeiro surpreende quando tomamos como análise a economia da cidade e a “cara” de pobreza que a esta mostra na maioria de seus subespaços.

1.5 OS EIXOS DA FLUIDEZ: OS FIXOS QUE GERAM IMPORTANTES FLUXOS

Toda essa diversidade de subespaços, toda massa de pobres e a pequena parcela de “ricos”, que adensam o território caicoense, estão de uma ou de outra forma ligada a dois eixos de fluxos principais, que são, na verdade, o motor do território caicoense. Três importantes fixos - BR 427 e RN's 118 e 288⁴⁷ - são, na atualidade, responsáveis pelo grande movimento que além de dinamizar a cidade em si, ainda liga-a como já anotamos neste capítulo com outras tantas cidades da Região do Seridó Ocidental e Oriental, bem como, cidades dos vizinhos Estados da Paraíba e Ceará, e as duas principais áreas urbanas do Estado - Natal e Mossoró.

O fluxo, que acontece diariamente nestas vias, impressiona não só pelo movimento, mas pela circulação de mercadorias e pessoas. São vans, caminhões, carretas e automóveis outros que imprimem na cidade um ritmo e um desempenho de trocas que coloca Caicó na rota de um interessante “boom” de comércio e serviços. A cidade se abastece ao mesmo tempo em que é fornecedora de produtos e serviços. A noção de fluidez se faz clara, quando, ao observar essas vias de fluxos intensos, percebemos a entrada e saída de pessoas, de serviços e de produtos, perfazendo o ciclo: produção-consumo-circulação. No que concerne ao fluxo de pessoas, a saída se dá em direção às cidades mais importantes,

47

A BR 427 corta a cidade de oeste a leste e é responsável pelo mais importante fluxo de transportes, pedestres e mercadorias ligando a cidade de Caicó com outras do Estado da Paraíba. Já a RN 118 faz a ligação de Caicó com cidades do mesmo Estado, mas é também o elo com a BR 304 que possibilita por sua vez a ligação com a parte oeste do Rio Grande do Norte e com o Estado do Ceará. Por último, a RN 288 liga Caicó a cidades menores que nela se abastecem-se de vários produtos e serviços e é o principal elo com Natal, a capital do deste Estado, quando esta se liga a BR 427, que, por sua vez, desemboca na BR 226.

principalmente para a capital do Estado, como, também, para Mossoró (RN), Campina Grande e Patos (PB). São centenas de pessoas que buscam fora de Caicó, principalmente, aquilo que a cidade não oferece. Já a chegada de pessoas que é muito mais intensa do que a saída representa o potencial que a cidade revela, especialmente, em relação aquelas localizadas em seu entorno.

Tabela 10 - Fluxo de pessoas que vêm a Caicó diariamente

CIDADE DE ORIGEM*		CIDADE DO DESTINO	Nº DE VÃS/DIA	MÉDIA DE PASSAGEIROS/DIA	Nº DE VIAGENS/SEMANA
Timbaúba dos Batistas	Rio Grande do Norte	CAICÓ	05	37	06
Serra Negra do Norte			03	27	06
Jardim de Piranhas			09	55	06
São Fernando			03	22	06
Jucurutu			01	12	06
Mossoró			01	06	06
Santana do Seridó			01	06	06
São Paulo do Potengi			01	04	03
São Bento	Paraíba	CAICÓ	03	10	05
Catolé do Rocha			01	04	03
Brejo do Cruz			07	48	06
Belém do Brejo do Cruz			09	49	06
Patos			01	06	06
Patú			01	06	06

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de pesquisa de campo, 2010.

*Além desse fluxo, registramos também o fluxo que estudantes que vem para Caicó, oriundo de mais de vinte cidades. São cerca de vinte e cinco ônibus e micro ônibus que trazem em média seiscentos alunos por dia.

No que se refere aos produtos, o fluxo de chegada e saída, é, também, por demais intenso. Todos os dias, a cidade é receptora e fornecedora de produtos de toda ordem. Supermercados, lojas de elétricoeletrônicos e eletrodomésticos, armazéns e lojas de produtos da construção civil, indústrias têxteis geram um impressionante movimento, no que diz respeito a circulação e consumo das mais diversas mercadorias. No vetor de prestação de serviços, os bancos (Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco), como, também, postos de serviços dessas

instituições financeiras, hospitais, escolas de ensino médio, universidades, faculdades, sedes dos serviços públicos mais importantes e uma Central do Cidadão⁴⁸ perfazem a dinâmica desse setor que movimentava a cidade e a ela ratifica o cunho de área core ou centro regional. Em toda essa diversidade e dinamismo, enxergamos o papel preponderante da técnica que ora se faz visível e densa, mas, também, aparece como sendo rarefeita e intermediária. Os transportes, os produtos, os serviços e, em especial, as pessoas que se utilizam de toda essa dinâmica urbana estão devidamente localizados em fragmentos articulados do território que revelam a maior ou menor presença da técnica.

As injustiças se sobressaem, as diferenças se aguçam e a iniquidade se revela na cidade. Os eixos da fluidez que, para uma parcela dos homens e mulheres, se apresentam como sinônimos de luminosidade são, ao mesmo tempo, para uma outra parcela reveladora da opacidade, pois o acesso à grande parte do que ali é produzido, distribuído e consumido se resume a uma pequena parcela de privilegiados. Mas não podemos esquecer de que “a cidade é o lugar do debate” e que os homens lentos também fazem uso [parcial] de toda essa gama de objetos e sobre eles desenvolvem ações.

Os referidos eixos de fluidez, que, teoricamente, excluiriam os homens lentos, servem para que estes participem também da dinâmica urbana caicoense, embora seja explícito o fato de que tais eixos, mesmo sendo reveladores da fluidez, coexistem com a viscosidade e a lentidão por parte dos pobres que, em suas coexistências, fazem com que o espaço apareça sempre como um território banal, de todos. As redes de ação e resistência contra a falta de liberdade são reveladoras de solidariedade e convivialidade que se impregnam na cidade (SOUZA, 1997). Nesse sentido, a cidade de Caicó tem, concomitantemente, em seu espaço urbano a menor e a maior “presença de mundo”, ou seja, áreas de maior ou menor resistência, de maior ou menor condição ao que impõe o globalitarismo.

A Caicó da atualidade assim se mostra e, portanto, nos chama a atenção como um centro regional, que, apesar de tão semelhante as demais cidades médias brasileiras, tem a sua dinâmica própria, pois, com uma indústria ainda incipiente, se alicerça em um interessante setor terciário, que revela um forte comércio e uma surpreendente prestação de serviços, que apesar de não estarem totalmente acessíveis a grande parte da população, como já demonstramos, chama a atenção para a pesquisa e a análise. O domínio ou o acesso a mais ou menos avançada

48

Instituição que une em um só local, variados tipos de serviços como: Tributação, telefonia, DETRAN, CINE, ITEP, entre outros.

das técnicas, revela a falsa ideia de um território fragmentado, que, na verdade, está preenchido de coexistências, como, também, de debates e que não pode ser contextualizado na rota do urbanismo racional-funcionalista, que separa a cidade por zona. O mapa, a seguir, mostra a mancha urbana de Caicó na atualidade e se difere do mapa da página 55, pois aquele tem como objetivo cartografar as diferentes, mas coexistentes áreas por nós identificadas e caracterizadas pela luminosidade, opacidade e intermediação entre estas duas.

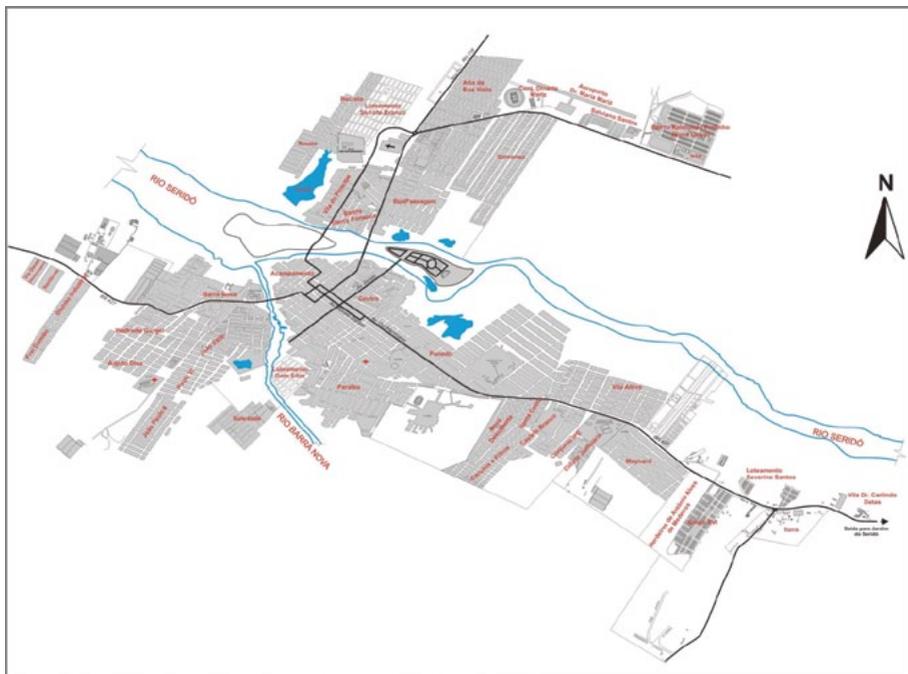


Figura 11: Planta atual da cidade de Caicó

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa Oficial da Prefeitura Municipal, 2010.

1.6 OUTRAS VISÕES SOBRE A CIDADE. UMA TENTATIVA DE REVISÃO ACERCA DE OUTROS ESCRITOS QUE VERSAM SOBRE O URBANO CAICOENSE

Estudos sobre a cidade de Caicó estão contemplados em um pequeno número de trabalhos e um importante conjunto de análises. Dissertações e teses expõem ao leitor a cidade em períodos pretéritos,

assim como em períodos mais recentes⁴⁹. Os títulos, que têm como lastro a ciência geográfica, não são muitos. Tentaremos buscar em cada um deles as semelhanças e diferenças em relação ao nosso trabalho.

Quando falamos na ciência geográfica, como lastro, estamos nos remetendo a uma preocupação que nasce a partir da análise acerca da obra do Professor Milton Santos e toda uma gama de teóricos clássicos e contemporâneos, com os quais esse pensador dialoga e ao que ele chamou de “geografia nova”. Não há, aqui, nenhuma tentativa de pormenorizar qualquer trabalho, mas identificar contribuições para a nossa pesquisa acerca da cidade e do urbano caicoense, como, também, detectar a preocupação de geógrafos a respeito de trabalhos voltados para questões de natureza geográfica. Pensemos no que nos apresenta Toledo Júnior (2009, s/p), ao fazer uma análise da obra “Por uma geografia nova”

Parcela significativa da produção geográfica acabou abandonando a tradição da disciplina em tratar temas que no final do século XX se tornaram fundamentais para a compreensão do funcionamento do capitalismo contemporâneo. A tradicional preocupação com meio geográfico, com as técnicas que vinha desde os estudos sobre a formação da região paisagem, ou do gênero de vida, os estudos da geografia da circulação, ou mesmo as mais recentes preocupações com as telecomunicações foram freqüentemente ignoradas, trocadas por um discurso pretensamente crítico, mas estéril, por ser incapaz de dar uma interpretação geográfica para as estratégias atuais do capital.

Nesse sentido, e sob a ótica da nossa matriz teórica, observamos que muitos trabalhos que versam sobre o espaço urbano caicoense ora se assemelham, ora se diferenciam da nossa proposta. Um estudo que, de fato, leve em consideração o espaço como uma instância social e a geografia como uma ciência do presente, alicerçada em uma epistemologia que leve em conta o papel do fenômeno técnico na construção do espaço banal ou espaço de todos (SANTOS, 2008). É comum a produção de trabalhos que se dizem geográficos, mas, na verdade, se guiam mais asseveradamente por caminhos da historiografia, da sociologia, da antropologia e da semiótica, entre outras.

Esses trabalhos, aos quais nos referiremos adiante, têm uma grandiosíssima importância e em muito têm contribuído para o

49 O trabalho que traz uma análise mais recente sobre a cidade de Caicó, tem como título: Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial. Referimo-nos aqui a dissertação de mestrado em Ciências Sociais da Professora Ione Rodrigues Diniz Morais defendida em 1998. Um outro trabalho da mesma autora, desta feita, a tese de doutoramento em Ciências Sociais (2005) também analisa aspectos da cidade, mas sua principal ênfase não é Caicó, mas sim a Região do Seridó.

entendimento sobre o espaço, o cotidiano e a história da cidade de Caicó. Se faz jus anotar que são obras de grande envergadura intelectual, de um esforço hercúleo de pesquisa e seguem uma opção teórica diferente daquela que, aqui, adotamos. Existem, também, alguns trabalhos, feitos por historiadores, que versam sobre o urbano caicoense e sobre os quais também nos debruçamos.

Um primeiro texto, ao qual queremos nos referir, é de autoria da professora Eugênia Maria Dantas. Em sua dissertação, ela nos oferece um belíssimo exame da cidade de Caicó. A autora constituiu seu trabalho tomando a “cidade” como tema e Caicó como sua base empírica. Ela parte da perspectiva da multiplicidade do discurso para entender Caicó em seu espaço cidadão.

A leitura hipertextual e polifônica desse espaço é o trilho percorrido pela autora que divide seu trabalho em duas partes: “I - Fragmentos”, subdividida em dois itens: a) Um coro, vaias vozes; b) Caicó: arcaica? “II - Narrativas”. Esta segunda parte do trabalho subdivide-se em três itens: a) Lembranças; b) Personas; c) A eterna festa.

Em um belo e denso texto, a autora, que se apoia, entre outras, na ideia de hipertexto e na noção de polifonia, se alicerça nos escritos de Pierre Lévy e Massimo Cavenacci. Nesse contexto, o espaço cidadão caicoense vai sendo tecido, a partir da expressão de múltiplos registros que vão compondo a sua cartografia, o que nos serve para compreendermos a diversidade deste território.

Segundo a autora, “a cidade é entendida como um campo aberto às diversas inscrições que os indivíduos imprimem ou reconstróem cotidianamente”. A cidade se constitui em um artefato que expressa contradições e complementaridades. O tempo se apresenta como uma categoria indeterminada, pois o cidadão caicoense é contado por imagens do passado que se atualizam no presente como resultantes da memória.

O espaço urbano da cidade de Caicó é, assim, representado neste trabalho, apresentado como dissertação de mestrado em Ciências Sociais, concluído no ano de 1996. Ele foi escrito por uma geógrafa caicoense, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e apresenta relevantes contribuições, para que, a partir da sociologia urbana, da antropologia social e da semiótica, possamos entender a cidade de Caicó em seus “fragmentos e narrativas”. A fotografia (imagens) é um dos pontos fortes na análise do espaço cidadão tomado como base empírica. A confluência de imagens e discursos amparados nas ciências acima anotadas tem como resultado o que a autora chama de mapa imagético da cidade. Assim aparece um viés geográfico que se esboça na harmonia

entre as fotografias e os discursos, já que não há no trabalho um “mapa geográfico” propriamente dito ou rigidamente cartografado. Assim, a geografia que, ali, se realça é a chamada “geografia cultural”, muito importante para que enxerguemos alguns aspectos que se nos escapam e que nos trazem outras visões que complementam o nosso entendimento, como, por exemplo, os discursos que emanam dos territórios opacos e luminosos e fazem valer a voz dos homens lentos em contraponto com a rapidez de outros homens. A autora se remete ao fato de “a relação dos espaços, entre si, e com seus habitantes estabelece uma linguagem não só pela fala, mas, também, pela emissão de outros sinais [ações] capazes de identificar o que é a cidade” (DANTAS, 1996, p. 22).

Nesse sentido, o trabalho, que ora analisamos, tem uma opção teórico-metodológica diferente da que adotamos nessa nossa empreitada de compreender o espaço urbano caicoense, a partir de um olhar mais especificamente geográfico. No entanto, salientamos que o texto da Pesquisadora Eugênia Maria Dantas é de grande valia e traz profundas reflexões sobre a composição do espaço citadino e deve sempre ser visitado e cuidadosamente analisado por aqueles que se arriscam na hercúlea tarefa de contribuir para o entendimento do espaço urbano da cidade de Caicó.

Um outro trabalho de grande importância e de um impressionante tino de pesquisa foi apresentado pela Profa. Ione Rodrigues Diniz Moraes, sobre o qual nos debruçamos, analisamos para aproveitar suas contribuições à nossa pesquisa.

A dissertação de mestrado intitulada “Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial”, concluída no ano de 1999, traz em si uma profunda consistência naquilo a que se propõe. O texto dissertativo, já transformado em livro, é constituído por cinco capítulos e faz na sua primeira parte (três primeiros capítulos) uma análise que recorre, em muito, à historiografia, mas a autora deixa claro a sua intenção de buscar esta história e utilizá-la como fazendo parte de um processo na explicação do que ela chama de dinâmica espacial urbana. Aí se realça a pesquisa geográfica que nos serve de lastro para entender a “cidade de ontem”, quando narra como se constituiu a vila que se transformou em cidade, desde a economia pastoril, passando pelos dados demográficos e pelo povoamento da cidade até a configuração urbana do final dos anos 70. Tudo isso como desencadeador de uma mudança no espaço ou, como a própria autora se refere, na geografia da cidade. A noção de períodos e de suas relações com o fenômeno técnico será o nosso trilho e difere do entendimento do trabalho, ora analisado.

O capítulo quatro do referido trabalho é aquele que mais nos inspirou, pois trata especificamente da reconfiguração espacial do urbano caicoense. É o capítulo que, ao nosso juízo, se faz mais genuinamente geográfico. Uma gama de cartas geográficas explica, de forma elucidativa, as transformações ocorridas nesse espaço e dão uma validade especial ao título do trabalho. As fotografias, que trazem formas e sugerem funções, facilitam o entendimento dos vários processos que transformaram o urbano caicoense. Toda essa análise e esses pressupostos complementam-se no capítulo cinco que fecha o trabalho.

Nesse sentido, é mister anotar que se trata de um trabalho com abordagem geográfica, o que lhe confere mérito, que se utiliza, de certa forma, de categorias, como estrutura, processo, forma e função. É um texto guiado pela aproximação teórica ao conceito de urbanização terciária. Lobato Corrêa, Milton Santos, Wilson Cano e Marcelo Lopes de Souza são, ao nosso juízo, os autores centrais na guia do caminho ou, como diz a autora, aporte teórico, do trabalho. Enfim, é uma “tese” sobre a cidade de Caicó e sua dinâmica espacial, caminho obrigatório para toda pesquisa sobre o urbano caicoense e que deixou frestas⁵⁰, como, também, abriu caminhos para novas investigações acerca da referida cidade, como é o caso desse nosso trabalho.

Um terceiro trabalho, apresentado como dissertação no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRN, também merece referência, pois versa, como os dois anteriores, do urbano caicoense. Trata-se da dissertação intitulada “Sobre pedras, entre rios: modernização do espaço urbano de Caicó/RN (1950/1960)”, de autoria do Professor Marcos Antônio Alves de Araújo. É um trabalho escrito na perspectiva geo-histórica e narra a modernidade do espaço urbano caicoense em décadas passadas. A partir da análise de muitos elementos e, em especial, dos artigos encontrados em um jornal de circulação na cidade, intitulado “A Folha”, o autor destaca o auge da economia algodoeira como lastro do que ele chama de iniciativas de modernidade operacionalizadas no tecido urbano, em tela, e assim assevera.

Esses tempos de auge, marcados pelo desenvolvimento acelerado da atividade algodoeira, foram sentidos de maneira mais intensa na cidade, durante as décadas de 1950 e de 1960, quando se deu a instalação,

50 É comum a qualquer trabalho científico o fato de deixar “frestas” e abrir novas rotas de investigação. É o que ora acontece com a nossa pesquisa.

sobretudo através de iniciativas públicas, de novos serviços, elementos e equipamentos urbanos na malha citadina caicoense, tais como: usinas de beneficiamento de algodão, agências bancárias, instituições de ensino, emissoras de rádio, cemitério, cinemas, hotéis, casas comerciais, dentre outras estruturas e funções urbanas. (ARAÚJO, 2008, pp.23-24)

A cidade vista pela “geografia histórica” é narrada de forma poética e metafórica nos seus vários vieses de transformações citadinas no aparecimento de novos e importantes equipamentos urbanos que, segundo esse autor, deveriam plasmar o cunho de “cidade ideal” para o Seridó Potiguar. Assim, a referida dissertação nos inspira e serve de base, quando nos revela um espaço em mudança, ou como preferimos, um espaço em que a técnica, como intervenção humana, introduz novos objetos, novas formas, funções e estruturas, através de um processo que implementa novos períodos, novas divisões do trabalho, como, também, a coexistência de tempos e subespaços distintos, através de eventos.

A grande contribuição do trabalho do Prof. Marcos Antonio Alves de Araújo é, na verdade, a importância de um período técnico marcado pelo auge do algodão e suas consequências para um espaço que é a base empírica do nosso trabalho.

Não comungamos com a ideia de que a geografia aporte suas análises em tempos passados, até porque a encaramos como uma ciência do presente, mas é de suma importância entender períodos idos e sua relação com o agora - como um processo - e analisar como o fenômeno técnico molda os espaços e os mesclam de temporalidades tantas.

Estes autores desenvolveram textos importantes e densos, mas como optamos por outro olhar sobre a cidade, embora a nossa miopia requeira, em alguns momentos, enxergar pelas lentes de tais autores, pensamos que, mesmo que estejamos tratando do mesmo espaço, do mesmo urbano, ainda há muito o que pensar e dizer sobre esta cidade, chamada Caicó.

Há também que se chamar a atenção para trabalhos escritos por historiadores e que analisam fatos históricos sobre a cidade e o urbano caicoense. Destacaríamos, portanto, as contribuições de: Olavo Medeiros Filho, Muyrakitam Kennedy de Macedo, Juciene Batista Félix Andrade, Maria das Dores Medeiros, Douglas Araújo de Faria, Erivan Ribeiro de Faria, Hélder Alexandre Macedo, entre outros.

2. PERÍODOS, RUGOSIDADES E EVENTOS: CAICÓ COMO ELA TEM SIDO

2.1 A FORMAÇÃO TERRITORIAL: TEMPO-ESPAÇO, PROCESSOS E PERÍODOS

A cidade analisada é o resultado de um processo de acumulação de tempos, onde o espaço se renova ao passo em que conserva permanências. O novo e o velho coexistem no presente para realçar tal processo. Não nos interessa o passado “por si só” [essa é uma tarefa mais própria dos historiadores], o que de fato nos move é o presente. No entanto, esse “presente” está mesclado tanto de tempo-espaço passados como de prospectivas de um inevitável devir. As rugosidades e/ou as formas mais atuais parecem se unir para difundirem anúncios de novos e atuais acontecimentos, como, também, futuras transformações dos lugares.

Nesse sentido, faz-se mister a análise de períodos pretéritos e de seus processos que desencadearam a evolução do espaço citadino caicoense, suas preservações, suas atualizações, bem como as perspectivas de novos rearranjos territoriais. Nesse capítulo da pesquisa, nos ancoraremos em conceitos, como: períodos, rugosidades, eventos, entre outros.

Começemos nossa análise pelos períodos que se sucederam um a um, tanto em níveis globais, como em níveis locais. Os processos do desenvolvimento global das técnicas e da consequente evolução da humanidade, que desencadearam as “mutações” nas cidades e no urbano mundial e brasileiro, são, por demais, conhecidos, analisados e descritos por tantos e tantos estudiosos, como é o caso de Milton Santos, Ortega y Gasset, Eric Robsbawm, Henry Lefébvre, David Harvey, Lewis Mumford, Carl Mitcham, entre outros.

A história e, principalmente, a geografia do mundo são constituídas de períodos que, a partir de um dado tempo⁵¹, podem ser chamados de períodos técnicos e, que, segundo Santos (1999), revelam as sucessões e as coexistências, ou seja, em cada lugar, a relação tempo-espaço se dá concomitantemente de forma assincrônica e sincrônica. Isto se explica, por exemplo, quando ações semelhantes, praticadas por agentes diferentes em espaços também diferentes, acontecem simultaneamente,

51 Estamos nos referindo à Revolução industrial inglesa do Séc. XIX, que marca um novo período na relação homem-natureza, homem-homem. A partir deste período, a segunda natureza ampliou-se consideravelmente.

mas com velocidades distintas. “Cada ação se dá segundo seu tempo; as diversas ações se dão conjuntamente” (Ibid).

A análise de toda e qualquer conjuntura, em especial, no contexto urbano, exhibe-nos um conjunto de períodos técnicos que, de um lado, podem ser entendidos como globais e de outro como sendo locais, pois cada lugar, ao seu tempo, também exhibe períodos próprios em consonância, pela totalidade, com estes períodos globais.

Reportaremos-nos primeiro às periodizações globais que, segundo Ortega y Gasset (1939) estão assim distribuídos: período da técnica do acaso, período da técnica do artesão e período da técnica do engenheiro. Munford (1934 apud SANTOS, 1999) nos apresenta um outro processo evolutivo dos períodos técnicos e os agrupa em: período das técnicas intuitivas (até 1750), período das técnicas empíricas (1750 - 1900) e o período das técnicas científicas (a partir de 1900). O próprio Milton Santos também nos oferece uma noção bastante interessante acerca do que sejam os períodos. Para este autor, “períodos são pedaços de tempo submetidos a mesma lei histórica [...]. Assim, as periodizações podem ser muitas, em virtude das diversas escalas de observação” (SANTOS, 2008, p. 67). As escalas são três: o mundo, o Estado-Nação e a cidade. A divisão dos períodos, feita por este último autor, está, então, assim apresentada: período técnico, período técnico-científico e período ou meio técnico-científico-informacional.

O espaço é uma instância social, portanto, abstrato, e é uma condição e um conjunto de possibilidades para a existência humana, já o território é o uso deste ou daquele espaço e, portanto, concreto (SANTOS, 1999). Quando analisamos os processos formadores do território caicoense, percebemos a íntima relação dos tempos globais com os tempos locais e as suas consequências no espaço. Isso se apresenta pela noção de [a parte e o todo], ou seja, pela ação sistêmica e pela totalidade. Mas para o entendimento deste processo, faz-se mister uma análise de tempos pretéritos, como sendo um presente do passado.

No período da expansão do sistema capitalista, que teve como trilha a conquista de novos espaços/territórios, as terras de além-mar⁵² dividiam-se em subespaços de primeira e de segunda natureza. Nativos utilizavam-se da maioria dos subespaços conquistados/invadidos pelos europeus, por meio de técnicas, que podem ser classificadas entre o que

52 Visão do mundo a partir do continente europeu. A Europa desencadeava a ideologia eurocentrista e toda localização se dava a partir daquele continente.

Ortega y Gasset (1963) chamou de técnicas do acaso e técnicas do artesão.

No caso do Brasil, a partir do século XV, dois diferentes modos de produção, dois distintos conjuntos de “sistemas de engenharia” passavam a coexistir em uma mesma porção do espaço. Os territórios como recurso, comandados pelos agentes que, pretensamente, começavam a mandar, contraponham-se aos territórios como uso, dos agentes que teoricamente deveriam obedecer, mas insistiam na não obediência. É nesse contexto que se implanta um novo e complexo sistema de relações que terminaria por deflagrar esses diferentes usos de um espaço que, a “posteriori”, se identificaria como sendo o território brasileiro, dividido em regiões e, estas, por suas vez, repartidas em tantos subespaços. É sobre os processos de formação territorial de um destes subespaços que passaremos a nos deter, a partir daqui.

Na conquista/invasão do litoral, os processos de ocupação e usos do território foram se manifestando, a partir do encontro/confronto dos já referidos povos e seus modos de produção. De um lado, os nativos, as técnicas do acaso e do artesão e um modo de viver e usar o território, caracterizado pela vida comunitária e primitiva, como descrito por Medeiros Filho (1984). Coletores, caçadores e agricultores, os nativos plantavam milho e confeccionavam artesanalmente alguns alimentos, como, por exemplo, pães. O autor destaca também a visível equidade na distribuição das coletas sejam frutos, sejam caças. Por outro lado, os colonizadores com técnicas já mais “avançadas” e um modo de produção baseado na moeda, na divisão de classes e na exploração de territórios e de pessoas e, em especial na divisão das terras em sesmarias e datas.

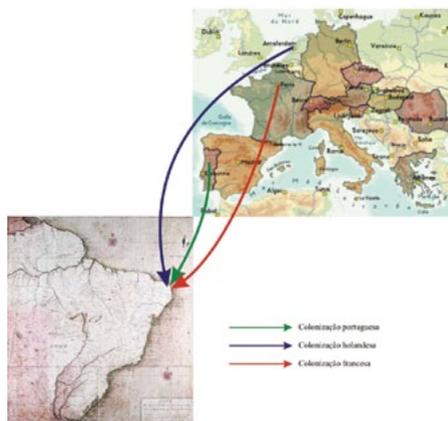


Figura 12: A ocupação estrangeira do território brasileiro nos séculos XV e XVI
Fonte: Elaborado pelo autor, 2009.

O sistema técnico preponderante em cada fase da história, como, também, o conjunto das tarefas executadas pelas diferentes sociedades, reflete a correlação entre o uso do território e as técnicas disponíveis em determinada época. As técnicas dos nativos iam sendo, aos poucos, substituídas pelas técnicas dos colonizadores. O uso do novo território “colonizado” anuncia as mudanças, mas denuncia permanências, até porque a coexistência desses povos e suas técnicas durariam ainda algumas centenas de anos.

Não demorou muito e a conquista/invasão se interiorizou. No sertão nordestino, as mesmas coexistências e confrontos se estabelecem. O que mudam são os povos nativos, mas o conflito se dá com os mesmos invasores. A sobreposição de um modo de produção sobre o outro vai aos poucos se perfazendo e as mudanças, nas divisões territorial e social do trabalho, vão também se configurando, isso tudo como resultado de novos usos e (ab)usos do território.

2.2 A PECUÁRIA COMO UM SISTEMA TÉCNICO E O USO/FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

A pecuária nasce como atividade complementar à produção de açúcar de cana. O velho “sistema de engenharia”, montado e pouco renovado durante séculos pelos nativos, passa a ceder, frente essa nova atividade, que implementa um novo sistema técnico. As fazendas surgem para deflagrar um novo e diferente uso do território, como, também, uma nova divisão territorial do trabalho. (LIMA, 2002, s/p), assevera que

A pecuária surge, por sua vez, como atividade complementar aos canaviais. Expulsa do litoral pela expansão da monocultura canieira (cujo ápice ocorreu com a Carta de 1701 que proibia a criação de gado até dez léguas das plantações canavieiras), a pecuária ganha o interior da colônia.

Assim sendo, a pecuária surge como o primeiro sistema técnico no interior do território, usado pelo colonizador que, matando e/ou expulsando os indígenas, foi desenhando uma nova geografia. Uma geografia que se revela na paisagem descrita pelo “colonizador algoz” Domingo Jorge Velho como “o mais áspero caminho, agreste e faminto sertão do mundo, (...) um caminho tão agreste, seco e estéril, que só quem andou, poderá entender o que é” (MACEDO, 2005, p. 38). Diante

deste território hostil, portanto, propenso ao criatório, as ribeiras⁵³ se apresentam como vias de acesso e ligação de dois sistemas técnicos que passavam a dominar a colônia portuguesa nos Séc. XVI a XIX, a cana-de-açúcar das regiões costeiras e a criação de gado das plagas sertanejas. Essas atividades, comandadas pelos agentes do país luso, exibiam o viés da totalidade e a eminência de que nenhuma técnica se dá isoladamente (SANTOS, 1999), pois a íntima relação entre a cana e a pecuária trazia, em si, uma interação ainda mais importante, aquela que revelava a coexistência de técnicas estrangeiras e técnicas autóctones.

As técnicas, utilizadas no contexto da pecuária, inscreviam-se no âmbito do artesanato, tanto pelas condições iniciais e locais da colonização interiorana como pela totalidade-mundo. Nesse momento da história (Séc. XV e XVI), o artesanato guiava as relações de produção. O couro e o metal eram as principais matérias-primas para o desenvolvimento dos artefatos ou ferramentas (SANTOS, 1999). No que tange às tecnologias, elas eram próprias da época, ou seja, artesanais e pouco impactantes ao ambiente. Como diria Mitcham (1991 apud SANTOS, 1999), referindo-se à periodização de Ortega y Gasset, técnicas de um tempo da destreza e não da ciência. Essa destreza que não demandava conhecimentos mais elaborados, revelava-se no trabalho, na ação de artesãos do couro e do ferro (objetos), mas, também, na ação de vaqueiros que, de posse de tais objetos, faziam valer o uso do território pela arte e ofício do criatório. A corda de laçar, o chocalho, o serrote de serrar pontas, os ferros que imprimiam na epiderme animal desenhos e letras que, na verdade, representavam o símbolo de um domínio territorial, as celas, as cangalhas, entre tantos outros⁵⁴, se configuravam como objetos peculiares ao trabalho direto dos vaqueiros com os rebanhos.

Mas o que é que toda essa pequena e sumária história dos períodos, dos sistemas técnicos e dos objetos tem a ver com a formação territorial da cidade de Caicó? A pecuária, atividade de características tipicamente rurais e todo seu contexto é, na verdade, a responsável pela fundação de vilas, que surgiam para funcionar, seja como subespaços de trocas comerciais, de pouso para animais em suas migrações, seja como territórios de organização para o embate entre os colonizadores e o nativo, como é o caso da vila que deu origem à cidade que nos serve de base empírica.

Os rios (estradas) iam servindo pouco a pouco à ocupação e usos do território interiorano. As ribeiras não se apresentavam apenas como vias

53 Distrito rural que compreende um certo número de fazendas de criar gado. (Dicionário de vocábulos brasileiros, 1889).

54 Bridas, cortadeiras, cabeçadas, cabrestos, relhos, estribos, estribeiras, borracha, borrachão (MEDEIROS FILHO, 1983).

de acesso e subespaços de assentamento. Elas revelam uma verdadeira cartografia, onde o território, como uso (pelos indígenas), dá lugar ao território como recurso (pelo colonizador). As referidas ribeiras são, na verdade, a primeira ideia de regionalização e nelas se circunscriviam um certo número de fazendas.

Um território, que antes era pautado pela existência de aldeias indígenas e que tinha como base o modo de produção primitivo e comunitário, onde as tarefas eram bem divididas entre homens e mulheres, dá lugar a um novo uso territorial baseado na distribuição de datas (MEDEIROS FILHO, 1984, pp. 105-116) de terras pela coroa. A maioria dessas terras passa a ser utilizadas como fazendas, onde o criatório é o cerne da economia, seguido por uma agricultura de subsistência. Em meio às fazendas, o território também será cenário do nascimento das povoações e vilas. Assim, as divisões territoriais e sociais do trabalho vão passando por processo de mudanças. As rugosidades - tema que trabalharemos ao longo deste capítulo - vão timidamente imprimindo um tom de resistência, tanto no tempo como no espaço. Mas é o novo que se perfaz a cada momento da formação territorial que dá origem e expansão ao arraial/povoação/vila/cidade, objeto de nosso estudo. (Ver mapa abaixo)



Figura 13: Embrião de uma cidade – Período da Pecuária

Fonte: Elaborado pelo autor com base em mapa da Prefeitura Municipal, 2009.

As terras do interior da colônia ou dos sertões foram sendo ocupadas cada vez mais pelo criatório extensivo, mas essa atividade colonizadora não aconteceu de forma tranquila, pelo contrário, como já anotamos, os índios enxergavam no gado, “feras” que pudessem ser abatidas. Assim, caçavam e ceifavam a vida de muitos dos animais, além de não aceitarem a invasão de suas terras, essas empreitadas do nativo terminou gerando grandes e intensos conflitos, que tiveram do colonizador, como nos aponta Macêdo (2005, p. 03), uma forte e cruel contrapartida.

Em repressão aos indígenas que estavam sublevados, diversos Terços Militares foram enviados ao sertão com o intuito de dominar as revoltas. A documentação aponta dois grandes conflitos armados que ocorreram em território hoje cartografado como Seridó (...) Enviadas tropas militares para combater os índios levantados, tornou-se necessário um ponto de apoio para o seu aquartelamento. Com este propósito foi construída a Casa-Forte do Cuó.

Na forma geográfica narrada acima, que se apresenta como abrigo e tem como função o apoio para os militares luso-brasileiros, está a origem de uma formação territorial, que se expandiria e ascenderia a categorias territoriais mais elevadas, como é o caso do nascimento de uma povoação e logo, em seguida, de uma vila, a Vila Nova do Príncipe.

Assim, tudo começou, de fato, na Vila do Príncipe, por volta de 1788, mas foi no dia 15 de dezembro de 1868, que o governador da Província, Manuel José Marinho, assinou a Lei Provincial N°. 612, que elevou a “Vila Nova do Príncipe⁵⁵” à categoria de cidade, com o nome de “Cidade do Príncipe”. A partir e diante de uma edificação erigida em honra a Nossa Senhora de Sant’Ana, umas poucas casas ergueram-se e se constituíram em um tímido ensaio da futura cidade. Tão simples e tão singela, a jovem cidade ainda “respirava” o ar da “lentidão” em um constante e íntimo encontro com o novo. Se comparada aos dias atuais, tudo soava leve e vagaroso. No entanto, a totalidade sempre existiu, e ali era percebida claramente, pois a marcha do tempo, em consonância com as mudanças do espaço, que aconteciam em nível local, já vislumbravam, contudo, a dialética pautada na assincronia/sincronia em relação ao global, pois todas estas transformações resultavam, na verdade, de um longo processo de colonização europeia, da ampliação de poderes políticos, econômicos e religiosos que sopravam de além-mar. Assim, vemos que as alterações, na composição daquele “embrião urbano”, se davam lentamente, mas apresentavam forte relação com o mundo externo.

55 Primeiros nomes dados a atual cidade de Caicó, segundo fontes do Artigo publicado pelo Dr. Francisco de Assis Medeiros, no jornal “A Folha” de Caicó, de 15.04.67, pp. 02 e 04 - História do Rio Grande do Norte, de A. Tavares de Lyra.

Era a origem da futura cidade de Caicó em um período técnico mundial marcado pelos primeiros ensaios de uma industrialização e a inauguração de um período local, onde era vigente o artesanato aplicado à pecuária e a agricultura. Com essas técnicas próprias da época, originaram-se os primeiros objetos (os fixos). A partir desses fixos, nascem os fluxos que, naquele período, se davam de forma muito localizada, envolvendo a vila/cidade e o seu entorno rural. Estamos nos referindo ao já mencionado casario, a mais uma igreja - desta feita, em honra a Nossa Senhora do Rosário - e alguns poucos prédios. Fundava-se, assim, o núcleo inicial, a partir do qual a cidade se expandiu⁵⁶, em especial, na primeira metade do Século XIX.

Ainda, no tocante a esse “embrião” de cidade⁵⁷, é importante ressaltar que as formas (o design de cada edificação), as funções (religiosa, administrativa e de moradia), as normas (as primeiras regras de convívio entre os vários agentes), os processos (as ações temporalizadas) e a estrutura, que, ali se implantaram, se davam por um feixe de eventos do passado que, certamente, têm grande influência nos eventos mais contemporâneos e aos quais nos referiremos mais adiante. Chamamos de eventos do passado a casa forte do Cuó, a Povoação e a Vila Nova do Príncipe, partes de um processo que, apesar das permanências, imprime a cada tempo, o novo, representado pelos períodos, pelos sistemas técnicos e pelas fases de expansão da pretensa cidade. O período da pecuária tem, assim, grande importância na formação inicial do território caicoense.

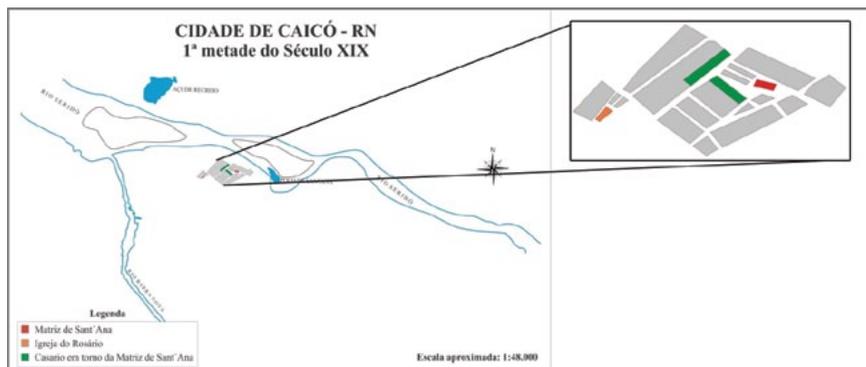


Figura 14: A cidade no período da pecuária
Fonte: Mapa base da Prefeitura Municipal, 2009.

56 Estamos nos referindo à primeira e pequena mancha urbana ocorrida na cidade.

57 Eis algumas características fisiográficas desta cidade: Altitude: 151 metros; Clima: semi-árido; Fuso horário: UTC -3; Caicó está na grande depressão sertaneja e é cortada por dois rios temporários: O rio Seridó e o rio Barra Nova.

O uso do território no qual foi gestada a cidade de Caicó, resulta, portanto, da distribuição de sesmarias e datas, destinadas à propriedade privada. O território como uso e o território como recurso pertencem agora a novos agentes, que porão em prática o criatório, uma agricultura de subsistência, estas como atividades atreladas à economia litorânea, pautada pelos canaviais e produção açucareira. Porão em prática também um sistema de povoação.

Nesse contexto, a verticalidade e a horizontalidade se complementam para revelar o mundo no lugar em forma de ações dos agentes externos, pois “a velocidade da difusão do criatório pelos sertões seguiu, em grande parte, o diapasão do crescimento das atividades da agroindústria açucareira” (MACEDO, 2005, p. 35). Revelam-se, também, as “façanhas locais”, pautadas na associação de agentes autóctones à empreitada estrangeira. Fica evidente, portanto, o período técnico da pecuária como sendo parte de uma totalidade que não se limitava com o litoral açucareiro, mas que estava, de forma indireta, em sincronia com as demandas de além-mar, ou seja, com as normas advindas de terras lusitanas em tempos de anseios expansionistas.

Conclui-se, portanto, que a cidade de Caicó tem a sua gênese intimamente ligada ao processo de colonização e de exploração do espaço costeiro/sertanejo dos Séculos XVI-XIX, tendo, no Sertão, como primeira atividade, as fazendas de gado, a prática do criatório e de uma incipiente agricultura. Os agentes são os senhores proprietários de terras que postulavam à coroa portuguesa, “territórios de criar gados”, como, também, seus fiéis e supostos societários: os vaqueiros que, com suas técnicas, realizavam, na prática, o uso do território sertanejo, além dos artesãos do ferro e do couro que, com sua arte, alimentavam com os objetos técnicos todo o processo de criatório e plantio desenvolvidos. Destacam-se, também, toda uma população marcada pela extinção indígena em curso e o aparecimento de brancos, negros e mulatos. Todos esses agentes começavam a adensar aquele subespaço, onde surgiram as fazendas, as povoações, as vilas e, finalmente, as cidades. Eis o primeiro período técnico que se contextualiza a partir de tal processo. A esse período da pecuária vai se somar um outro. O sertão do criatório, marcado por “ápices e crises”, também será cenário de um novo sistema técnico. Aquele que definiremos como sendo o período técnico do algodão.

2.3 A COTONICULTURA COMO UM SISTEMA TÉCNICO E O USO/EXPANSÃO DO TERRITÓRIO

As fazendas de gado - importantes eventos - não ocupavam a

totalidade das datas recebidas pelos seus postulantes - os senhores proprietários. A agricultura, ali desenvolvida, não tinha como objetivo gerar rendimentos a estes senhores. O criatório, muito ligado à atividade açucareira, tinha seus sucessos e fracassos muito atrelados ao contexto litorâneo e ao “determinismo natural” vigente no sertão potiguar que, como assevera Andrade (2005), mata a vegetação, destroça os animais e força o homem a mover-se em migrações obrigatórias.

No processo de evolução do território usado no “Sertão de Acauã” do fim do Século XVII e início do século XVIII, a pecuária já não respondia, a contento, aos anseios capitalistas. Este Sertão que, de forma peculiar, apresentava um contexto morfoclimático adverso à regularidade e fortalecimento econômico, baseado no criatório, vê ressurgir uma atividade que se apresentava resistente a um cenário, onde as secas prolongadas e alguns “anos bons” com poucos meses de chuvas permutavam-se no papel de protagonistas e coadjuvantes, sendo que a atuação das secas se sobressaía.

Esse contexto natural da Ribeira de Acauã ou, como se chamou depois, da Região do Seridó Potiguar, onde se encena todo o período técnico da pecuária em complementaridade/substituição ao período comandado pelo nativo ou indígena, serviu de base para a um novo uso do território, com lastro na cotonicultura. Assim sendo, um terceiro sistema técnico passa a existir/co-existir, sendo que “a cultura do algodão no Rio Grande do Norte tem início, portanto, numa época em que o ciclo do gado não chegara ainda a seu ocaso” (CLEMENTINO, 1987, p. 33). É uma coexistência com as rugosidades do período técnico nativo e, em se tratando de novas técnicas, como sendo um avanço em relação ao segundo período - a pecuária - , esses dois, já analisados.

Os territórios, advindos do uso do espaço das sesmarias que, até então, serviam à povoação, ao criatório e à agricultura de subsistência, serão cenário para o advento de novas técnicas, de um novo sistema de engenharia: da pecuária e plantio artesanal à introdução, mesmo que lenta, de máquinas. Além do que, novas ações, agora desenvolvidas por velhos agentes - fazendeiros pecuaristas -, complementam a atividade criatória. Estamos nos referindo ao trato com os territórios do algodão.

Um outro fato é também notável: do mercado restrito da co-produção⁵⁸ com o litoral canavieiro, esse novo período técnico coloca

58 Estamos nos remetendo ao binômio açúcar-gado que colocava os fazendeiros em uma espécie de totalidade do processo comercial. Em comparação com o novo que se apresenta em forma de economia algodoeira, esse ainda era um contato restrito.

esses agentes de comando no eixo da internacionalização, em uma nova divisão internacional do trabalho (Ibid), mesmo que de forma indireta.

Contudo, se faz mister anotar que, até os anos de 1930, a produção de algodão no Seridó e, mais especificamente, no território, onde, atualmente, se encontra a cidade de Caicó, passará por um primeiro processo que se dará de forma mais artesanal (plantio, colheita e descaroçamento) na fazenda. Na década supracitada, o algodão atinge, de fato, a maquinização (a usina) e se espacializa na cidade. A cada subperíodo, que se estende desde os fins do século XVII, a cotonicultura vai se moldando, a partir de um conjunto de técnicas e de uma interessante solidariedade organizacional⁵⁹. O sistema de engenharia, aí predominante, revela certa variedade de máquinas e de funções que se complementam para denotar um novo período regido por um produto que, mesmo sendo autóctone já cultivado pelos nativos, só ganha notoriedade quando, no século XVII, se espacializa, de fato, nas fazendas e reproduz um processo que engendra um novo sistema técnico que opera a cada momento novas geografias e novas cartografias e, no século XX, chega definitivamente às cidades.

Essa espacialização, esse uso do território pelos “senhores do algodão” explica-se pela relação do mundo com o lugar, pois, segundo Takeya (1985), são os problemas conjunturais⁶⁰ ocorridos nos Estados Unidos da América que alavancam a cotonicultura e todo seu aparato técnico no interior do Rio Grande do Norte. O território rural vai, mais uma vez, como no período da pecuária, servir de primeiro lastro, para que o sistema técnico do algodão se aporte, mais tarde, nos territórios urbanos, pois a evolução de todo o processo perfaz uma marcha que tem como ponto de partida o descaroçamento/fiação no interior das fazendas seridoenses e como “território do avanço”, as cidades, como é o caso de Caicó e suas usinas de beneficiamento. A verticalidade imposta pelo cenário externo, seguida de uma horizontalidade que demanda de tais externalidades, perfaz um contexto que revela a importância dessas usinas na expansão urbana caicoense.

59 É Milton Santos que, como base na filosofia, em especial, a de Lefebvre, nos chama a atenção para o fenômeno da solidariedade organizacional, aquela que mostra a necessidade que um objeto cria em relação ao surgimento e uso de outros objetos. Clementino dedica grande parte de sua obra “O maquinista de algodão e o capital comercial” a descrição de como as fases de beneficiamento do algodão vão se incrementando (organizacionalmente se solidarizando) a partir do uso de novas máquinas, até chegar à usina moderna.

60 Processo de independência (1776-1783) e Guerra da Secessão (1861-1865).

2.3.1 O USO DO TERRITÓRIO URBANO E SUA EXPANSÃO: O PAPEL DAS USINAS DE ALGODÃO

Após uma longa fase como atividade rural, o algodão ganha espacialidade no urbano caicoense (MORAIS, 1999)⁶¹ dedica boa parte de sua obra à análise de como as usinas - em número de três - e, em especial, uma delas incrementou a cartografia urbana caicoense.

Nossa análise parte da premissa da intervenção pela técnica, da relação deste território urbano tecnificado com territórios externos (nacional e mundial). De como a presença das usinas, a partir dos anos de 1930, desenharam uma nova cartografia, pautada por uma solidariedade organizacional traçada a partir da cotonicultura que incrementa antes as áreas rurais, para depois incrementar a cidade, a sua economia e, conseqüentemente, a sua urbanidade. Como já apontamos, as crises, no principal país da América Anglo-Saxônica, alavancam uma relação mundo-lugar-mundo, que faz da Região do Seridó e especificamente da cidade de Caicó um esteio para a encenação de importantes eventos. Estes, comandados por agentes que promoveram verticalidades.

Por verticalidades, entendemos as ações que vêm do externo e se utilizam das benesses locais em áreas específicas do território. O lugar, um ponto neste território planetário, é visto como “hospedeiro” de um ou mais interesses que despertam o investimento nacional e internacional. A Caicó dos anos de 1930⁶² se insere nesse contexto e chama a atenção para o algodão produzido no Seridó e seu beneficiamento no espaço urbano da referida cidade. Não são só as crises internas dos Estados Unidos, já mencionadas, é também o fato de que a região do Seridó produzia na época um algodão diferenciado conhecido como “Algodão Mocó” de fibra longa que servia mais eficazmente ao setor produtivo nacional e internacional.

Essas verticalidades operam horizontalidades e é aí que reside o fato da expansão urbana da cidade de Caicó. Não nos limitamos a olhar para esta ou aquela área da cidade, se esta ou aquela usina incrementou o lado sul, norte, leste ou oeste.

Optamos por olhar para a projeção, pela qual passa a cidade e, como, a partir desta projeção, Caicó referencia a sua condição de

61 Morais (1999) em seus capítulos II e IV e em especial, as páginas 94-99.

62 Neste momento histórico, a cidade passa a participar mais efetivamente de uma nova divisão territorial do trabalho, pois quando O Sudeste se industrializa implementa no país uma nova dinâmica. A reboque desta, a economia algodoeira é beneficiada e tanto a Região do Seridó, como a cidade de Caicó passam a fazer parte dessa dinâmica.

centro regional, pois “apenas 10% do algodão era produzido no próprio município e o restante era proveniente de outros municípios do Seridó oeste Norte-rio-grandense e do sertão paraibano” (MORAIS, 1999, p. 98, grifo nosso)⁶³. Vê-se assim que a cidade que revela uma condição de centro, será, também, atrativa e, conseqüentemente, receptora de novos investimentos e massas populacionais e, portanto, terá a sua área urbana expandida, como, também, o incremento de sua economia. É a técnica operada pelos objetos e pelos eventos implantados pelos agentes que refundam a cada instante, a cada novo período técnico, um novo desenho político, econômico, social e cartográfico na cidade.

Sobre os objetos técnicos, já analisamos aqueles que deram suporte aos períodos anteriores e, agora, é mister analisar o desenvolvimento desses objetos inseridos no contexto do período técnico do algodão. Na fazenda, prevaleceu a descarocagem, onde o trabalho manual foi aos poucos sendo substituído pelos descarocadores (o engenho de madeira acionado com o pé, um outro tipo movido à energia animal - bois ou cavalos -, a máquina de dois cilindros, a bolandeira e, enfim, o descarocador de serras ou locomóvel)⁶⁴.

Toda esta estrutura é apenas o início de um processo de evolução que ascenderia à meia usina e à usina. Esse processo não se dá isoladamente, mas é resultado de uma série de exigências que o mercado externo impõe ao produtor e beneficiador do algodão. O território rural, agora, não dá mais conta de todo esse processo de beneficiamento que transforma o algodão em fibra têxtil. A cidade será o lócus dos novos objetos e das novas ações. A meia usina e a usina dinamizam o território urbano em seus subespaços de transformação do algodão em pluma. A cidade é a nova tecnoesfera deste processo que vai além, para produzir, também, o óleo da semente do “ouro branco”. O maquinário, usado nessas duas novas formas de beneficiamento do algodão, é mais tecnologicamente avançado e mais eficaz, no que concerne à produtividade e às exigências externas já citadas. Para acompanhar tais avanços, entram novamente em cena as solidariedades organizacionais. As usinas⁶⁵, em suas intrarrelações de modernização e na relação com o padrão de exigências, que chegam do comprador externo, promovem um constante movimento de alteração dos

63 A análise que a autora faz é resultado de uma entrevista com o Sr. Wady Rocha, contabilista da usina ALSECOSA por mais de vinte anos.

64 Clementino (1987, pp. 40-59). A autora se refere aos objetos utilizados na fazenda para que fosse possível todo o processo de beneficiamento do algodão no espaço das fazendas.

65 Chamava-se de meia usina o conjunto de objetos técnico de beneficiamento do algodão formado por um, dois ou até três descarocadores, pois a partir disto o termo mais utilizado passava a ser usina. Vê-se assim que a técnica ou a tecnologia empregada é quem definia a estrutura e o processo da produção algodoeira (CLEMENTINO, *Ibid*).

padrões que formam o contexto urbano, já citados anteriormente e que aqui, enfatizamos, ou seja, aquele que se refere à alteração cartográfica de uma cidade que não para de crescer. As famílias Diniz, Dantas, Mariz, Germano e Torres, em sucessivas empreitadas em busca do sucesso da “cotonicultura urbana”, aparecem como os agentes importantes que dão fôlego ao que chamamos de alterações políticas, econômicas, sociais e, conseqüentemente, cartográficas operadas na Caicó do algodão, no século XX. Esses agentes, suas ações e os objetos perfizeram um sistema vital para o desenrolar de intencionalidades, sejam internas ou as que partem deles próprios, sejam as externas ou aquelas que os movem. Assim, e a partir de tais intencionalidades, o espaço foge da sua condição de abstrato para revelar-se no território usado pelas usinas e, principalmente em subespaços que passam a se comunicar a partir destas. Aí reside a importância do período técnico da cotonicultura para a expansão urbana caicoense. O algodão inferiu a Caicó a condição de principal cidade da região do Seridó. A expansão urbana pode ser observada claramente nos mapas a seguir.

Entre os anos de 1930 e 1970, a cidade cresceu entre as plumas de um desenvolvimento marcado pela indústria usineira do beneficiamento do “ouro branco”. A mancha urbana cresceu de forma impressionante e a cidade avançou para além dos rios que antes a limitavam. Não foram apenas as usinas, a cotonicultura em si e o beneficiamento das sementes do algodão, mas muitas outras intencionalidades que despertaram para o uso de um território dinamizado, a partir do capital cotonicultor. Nos anos de 1970 e 1980, a economia algodoeira do Rio Grande do Norte começa a apresentar sinais de crise, pois “o setor passava de estados de súbita e desenfreada euforia para o desalento e pânico, evidenciando a vulnerabilidade de uma estrutura que depende de fatores externos para colocar adequadamente sua produção no mercado” (CLEMENTINO, 1987, p. 208).

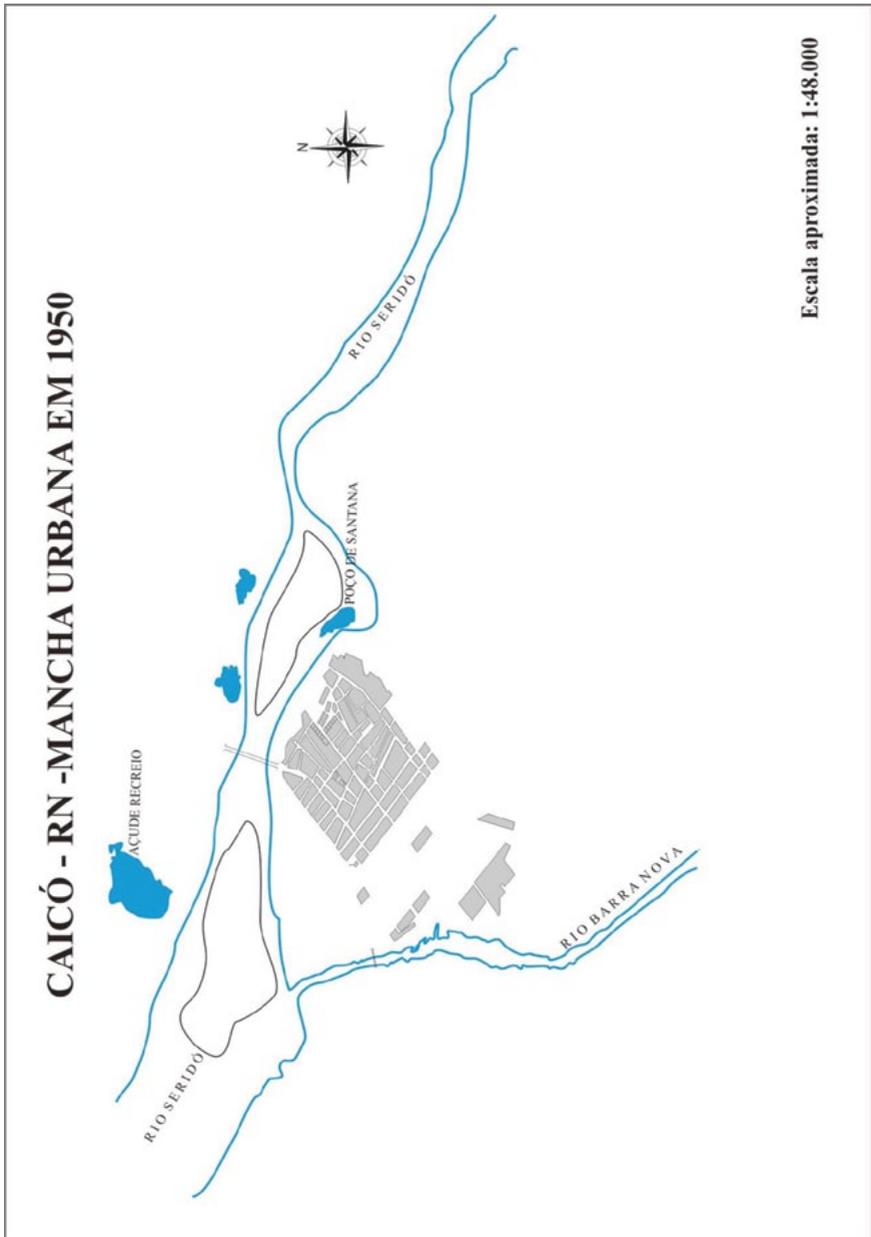


Figura 15: Caicó no período da ascensão algodoeira
Fonte: Elaborado pelo autor com base no mapa da Prefeitura Municipal, 2009

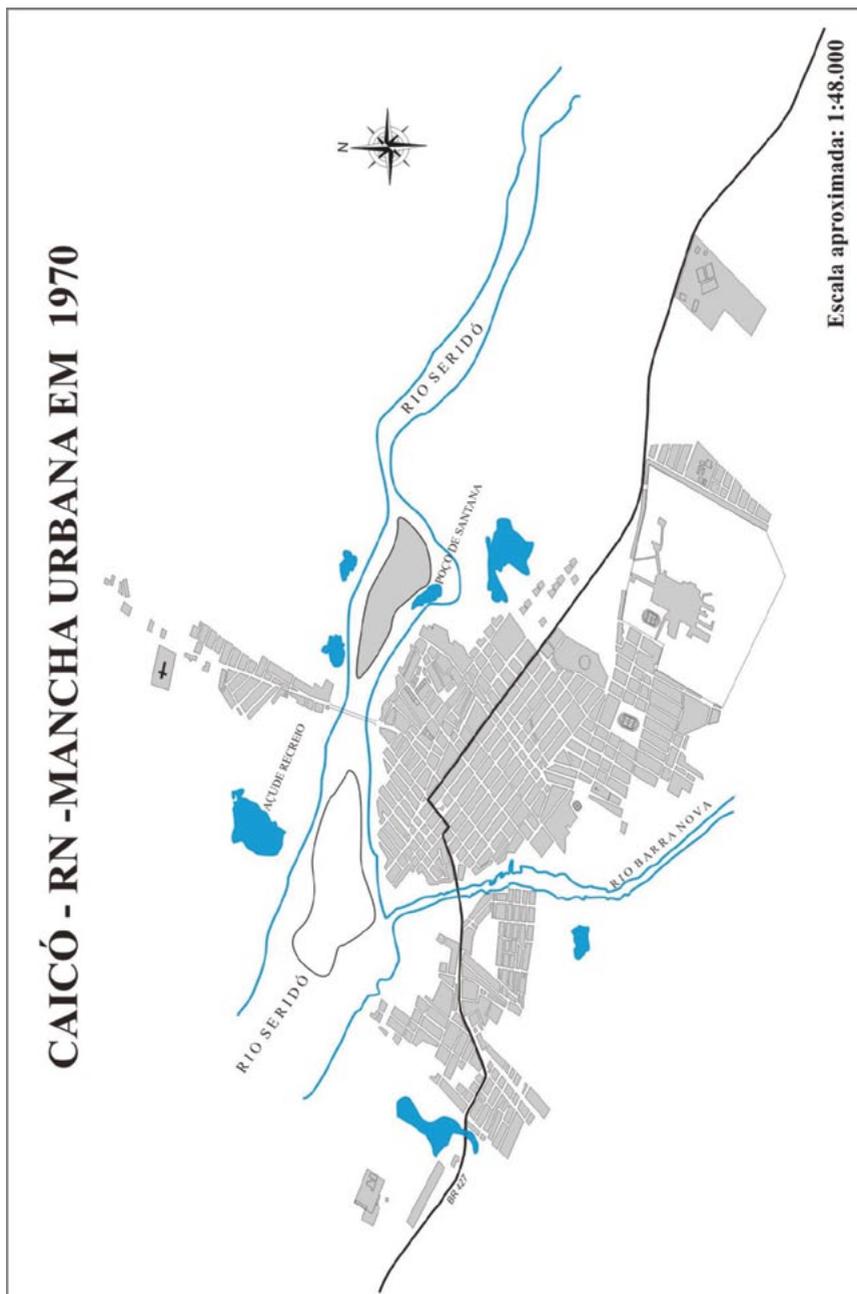


Figura 16: Caicó no início do declínio algodoeiro
Fonte: Elaborado pelo autor com base no mapa da Prefeitura Municipal, 2009.

2.3.2 A COTONICULTURA EM CRISE E A ASCENSÃO DE UM NOVO PERÍODO TÉCNICO

A partir do final da década de 1970, a cotonicultura potiguar começava a esboçar fadiga. Entre 1975 e 1981, algumas usinas de Caicó conheceram o seu fracasso e os seus maquinismos foram completamente eliminados (CLEMENTINO, 1987). Nesse contexto, a cidade, que ficara órfã de sua principal economia, teoricamente estaria condenada ao regresso e talvez a uma involução daqueles aspectos que já anotamos e que se constituem em política, economia, sociedade e território. Mas as outras intencionalidades - aquelas as quais também já nos referimos - foram capazes de instaurar um novo período técnico - o da cidade terciária - que já havia sido inaugurado na transição dos tempos da crise do algodão, 1970-1980.

Essas outras intencionalidades deram vida a alguns importantes e novos eventos que surgem ainda na cidade do algodão, mas que poderiam ter vida própria na cidade, que agora apresentava a desilusão cotonicultora. A esses eventos se juntam novos e todos estão, em sua maioria, ligados ao setor terciário e nascem a partir de uma política de governos que fora demandada pela importância que Caicó havia adquirido nos dois períodos anteriores, principalmente no último, como, também, pela presença forte de agentes [locais] políticos e econômicos. Estamos nos referindo às repartições públicas e lojas comerciais que deflagraram na cidade de Caicó um novo período técnico, como, também, a alguns seridoenses ilustres.

Na cidade de Caicó, que se tornara um importante centro regional para as demais cidades do Seridó Potiguar e algumas do vizinho Estado da Paraíba, constituíam-se, ao longo do século XX, duas elites [políticos e comerciantes] interessantes, as quais foram geradas no seio da cidade da pecuária e do algodão. Tais elites, por si só, não seriam capazes de promover a futura sustentação da cidade como centro regional, se não houvesse sido constituído anteriormente, no período técnico, que acabara de fenecer, um lastro de população e de consumo capaz de girar a roda da economia caicoense que se incrementara a partir das condições que as intencionalidades cotonicultoras em suas relações com outras intencionalidades de diversos agentes plasmaram nesta urbe.

Da seara política, é mister destacar a força e a atuação de um

caicoense por adoção⁶⁶. Trata-se de Dinarte de Medeiros Mariz, um homem que figurou como um dos principais agentes de comando, desde o período áureo do algodão e, em se tornando um político de larga influência nas esferas municipal, estadual e federal, trouxe para Caicó algumas instituições, as quais estão colocadas, mais adiante, como eventos e que, ao nosso juízo, dinamizaram novos usos de novos territórios, como, também, serviram de extensores urbanos e imprimiram o tom da expansão urbana caicoense.

Dinarte Mariz e outros poucos políticos dispensaram à cidade uma atenção especial e, no espaço urbano desta, contribuíram para um uso territorial que, através da implantação de serviços públicos, serviu como “ponte” entre a transição da crise cotonicultura e as novas bases da economia caicoense.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um Batalhão do Exército Brasileiro e uma escola de grande porte foram só alguns dos eventos promovidos por esses políticos que imprimiram na vida urbana caicoense uma dinâmica e um incremento socioeconômico interessantes. “O mundo é grande de se ver e eu já vi tudo. Mas eu vejo tudo, a partir de Caicó”. Essa frase, de autoria do senador biônico Dinarte Mariz, é clara e nos oferece uma análise de como a condição de centro regional referenciada a Caicó ainda no período do algodão, se perpetuaria nos anos que se sucederam às décadas de 1970/80 - início da crise do ouro branco, pois, como político, ele trabalhou no sentido de efetivar, na cidade, alguns eventos importantes. Esses, por sua vez e como veremos a seguir, desencadearam eventos secundários que são, na verdade, mais uma das razões da expansão urbana. Na seara, comandada pelos altos comerciantes, além dos novos agentes da economia terciária, também se tem o reaparecimento de velhos agentes cotonicultores que, após a crise desse setor, implantam na cidade algumas empresas importantes, as quais estabelecem uma relação do lugar com o mundo e que garantem à cidade de Caicó o status de centro regional. Essas empresas, ao mesmo tempo, estão inseridas no contexto da sustentação dessa posição que a cidade assegura, mesmo depois de assistir à derrocada da economia que comandara o período técnico compreendido, mais especificamente no urbano caicoense, entre os anos de 1930 e 1980⁶⁷.

Na Caicó dos anos de 1970 e 1980, quando se apagam as últimas

66 Dinarte de Medeiros Mariz, nascido na vizinha cidade de Serra Negra do Norte, foi Prefeito de Caicó, Governador do Rio Grande do Norte e, por duas vezes, Senador, além de ter figurado como um dos grandes empresários da cotonicultura potiguar.

67 A datação refere-se ao período em que as usinas tiveram grande importância para a economia urbana caicoense, embora saibamos que o período completo da cotonicultura é mais extenso e envolve relações rural-urbanas desde o século XVIII

“luzes brancas” que iluminaram, desde os anos de 1930, a “urbe do algodão”, acendem-se novos focos de um terciário diversificado que se sustenta em um considerável comércio e em uma boa estrutura de prestação de serviços. É justamente neste período de transição entre essa crise e o aparecimento de novos rumos que a cidade apresenta um importante alargamento físico. A urbe cresce e denotam novos eventos, que vão pontuando para além do velho perímetro, novos fixos e, conseqüentemente, novos fluxos. Todo este processo carrega, em si, estruturas, onde velhas e novas formas agora se encontram para fundar e refuncionalizar novos territórios.

2.4 A CIDADE TERCIARIZADA - UM NOVO PERÍODO TÉCNICO

Um outro período técnico, que enxergamos nesse processo de formação e expansão do urbano caicoense, se constitui, na verdade, de um conjunto de objetos técnicos bastante diversificados e que se mesclam de baixa, média e alta sofisticação. No entanto, em sua maioria, são tecnicamente mais avançados quando comparados àqueles dos demais períodos. Lojas comerciais e pequenas indústrias de um lado e uma diversificada estrutura de prestação de serviços de outro, sobressaltam a importância da cidade de Caicó, quando comparada às demais cidades do seu entorno.

Essa diversidade de objetos técnicos, uma gama muito variada de ações e um processo crescente de interação entre o comércio e os serviços serão a tônica desse novo período. Todo esse processo tem como lastro o capital que circula desde um pequeno “circuito superior” até o “circuito inferior”⁶⁸ da economia caicoense. Lojas, como as de automóveis, de eletrodomésticos e dos mais variados tipos de produtos se destacam para que, na cidade se perceba a presença do mundo no lugar. Esta presença, como já dissemos, é mais efetiva na cidade de Caicó, quando esta é comparada às demais cidades que a circundam. Desde os anos de 1960, que algumas empresas do capital internacional, como Mercedes-Benz, Volkswagen e Chevrolet têm representações na urbe caicoense; Estavam representadas, também, lojas, como as Casas Pernambucanas e Socic⁶⁹, disponibilizavam produtos elétrico-eletrônicos de grandes e importantes

68 Milton Santos, em sua obra: “O espaço dividido” nos oferece uma bela análise da economia urbana a partir desta ideia dos circuitos da economia.

69 Antigas cadeias de lojas de eletro-eletrônicos de renome nacional que tinham uma sede no centro de Caicó.

marcas nacionais e internacionais. Assim sendo, o acesso à técnica e à tecnologia já era possível na cidade de Caicó, mesmo que esse acesso fosse restrito a uma classe de caicoenses mais ilustres, pois ali, naquela época, 1960-1980, a globalização não tinha como tem hoje a força de marketing e de “pulverização” das condições de pagamentos que atendessem à população como acontece atualmente. No entanto, a diferença entre os homens rápidos e os homens lentos (SANTOS, 1999) começava a aparecer de forma mais evidente, embora esses dois segmentos tenham coexistido desde o período da pecuária e do algodão. Estes dois períodos deixam para a cidade futura um capital social capaz de gerar esses novos eventos.

Se a urbanização das grandes cidades brasileiras ganhou vida no seio de uma industrialização tardia, na cidade de Caicó, ela é fruto do ventre de uma economia terciária, embora seus primeiros impulsos estejam na cidade do gado e do algodão. “A urbanização em Caicó fez-se de maneira diferente e tem um conteúdo também diferente: é uma urbanização terciária (SANTOS, 1989 grifo nosso). Pensamos que esta urbanização, como, também, a expansão urbana de Caicó “relaciona-se muito mais a uma estrutura em torno do terciário, com destaque para os segmentos de comércio e o setor de serviços” (MORAIS, 1999, p. 128). Percebe-se que, na transição entre a crise do algodão e essa nova estrutura terciária, o que deu sustento à economia e ao território caicoense foram os “aconteceres solidários⁷⁰”, construídos ao longo dos demais períodos técnicos e que fizeram a cidade continuar se expandindo e ratificar-se como cidade mais importante no território, do qual ela é o centro mais importante.

Nossa tese é de que em meio a essa sustentação, advinda do terciário, residem os focos de expansão urbana que se apresentam em forma de eventos principais⁷¹, acompanhado, cada um deles, de eventos derivados e que funcionam, ao nosso juízo, como extensores urbanos. Para Silva Neto (1990), os extensores urbanos se constituem de adução de esgotos, redes de energia, estradas etc. Nossa análise é a de que essa ideia pode servir também para definirmos os eventos em forma de objetos (imóveis e pontes, por exemplo) como sendo extensores urbanos, pois estes causam também especulações, quando valorizam e/dinamizam áreas

70 Defendemos a ideia do acontecer solidário, onde um setor tem a possibilidade de incrementar outro e, nesse sentido há uma dinamização da economia a partir de uma espécie de ajudas mútuas.

71 Chamamos de eventos principais todas aquelas ações e objetos mais importantes e de maior alcance impostos à paisagem urbana caicoense que desempenham funções de serviço e comércio. Complementarmente a estes eventos principais, surgem os eventos derivados que, aqui, são definidos como de menor alcance, mas que são complementos das atividades dos eventos principais. Por exemplo, ao lado da Universidade (evento principal) surge uma livraria (evento derivado), e assim por diante.

antes vazias na cidade e, assim, servem à expansão urbana. Dizemos isto, baseados na ideia, de que cada um dos pontos-evento que, elencaremos mais adiante, operam como dinamizadores e propulsores da expansão da urbe em Caicó. Cada um dos pontos, que elegemos, foi de início, instalado em espaços afastados do antigo centro e que, continuamente, adensaram como ainda adensam com outros fixos, bem como com populações essas áreas antes vazias, como demonstramos no mapa a seguir.

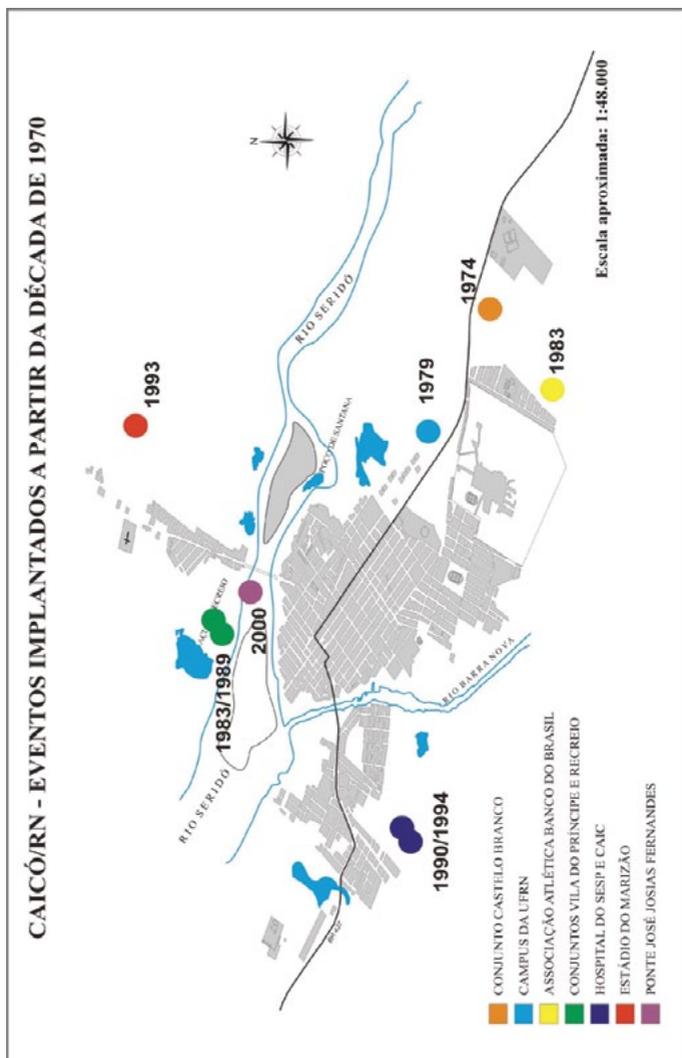


Figura 17: Eventos futuros

Fonte: Elaborado pelo autor com base no mapa da Prefeitura Municipal, 2009.

Quando se analisa a cidade, a partir desse mais novo período técnico, faz-se mister destacar o papel das rugosidades, pois estas são importantes, tanto para entendermos as permanências, em especial, no núcleo antigo da cidade⁷², como, também, quando elas se apresentam, propondo um encontro do velho com o novo ou como diria Santos (1999), como sendo tributárias da “acumulação de tempos”. Essas rugosidades têm uma íntima relação com os pontos-evento que elegemos como norteadores da nossa pesquisa, pois alguns dos antigos objetos ou fixos foram parcialmente reorganizados, além de serem também refuncionalizados no processo de expansão e dinamização urbana de Caicó. É importante frisar que essas rugosidades não aparecem somente na materialidade dos objetos, mas são, também, percebidas nas ações, no como fazer, ou seja, em algumas técnicas arcaicas ainda empregadas no cotidiano do urbano caicoense, como é o caso anteriormente citado da locomoção de pessoas e produtos em carroças de burros e da conversa nas calçadas, além da produção, ainda artesanal, de queijos, de bordados, da carne de sol, entre outros.

A cidade cartografada na figura 11, nos aponta, a partir da década de 1970, prospecções representadas por eventos que, vistos e analisados do presente, se constituem como os eixos de expansão. Santos (2008, p. 146) assevera que “o evento é um veículo de uma ou algumas possibilidades existentes no mundo, na formação socioespacial que [...] se geografizam no lugar”. Portanto, passaremos a analisar cada um desses veículos e suas possibilidades na geografia da expansão da urbe caicoense. Santos, (Ibid) também nos ensina que um evento não se esgota em si mesmo, mas na sua relação com outros eventos. Assim sendo, operacionalizamos um recorte que destaca aqueles que pensamos ser os principais acontecimentos ou ações geradoras de eventos principais e suas derivações e que se geografizaram na Caicó da crise algodoeira e da ascensão terciária.

2.5 A URBE EM EXPANSÃO: OS EVENTOS COMO “EXTENSORES URBANOS”

Analisando a cidade cartografada na figura 12, podemos perceber, claramente, nas etapas da expansão urbana, que se verifica desde os anos

72 As rugosidades estão espalhadas pela cidade inteira e são reveladoras de diversos tempos que, em meio a uma importante expansão urbana, testemunham processos de resistências ao novo.

de 1970 a importância dos eventos para o constante adensamento urbano. Faz-se mister ressaltar que existe uma estreita relação, no que concerne ao surgimento desses eventos, principalmente se analisarmos a cidade expandida na sua totalidade.

Cada uma das decisões públicas ou privadas, como também, de agentes da sociedade civil, que se implantaram no território caicoense e que se traduz em novos objetos (fixos) e, conseqüentemente, em novos fluxos, contribui decisivamente para aquilo que é o objeto de estudo deste trabalho - a expansão urbana de Caicó.

Da antiga vila de núcleo tão ínfimo, nasce a cidade que cresce e que se expande, a partir do seu centro. Todo um conjunto de eventos do passado, já analisados, é, na verdade, o presente representado em algum ponto da flecha do tempo (SANTOS, 1999). Eles apresentam uma forte relação com os eventos contemporâneos, aqui destacados, e que inauguraram a cada período uma nova forma de uso do território, causando assim a sua expansão.

Um primeiro evento que nos chamou a atenção e que dele partiremos para análise, ocorreu no ano de 1974⁷³. Ainda planejado no Governo do Mons. Walfredo Gurgel⁷⁴, esse evento surgiu de um artifício que gerou a interiorização de conjuntos habitacionais, a partir de uma política pública de habitação em âmbito federal. Caicó é contemplado com a construção de um destes conjuntos, que recebe o nome de Castelo Branco em homenagem a um dos nossos Presidentes da República. “Em 1966, tiveram início os serviços de desmatamento e nivelamento do terreno. Dois anos mais tarde, começaram os trabalhos de construção, tendo sido inaugurado e parcialmente ocupado em 1972”. (MORAIS, 1999, Pág.152).

Esse conjunto habitacional é o EVENTO 01 que incrementa e dinamiza a expansão a sudeste da cidade de Caicó, pois a partir dele e de suas estruturas, essa área da cidade passou a ser ocupada e dinamizada.

73 O ano de 1974 refere-se ao tempo da ocupação mais intensa deste conjunto habitacional que teve suas obras começadas em 1966. Daí, o nome de Castelo Branco. A partir da metade da década de 1970, é que esse adensamento ganha notoriedade e importância na urbe caicoense.

74 Monsenhor Walfredo Gurgel governou o Estado do Rio Grande do Norte entre 31 de janeiro de 1966 e 31 de janeiro de 1971.

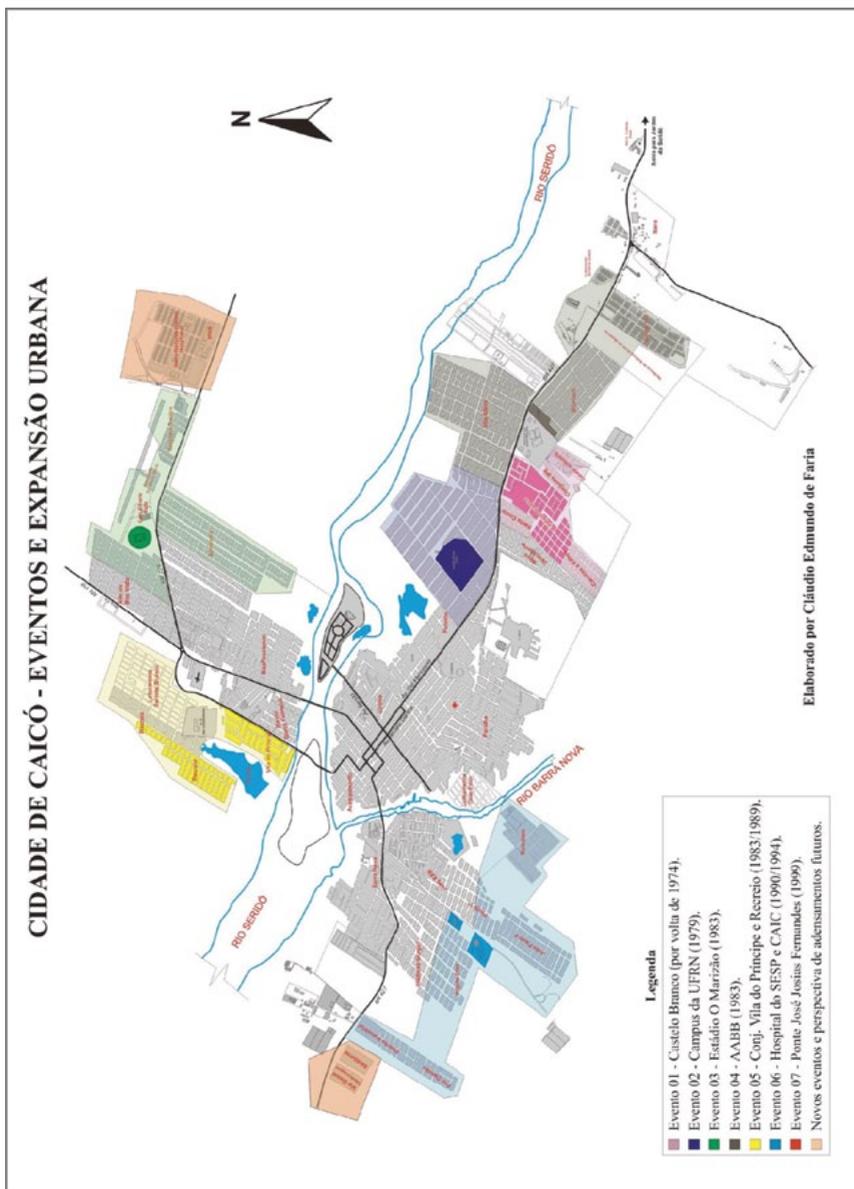


Figura 18: Os eventos como extensores urbanos
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.

Um segundo evento veio por ocasião das políticas de interiorização da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Foi inaugurado,

em 1979, o prédio, onde, atualmente, funciona o campus universitário que, aqui estamos chamando de EVENTO 02, na zona leste da cidade. - Vale salientar que o campus da UFRN, em Caicó, já funcionava anteriormente a este período, sendo depois transferido para o local, destacado no mapa 12. Quando da sua construção, assim se falava: [...] “O povo diz que a universidade vai ficar muito longe da cidade. Não é perto de nada, não tem nem casa ao redor!” [...]”⁷⁵. É significativa essa fala, aqui narrada, pois ela mostra o quanto a cidade se expandiu e se dinamizou, em tão pouco tempo. Áreas, que antes pareciam distantes do antigo núcleo urbano, agora fazem parte dele.

Esse evento, que trouxe um importante objeto - o campus -, passa-se a fazer uso de um subespaço - o “Penedo Novo” - na margem direita da BR- 427, chamado popularmente de “Penedo dos ricos”. Pode se dizer que, ali, iniciou-se a expansão de uma zona que representou um divisor de águas quando a olhamos pelas lentes das categorias de análise do espaço geográfico - Processo, estrutura, forma e função (SANTOS, 1985). Esse “novo território” se caracterizou pelas chamadas “mansões de Caicó”. É um bairro que, inicialmente, tem como residentes, com algumas exceções, professores universitários, médicos, bancários e empresários, ou seja, um território que sugere luminosidades.

Antagonicamente ao “Penedo Novo” e na margem esquerda da BR-427, a situação é completamente diferente. Ali, já estava em forma de embrião o “Penedo Velho”, no espaço localizado entre o primeiro Batalhão de Engenharia e a Nova Descoberta, um dos bairros antigos da cidade. Mas é a partir do “Penedo Novo” no entorno do EVENTO 02, que se incrementa a ocupação do “Penedo velho, chamado de “Penedo dos pobres”. Esse evento foi fundamental para o crescimento de Caicó em quase toda a parte leste. Aqui, como já vimos, as áreas que se expandiram estão divididas em duas: o Penedo Novo, como território da luminosidade e o Penedo Velho⁷⁶, como território intermediário pouco luminoso, mas não opaco.

Apesar da expansão que se verificou, a partir da construção do referido campus, havia ainda um interstício entre essa área da cidade e um “afastado” aglomerado de residências nas vizinhanças do açude Itans⁷⁷, ocupado, até então, apenas pelo já citado Conjunto Castelo

75 Entrevista com Chico Ribeiro, carteiro, cartógrafo autodidata e funcionário da UFRN (FARIA, 1999).

76 Moraes (1999) nos chama a atenção para uma mancha urbana no entorno do 1º Batalhão de Engenharia e Construção – BEC, que se constitui no chamado Penedo antigo, já por volta dos anos de 1960.

77 Reservatório de água construído em 1935 para abastecer a cidade e que estava distante cerca de 6 Km do núcleo urbano.

Branco (evento 01) e alguns prédios públicos. Assim, esse vazio começa pouco a pouco a ser ocupado e dinamizado.

Outro importante evento chega trazendo a função do lazer, em forma de “objeto e ações” e que serviu de referência para a ocupação deste interstício, acima citado. Trata-se da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), destacada como EVENTO 04. Suas instalações, antes localizadas no centro da cidade, são transferidas em 05-04-1983⁷⁸ para as imediações da propriedade rural do Sr. Jefferson Maynard. Este objeto (fixo) foi fundamental para a criação de um bairro que leva o sobrenome deste proprietário rural e cidadão caicoense: o Bairro Maynard. Essa parte da cidade é marcada por formas modernas e de arquitetura arrojada, por abrigar pessoas de rendas supostamente mais elevadas e é, também, em nossa análise, uma das áreas mais luminosas do urbano caicoense. Os agentes, envolvidos nesse processo, são o próprio Sr. Maynard, responsável pelo loteamento que foi vendido a partir de 1986, três anos após a chegada do Evento 02; O empresário Saulo Maynard, que construiu e vendeu a terceiros parte das primeiras residências, como, também, alguns cidadãos que, tendo comprado lotes individuais, erguem suas mansões⁷⁹.

Por volta de 1990, no espaço entre a AABB e o bairro Penedo - “o Penedo Velho junto com o Penedo Novo, que [...] perfazem uma mesma mancha” (MORAIS, 1999, p.222), beneficia a cidade com a construção de outro conjunto habitacional, o Jardim Satélite. Separado apenas por uma avenida ou rua, em relação ao já citado conjunto Castelo Branco, e fazendo fronteira com a AABB, esse objeto também espraia a cidade na direção sul/sudeste. Segundo Moraes (Ibid), a denominação de Jardim Satélite origina-se da ideia de um funcionário, que elege o endereço telegráfico do Banco do Brasil, conhecido como “Satélite”, pois essa área teria sido criada para aqueles que ocupavam cargos nesse banco, fato este que não se verificou. Isso confirma a nossa convicção de que esses eventos - Conjunto Castelo Branco e AABB - foram de fundamental importância na expansão da cidade, pois além desse novo conjunto (Jardim Satélite), outros empreendimentos são trazidos e fixados nesta área, como é o caso da Cidade Judiciária.

Outro objeto, que denominamos de EVENTO 03, teve grande impacto na expansão urbana da cidade. Trata-se do Estádio do Marizão, inaugurado em 23-05-1993. No entorno desse “objeto”, que tem a

78

Esse dado foi fornecido a partir de consulta aos arquivos pelo funcionário da referida associação.

79

Essas informações nos foram dadas pelo Sr. César Maynard, filho do Proprietário (já falecido) do loteamento em questão.

função de entretenimento, ocorreu o incremento de um adensamento importantíssimo - o bairro Samanaú - que, na época, foi a mola propulsora do “alargamento” da cidade na direção leste-nordeste. É preciso que, aqui, tenhamos o cuidado de não colocarmos esse objeto como o elemento fundador desse bairro, que já existia em suas primeiras aglomerações, no entanto, esse cresce e ganha mais dinamismo com a chegada do referido Estádio. “Ah! Depois que o Marizão chegou, isso aqui cresceu, aumentou demais, sem contar com os outros conjuntos e a importância maior que se deu ao bairro Alto da Boa Vista⁸⁰”. O relato, aqui exposto, novamente, referencia a nossa tese de que um evento, uma vez geografizado e, dependendo da sua estrutura, é importante para o adensamento urbano e, portanto, é fundamental na expansão dessas áreas. Mas o Marizão será ainda mais importante para o uso de um território que, na verdade, incrementa um outro adensamento, já existente - o Bairro Boa Vista. É neste subespaço que este evento promove uma expansão mais importante, pois o mesmo avançou em busca desse estádio e atualmente se avizinha ao Marizão. Há bem pouco tempo, esse adensamento encontrava-se bastante afastado do referido Estádio.

Ainda, remetendo-nos ao Marizão e ao bairro Samanaú, esses “assistem” à cidade se espriar para além de suas velhas “fronteiras”. Nesse caso, o urbano toma para si o rural e “obriga” o Estado (governo municipal) a rever as suas linhas delimitatórias. A urbe caicoense avança pelas margens da RN-288 em busca das montanhas que a cercam, provocando novos usos territoriais.

No entorno desse Evento, temos um outro “fixo” importante: o novo Presídio Estadual do Seridó, que recebe o nome de Presídio Desembargador Francisco Pereira da Nóbrega, chamado popularmente de “Pereirão”. Uma reflexão se acende acerca de como esse evento/objeto poder-se-ia ter se comportado diferentemente daqueles que elegemos como importantes na expansão em tela. É o fato de a população não tê-lo visto como os demais. Ao contrário, o “Pereirão” chegou a ser estigmatizado como possível barreira ao adensamento e, em nossa análise, criou-se a expectativa do surgimento de um território ilha, visto que se trata de uma área propensa a possíveis fugas de presos. “Deus me livre de morar perto desse presídio, prefiro morar embaixo da ponte. É muito perigoso viver perto de tantos presos⁸¹”. Essa fala corrobora com as nossas

80 Fala do Sr. Zezinho, um empresário que reside e é proprietário de um supermercado no bairro Samanaú e pequena mercearia na Zona Norte da cidade. Ele foi um dos primeiros a habitar esse bairro. Entrevista em 29 de junho de 2008.

81 Fala da senhora Maria Márcia da Silva, moradora que aluga uma humilde casa no bairro Alto da Boa Vista, com renda de

expectativas acerca da importância dos Eventos para a expansão da urbe caicoense.

Toda essa dinâmica espacial, trazida pelo EVENTO 03, provoca mais uma mudança nessa zona da cidade. Deteremo-nos, agora, no caso do bairro Boa Passagem, onde o continuum da cidade terminava. Esse bairro perde o posto de “última fronteira norte”. Há de se considerar que, quando falamos da zona Norte, para além do referido bairro Boa Passagem, já existia um ínfimo aglomerado, ao qual já nos reportamos, conhecido como “Alto da Boa Vista”, que se verificava, até então, isolado. O referido adensamento, iniciado um pouco antes dos nos anos de 1970, precede o Estádio do Marizão, é beneficiado pela estruturas do mesmo e se faz atualmente em substituição à Boa Passagem, como última fronteira norte da cidade de Caicó, ou seja, esse bairro cresceu também em direção a esse último citado.

Mais um Evento incrementa a zona norte da cidade. Mais um impacto em sua expansão urbana. Desta feita, a construção de mais dois conjuntos habitacionais - aqui, o objeto é o próprio conjunto das construções. Trata-se dos conjuntos Vila do Príncipe e Recreio que denominamos de EVENTO 05, criados, respectivamente, em 1983 e 1989, os quais deixam a cidade mais vasta em direção e para além do açude do Recreio (ver figura 12) um dos mais antigos da região e localizado na parte oeste da cidade - e que, até 1970, situava-se na zona de transição entre o urbano e o rural. Nesse caso, não existe um fixo em si, mas um conjunto de fixos, criados com uma função⁸² determinada - nesse caso, moradia para a classe média caicoense. Não são objetos que, de origem, trazem adensamento ao seu entorno. Juntos, eles perfazem o próprio adensamento. Mas pode-se afirmar também que, nessa direção, a cidade continua a se expandir, a partir das estruturas trazidas por estes.

Ainda em relação a mesma zona norte, percebemos uma outra importante área de expansão, no sentido contrário a que acabamos de narrar, ou seja, na parte leste do bairro Boa Passagem. Trata-se do loteamento de terrenos de um senhor caicoense conhecido por Zé Lima. Esse adensamento é notório porque faz o bairro crescer na direção leste-nordeste e, atualmente, já perfaz uma área contígua da Boa Passagem ao Samanaú, preenchendo antigos interstícios, verificados nesta parte da cidade. A essa expansão e outras, que ocorreram para dentro dos limites

um salário mínimo e uma família composta de cinco pessoas. Entrevista em 01 de julho de 2008.

82 Pela nossa opção metodológica, cada vez que no nosso texto aparecerem as palavras: Forma, Estrutura, Função e Processo, mesmo em separado, cada uma delas traz implicitamente a relação com as demais.

já estabelecidos em períodos pretéritos, denominaremos de “expansão interna”.

Também, com base no mapa acima, percebemos no EVENTO 06 mais um objeto importante e que “deu asas” à expansão urbana de Caicó. Na área sudoeste da cidade, destacamos dois importantes eventos, quais sejam: A construção do Hospital Regional do SESP, como, também, do Centro de Atenção Integral à Criança - CAIC. Criados, respectivamente, em 1990 e 1994, esses eventos dinamizaram a zona sul/sudoeste de Caicó.

Nessa zona da urbe caicoense, já existiam, nos anos de 1970, alguns adensamentos, como os tradicionalíssimos bairros João XXIII, Barra Nova e Monsenhor Walfredo Gurgel e alguns pequenos complementos de aglomerados que a população foi denominando de: “Baixa da Cachorra”, (atual João Paulo II) e Paulo VI. Estes adensamentos se encontravam em suas gêneses, como prolongamento que preenchia os espaços entre os bairros mais antigos acima citados.

A chegada desses dois objetos fez dessa zona da cidade uma das mais expandidas e dinâmicas. Hoje, temos nessa área um enorme adensamento, que se caracteriza pela presença, salvo algumas exceções, de uma população mais pobre, onde se destaca o predomínio de formas mais simples de construções, embora possamos perceber algumas formas mais modernas, além de um pequeno número de “modernas residências”. Faz-se necessário destacarmos que o antigo e vazio espaço entre os bairros João XXIII e Walfredo Gurgel apresenta hoje um relevante uso do território pelo adensamento dos bairros Paulo VI e Adjuto Dias que se alargam e se dinamizam cada vez mais.

O Paulo VI, localizado na porção oeste da cidade, teve sua denominação oficializada pelo decreto nº 15 de 15-8-1979. No início, a sua população era originária da zona rural e de outras periferias da cidade [...] Nos anos de 1990, o Paulo VI foi privilegiado com a construção de duas importantes obras em seu espaço. O CAIC e o Hospital Regional o SESP (MORAIS, 1999, pp. 155-156).

Na citação acima, onde a autora se refere a privilégio, preferimos utilizar o termo dinamismo, pois vê-se que são esses dois Eventos, com suas estruturas, que fazem com que esse e outros bairros dessa área cresçam de forma rápida e intensa. É necessário analisar também o caso de outros dois bairros intitulados de Frei Damião e de Santa Clara, esses também tiveram seu incremento resultante da presença de tais objetos

(Evento 06). Antes, esses eram completamente separados e de certa forma “isolados”.

Por último, e como resultado de eventos, os quais desencadearam processos, que trouxeram a presença de objetos, com suas funções, formas e estruturas específicas, temos o EVENTO 07. A Ponte José Josias Fernandes, conhecida como “ponte nova”. Na verdade, são duas pontes, dois fixos que permitiram maior fluxo e que são resultantes de mais um arranjo espacial que, desta feita, tentou aliviar o tráfego de carros pesados pelo núcleo central e mais antigo da cidade e, que deram origem a uma nova estrada asfaltada, uma espécie de rodoanel.

Na margem esquerda de uma dessas pontes (a mais extensa) e nas imediações do conjunto habitacional Vila do Príncipe, surge um novo bairro, que recebeu o nome de um influente empresário e político da cidade. Estamos nos referindo ao Sr. Darcy Fonseca. Esse bairro faz parte do que já denominamos anteriormente de “expansão interna”, ou seja, a cidade é preenchida em seus antigos “espaços vazios”.

A construção de uma unidade do Serviço Social do Comércio (SESC) teve também influência nesse adensamento, que, atualmente, é formado por residências, prédios comerciais e de serviços, apresentando uma heterogeneidade de formas e funções. É um bairro que preencheu um interstício que há muito estava vazio. Assim, mais uma vez, a importância dos Eventos ganha relevo. A seguir apresentamos algumas figuras que revelam como a cidade foi se expandindo em cada um dos seus quadrantes. É importante atentar para o fato de que os quadrantes oeste-norte e leste-sul são os que mais se expandiram, sendo este último aquele que, atualmente, se revela como o mais dinâmico nesse processo de expansão urbana de Caicó.



Figura 19: Área noroeste da cidade em 1970

Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.

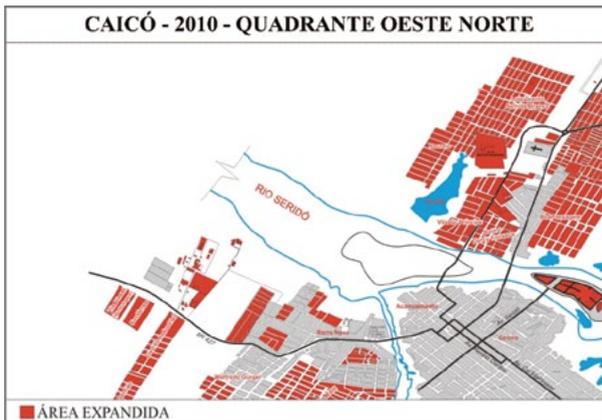


Figura 20: Área noroeste da cidade em 2010
 Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em



Figura 21: Área nordeste da cidade em 1970
 Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.

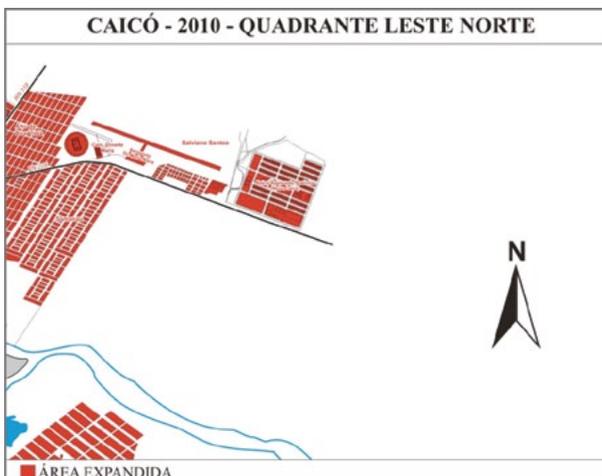


Figura 22: Área nordeste da cidade em 2010
 Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.



Figura 23: Área sudoeste da cidade em 1970
Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.



Figura 24: Área sudoeste da cidade em 2010
Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.

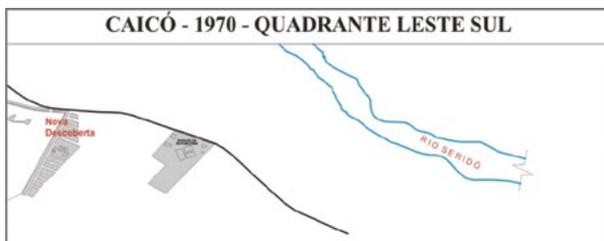


Figura 25: Área sudeste da cidade em 1970
Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.

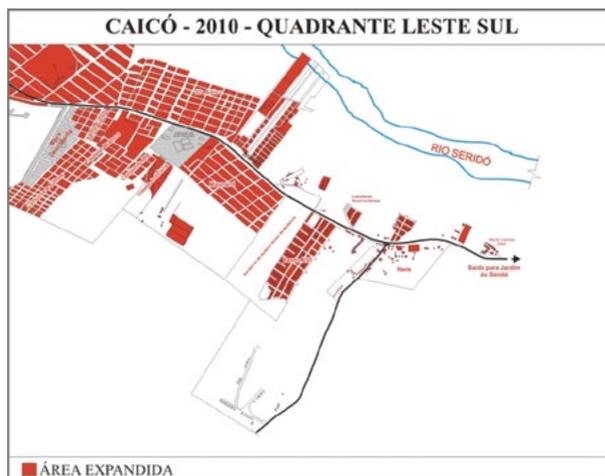


Figura 26: Área sudeste da cidade em 2010

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mapa da Prefeitura Municipal, 2010.

Outro tipo de expansão, que se verifica na cidade de Caicó, nos últimos anos, encontra-se, ainda, em sua forma embrionária. Estamos falando do processo de verticalização.



Figura 27: Processo de verticalização em Caicó-RN

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Desde que o terreno, onde outrora havia uma antiga usina, deu lugar ao primeiro edifício “moderno”, localizado no centro da cidade, a verticalização começa a ser cada vez mais presente na paisagem urbana caicoense. Atualmente, já são várias construções com formas e estruturas que constituem características desse ainda incipiente processo. Não se pode dizer que a cidade já exige tal tipo de expansão, a não ser pelas tendências contemporâneas, em que, na urbe caicoense, aparecem cada vez mais, como as questões de segurança e praticidade. Colabora também para tal fenômeno, o status. É importante apontar que Caicó ainda guarda muitas reservas de espaços que podem se tornar territórios usados pela expansão urbana na forma horizontal.

Outro fato que chama a atenção e que é concernente à expansão da cidade, não advém dos eventos já mencionados e seus objetos impostos à paisagem. Esse fato é o êxodo rural que se constitui em uma forma diferente de evento, sendo, às vezes, causa e consequência dessa expansão.

O êxodo rural é um fenômeno complexo nos países subdesenvolvidos. Trata-se de forte contingente migratório que, favorecido pelo desenvolvimento da rede viária, se dirige para as cidades e acaba sendo instrumental, em grande parte, do crescimento urbano (SANTOS, 1981, p.12).

No caso da cidade de Caicó, acrescenta-se a importância do que chamamos de Capital Social, ou seja, o capital gerado pelas políticas sociais, especialmente, dos últimos governos⁸³, que, ao nosso juízo, é fator de transferência de populações rurais para o espaço citadino. É evidente que tais políticas são tributárias de todo um processo de mudanças que se imprimem tanto em nível global quanto local. Na cidade em estudo, isso se verifica, principalmente, nos últimos anos. “Ao invés d’agente vir de vez em quando na “rua” tirar o dinheirinho que o governo paga, viemos logo morar por aqui. Alugamos essa casa e estamos sobrevivendo. No sítio, não dá mais⁸⁴”. Na esteira desse depoimento, percebemos que esse tipo de política pública, juntamente com as péssimas condições de sustento na zona rural são os principais motivos desse êxodo que, conseqüentemente,

83 Referimo-nos ao governo de Fernando Henrique Cardoso e principalmente ao atual governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva.

84 Fala do Sr. Antônio Dantas, ex-morador da zona rural, que migrou há cinco anos para o bairro Paulo VI, na zona sul da cidade. Entrevista em 01 de julho de 2008.

acarreta expansão urbana, pois se percebe que, em Caicó, os bairros periféricos mais pobres são, em grande medida, habitados por esse tipo de imigrante que foi atraído pela confluência da crise no campo juntamente com a estrutura levada pelos eventos, já assinalados. Mas esse papel dos eventos se revela seja na parte mais opaca⁸⁵, seja na parte mais luminosa⁸⁶ do território expandido.

Assim sendo, podemos afirmar que a cidade, em expansão, revela-nos uma totalidade de fatos geográficos que, em muito, ampara a nossa tese, quando da nossa condição de pesquisador. Isso nos espaços que são ocupados, nas diversidades nos arranjos dos territórios, na interferência de fatores externos, na permanência ou resistência do lugar, na interação das formas com as funções e nas estruturas que surgem em áreas em expansão, como também, na fragmentação (CORRÊA, 1997) e coexistência (SANTOS, 1999) dessas aéreas. Falamos de fragmentação e coexistência, pois percebemos que estas acontecem, de acordo com as necessidades das diferentes populações⁸⁷.

Não podemos nos furtar, também, da análise dos processos históricos que envolvem cada etapa dessa expansão urbana. Esses processos sugerem transformações que se distinguem, mas se mesclam no tempo, para (re)organizar os espaços. Os efeitos globais interferem nos processos locais, mas o lugar também é capaz de resistir e/ou não se adequar a tais efeitos. Se “cada lugar é a sua maneira o mundo” (SANTOS, 2008), podemos claramente enxergar o poder dos lugares nestes tempos de globalização ou da técnica-ciência-informação.

Há, ainda, um outro processo importante e, que está diretamente ligado à expansão urbana caicoense. Desta feita, destacamos novos eventos que já trazem para a paisagem caicoense novos objetos, os quais já denotam como e para qual zona a cidade irá se expandir. É o caso da cidade judiciária, das instalações de uma representação das empresas alemãs Mercedes-Benz (a concessionária Santôrres⁸⁸) e Wolkswagen

85 Estamos nos referindo às áreas habitadas por populações de renda menos elevada e, portanto, com piores condições de vida.

86 Estamos nos referindo às áreas habitadas por populações de renda mais elevada e, portanto, com melhores condições de vida.

87 Referimo-nos às diferentes populações, como sendo, as de rendas diferenciadas e que ocupam espaços diferenciados dentro do território em expansão. Contudo, como estamos afirmando, esses espaços tanto apresentam fragmentações como articulações, pois isto depende da natureza dos fatos que envolvam esses grupos de indivíduos.

88 Esta empresa é de propriedade da família Torres, já citada anteriormente e que se configurava em tempos passados como agentes da cotonicultura caicoense. Localizada por muitos anos no centro da cidade, teve sua sede transferida para um ponto da zona oeste que ainda se encontra afastado da fronteira ocidental da cidade.

(concessionária de caminhões Via Diesel⁸⁹). Temos, também, o Campus do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, entre outros . Mais uma tendência de expansão resultante de novas ações e novos objetos, como, também, de um novo processo técnico, e que podemos visualizar no mapa da página 105.

2.5.1 OS EXTENSORES URBANOS E OS MAIS NOVÍSSIMOS ADENSAMENTOS DA URBE CAICOENSE

Analisar a expansão da urbe caicoense, tomando como base a importância dos eventos e por analogia, o conceito e/ou ideia dos chamados extensores urbanos, defendida pelo professor e pesquisador Silva Neto, é o cerne deste trabalho. Os eventos que, segundo Santos (1999), são possibilidades que, em sendo praticadas, implementam diversos usos do território, apresentam-se, ao nosso juízo, classificados em: principais e derivados. Quando analisamos as mais novas áreas que formam o perímetro urbano caicoense, pensamos que estas se adensaram, em sua maioria, pelos eventos derivados, uma vez que são territórios (novíssimos bairros) formados e expandidos, a partir da estrutura de outros territórios (bairros tradicionais), estes últimos originados pela dinamização dos eventos principais que estão anteriormente elencados e analisados. Atualmente, a cidade de Caicó é formada por 32 adensamentos, entre bairros e conjuntos habitacionais e que, em grande parte, tem a formação e/ou expansão recentes. Podemos afirmar, de maneira categórica, que, entre os bairros tradicionais e os novíssimos adensamentos, a urbe, ora vem sendo preenchida em seus interstícios espaciais, ora vem passando por um alargamento de perímetro urbano e conformando em algumas zonas da cidade uma mancha urbana contínua. O papel dos eventos derivados é de suma importância neste processo de configuração da urbe em Caicó (ver mapa 12).

89 Empresa recém-chegada na cidade e instalada mais a oeste da Santórres, perfazendo com esta última uma área que, ao nosso juízo, se constituirá em mais um território de importante expansão do urbano caicoense.

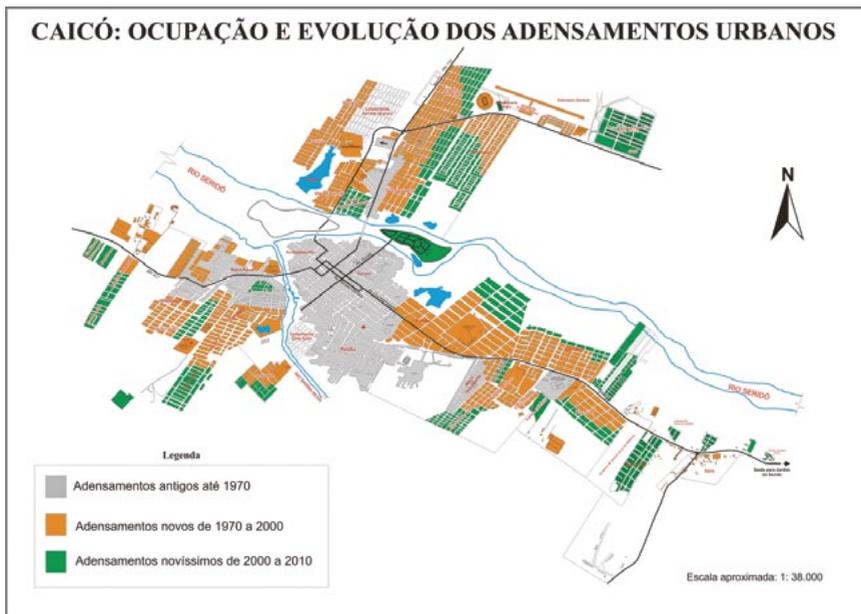


Figura 28: Novíssimos adensamentos gerados a partir dos eventos derivados
Fonte: Mapa base da Prefeitura Municipal, 2010.

É notável a expansão urbana dos últimos anos. Todos os sete eventos, que elencamos como sendo principais, foram capazes de gerar novos e constantes eventos derivados que, também, funcionam como extensores da cidade. É comum ouvir das pessoas que “bom é morar perto de tudo”. Isso significa que certas estruturas de comércio e serviços são responsáveis por adensamentos em vários pontos da cidade. Nossa análise é a de que, quando um grande evento se instala, ele colabora para que, nos anos que se seguem, tantos outros pequenos eventos se abriguem nas estruturas já existentes e passem a dinamizar as mais diversas áreas do urbano.

Com toda essa gama de dinamismo, impetrado pelos eventos referidos, esta pesquisa não pode abrir mão de investigar, ainda sobre as conseqüências/reflexos desse fenômeno, a expansão urbana de Caicó. Assim sendo, no capítulo 03, deste trabalho, nos aportaremos nas mais diversas interferências, sejam positivas e/ou negativas, que esse processo produziu na cidade, em especial, nos últimos quarenta anos - 1970 - 2010.

3. EXPANSÃO URBANA: TERRITÓRIOS DA DESIGUALDADE E DA COEXISTÊNCIA

3.1 ESPOLIANTES E ESPOLIADOS: A CIDADE DISPAR

Desde os meados dos tempos do Séc. XVIII, que a formação da cidade de Caicó, antiga vila, está como já vimos, diretamente ligada ao processo de expansão do sistema capitalista. As datas de terras, as sesmarias e as suas conseqüentes divisões geraram uma perspectiva de desigualdades entre aqueles que foram beneficiados por toda estrutura montada pelas várias frentes de colonização, em especial, aquela que ocupou os sertões do nordeste brasileiro - e aqueles outros que, chegaram à cidade, muitas vezes expulsos de seus lugares de origem, seja do entorno rural, seja de outros urbanos e rurais vizinhos, para nela construírem seus cotidianos. De um lado, os agentes hegemônicos e de outro, os não hegemônicos.

A vila que se fez cidade, iria testemunhar, mais tarde, as diferenças latentes entre as várias áreas que perfizeram o “espaço urbano”. As melhores e mais “suntuosas” residências ao redor da Matriz de Santana (objetos que dão origem à vila), seus proprietários - donos de fazendas na região do Seridó e outros empresários - componentes das várias oligarquias, se colocariam em contraste com os aqueles que eram considerados pobres e que foram pouco a pouco habitando outras zonas da cidade.

No caminhar dos tempos e no movimento que operou o crescimento da cidade, os senhores da pecuária, juntamente com os senhores do algodão, como, também, com os empresários do comércio, produziram um amálgama capitalista que norteou, dos meados do Séc. XVIII até os dias atuais, a formação do urbano caicoense e suas relações com o seu entorno, seja ele rural ou conformado de outras cidades. Esses agentes tiveram do Estado, prestador de serviços, todo o auxílio e facilidades para implementar o “progresso” na urbe caicoense.

Do antigo centro da cidade, onde imperava o casario pertencente às classes mais abastadas, a cidade foi se alargando e se expandindo, tendo como alicerce as várias economias, já analisadas. Aos senhores e empresários de “sucesso” coube a “cidade ideal”. No passado, ocupavam esse centro e atualmente ocupam áreas, as quais esse ou aquele procedimento de valorização do terreno e, conseqüentemente, das moradias apontam.

Apesar de ser o lugar do debate, conforme Souza (1997) e por

isso mesmo, a cidade expõe as desigualdades e as perversidades que vão sendo geradas e geridas ao longo das suas formações. Caicó não se apresenta diferente e revela a visibilidade desses males que colocam, de um lado, os espoliantes e, de outro, os espoliados, estes últimos a quem, segundo Kowarick (1989) foi negado ou extorquido o acesso aos serviços de consumo coletivo ou o direito ao que lhes é mais básico, como, por exemplo, a moradia e/ou as condições favoráveis de habitabilidade. Não negamos e nem poderíamos a força dos fracos e dos lentos. O que, agora, se interpõe em nossa análise é o fato de que a expansão urbana caicoense, em especial, aquela ocorrida, a partir dos anos de 1970, acirrou na cidade uma profunda desigualdade, ou como pensamos: arraigou a ideia de uma cidade desigual, mesmo que consideremos, e este é o nosso intuito, toda a sorte de coexistências.

Na cidade do algodão da década de 1970, Caicó possuía mais de dois terços da população morando na zona urbana. Eram mais de 24.000 moradores contra 12.000 residentes no campo. A arena estava pronta para a grande contenda e a expansão da cidade foi revelando, aos poucos, os diversos ingredientes de uma espoliação que se aprofundaria e se prolongaria para além do Séc. XX.



Figura 29: Centro e Periferia do Urbano Caicoense em 1970

Fonte: Elaborado Pelo Autor a Partir de Mapa Base da Prefeitura Municipal de Caicó.

Analisando, detalhadamente, o mapa acima, vemos que na referida década, Caicó havia se espreado para além do centro, como, também, para além dos rios que a cortam. Na maioria das áreas periféricas mais afastadas do núcleo central iam se acumulando massas de moradores de menor renda com suas residências caracterizadas por fachadas e interiores mais humildes. No centro, além das moradias mais modernas e/ou confortáveis, prédios comerciais e de prestação de serviços ocupavam na época os espaços mais privilegiados. O preço de um mesmo solo, no urbano caicoense, era e é taxado de acordo com quem o habita(va), pela qualidade das moradias e por estar “próximo” desse ou daquele comércio ou posto de serviço. (supermercados, farmácias, bancos, correios, entre outros). Manuel Castells tem razão quando diz que

O princípio essencial que influencia a distribuição das residências no espaço **urbano** é o prestígio social, cuja expressão positiva é a preferência social (preferência por vizinhos semelhantes) e a expressão negativa, é a distância social (rejeição de vizinhos diferentes)” (CASTELLS, 1983, p. 212 grifo nosso).

Vê-se assim que a valorização do espaço urbano estava como está ligada ao tipo de estruturas implantadas por esse ou aquele evento principal e, conseqüentemente, pelos eventos derivados.

Comprar ou alugar casas ou prédios comerciais no centro da cidade ou em seu entorno imediato era privilégio de poucos, além do que alguns empresários mais abastados passaram a desempenhar uma verdadeira frente de especulação, comprando a quantidade de imóveis que lhe aprouvesse o capital por ele acumulado. O aluguel destes imóveis foi, como ainda é para alguns destes “senhores da especulação imobiliária”, uma enorme fonte de renda e de poder. “Numerosas famílias de pequena e média burguesia encontram nisso um meio de salvar sua poupança”. (ROCHFORT, 2008, pp. 80-81). É o caso de um empresário, conhecido como “Zé do Ouro”, dono de uma grande parcela dos imóveis que abrigam o comércio e os serviços no centro da cidade, como, também, do senhor Emídio Germano⁹⁰, antigo empresário do algodão, que possui também uma bela fatia dos imóveis da área central caicoense, entre outros.

A cidade foi crescendo, desenvolvendo-se e confirmando cada vez mais a sua condição de centro regional. Nesse sentido, o solo urbano,

90 Ao citar o nome desses empresários, não é intuito nosso lançar qualquer juízo de valor sobre a dignidade e o caráter destes, mas apenas constatar o fato de que a compra e a locação de imóveis, em especial, no centro da cidade, é uma prática que ganhou visibilidade no urbano caicoense

em algumas áreas, em especial, o centro e seu entorno mais imediato foi se valorizando ou supervalorizando e, assim, a “cidade desigual” vai aparecendo com mais latência, pois o acesso aos usos dos imóveis, que já era restrito, restringe-se ainda mais pelos preços de venda ou locação destes.

Estamos nos referindo ao centro e suas imediações, pois é exatamente nessa área da cidade onde se inaugura em Caicó, o fenômeno da especulação que, por sua vez, será uma das tributárias da espoliação urbana. Às antigas famílias tradicionais e oligárquicas da pecuária e do “ouro branco” se juntam novos agentes do terciário, detentores de altas rendas e gordas contas bancárias, aqueles que, na cidade, estão no comando ou que podem ser chamados de homens rápidos e que se constituem de grandes empresários do comércio, dos serviços e de uma incipiente, porém crescente indústria, em especial, no setor têxtil. Estes perfazem o que Santos (1979) chama de circuito superior da economia. Aos demais agentes, os homens lentos, ou o circuito inferior àqueles que coexistem com toda essa estrutura analisada anteriormente, cabe a ocupação dos solos mais afastados desse centro. Nesses subespaços, marcados por alguns dos bairros mais antigos, o que se verifica é uma presença maciça da classe trabalhadora e de uma massa de desempregados.

Nestes, o preço do solo urbano era ainda acessível e a Caicó dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 estava assim configurada: os ricos que habitavam o centro e o seu entorno mais próximo e a massa de trabalhadores, formada pelas chamadas classes média baixa, e baixa morando nas áreas mais afastadas. Consideremos algumas exceções.

A composição externa e interna das moradias dos bairros mais pobres denotava uma realidade que expunha a condição de espoliados ou extorquidos do “direito à cidade” e dos serviços, os quais deveriam ser distribuídos de forma equitativa a todos os cidadãos. Fachadas humildes, cômodos sem comodidade, ausência de conforto e um pobre arsenal de objetos técnicos caracterizavam esses territórios afastados do centro. A cidade, como lugar revolucionário, Santos (1997), revela-se contraditória. A Caicó desigual dos anos da crise algodoeira (1970-1980) não tem como esconder a segregação urbana da maioria, em detrimento de lócus privilegiados da minoria. Assim sendo, é fato a existência dos espoliantes e dos espoliados como resultantes do processo de expansão urbana caicoense.

Para além dos anos, acima referidos, a cidade continua a se expandir⁹¹ e, como já afirmamos, de forma intensa. Essa expansão, que é

91 Há um movimento nacional de opção pelas chamadas “periferias de luxo”. Na cidade, que é a nossa base empírica,

apenas parte de uma totalidade-mundo, infere mudança no comportamento de escolha do lugar, onde morar. O centro, ocupado cada vez mais pelo setor terciário, já não será mais o destino daqueles que querem “morar bem”, pois a valorização de outras áreas começa a acontecer e isto se dá pelas interferências de externalidades⁹², de experiências que acontecem em outros países e em outras regiões do país e que se internalizam na Caicó do último *fin de siècle*. O preço do solo urbano sofre redefinições e algumas áreas, antes nem vislumbradas pela parcela mais privilegiada da população, serão pouco a pouco ocupadas por estas. Assim, o discurso imobiliário muda em relação aos subespaços que formam ou formarão o urbano e, mais uma vez, as áreas valorizadas serão aquelas em que as fachadas mostrem luxo e modernidade e as pessoas que as ocupem façam parte do “circuito superior” ou camadas sociais mais elevadas. Nesse sentido, novos “eventos derivados” surgem, a partir de toda uma estrutura que o “evento principal” antes gerou, para dar origem, alargar e expandir estas áreas, ou seja, inferir novos usos do território.

3.1.1 OS EVENTOS E A QUESTÃO DA VALORIZAÇÃO DO SOLO NOS SUBESPAÇOS DO URBANO CAICOENSE

A cidade, lócus mais apropriado à acumulação do capital, aparece como cenário da formação de um meio geográfico onde o capital em sua “eterna” expansão e reprodução, constrói e impõe à paisagem novos equipamentos urbanos, que, com alto grau de tecnificação, artificializa, em muito, o espaço urbano.

No estágio atual de desenvolvimento do capitalismo, o urbano aparece como o lugar onde se concentram as atividades produtivas, a infraestrutura necessária à produção e à circulação de mercadorias e a força de trabalho, constituindo-se, portanto, em condição necessária para o avanço do processo de acumulação (Oliveira e Barcellos, 1987).

Em Caicó, esse urbano produtivo e infraestruturado, decorrente dos grandes investimentos, ocorre com mais intensidade em algumas áreas do urbano, qual seja: o centro e seu entorno mais próximo e uns

essa tendência começa a se materializar a partir do final dos anos de 1980 e início de 1990. Ver, por exemplo, a dinâmica que alguns dos eventos, por nós analisados, causaram em áreas distantes do antigo centro e a ocupação, em algumas delas, por moradores das “elites” locais.

92 Cada lugar tem, pois, variáveis internas e externas. A organização da vida em qualquer parte do território depende da imbricação desses fatores. As variáveis externas se internalizam, incorporando-se à escala local. Santos (1997).

poucos novos bairros mais afastados. As demais áreas - a maioria da urbe - também sofrem suas artificializações, porém nestas novas próteses ou sub-equipamentos são mais simples e de uma baixa densidade técnica, em parte, construídas de forma artesanal pelos próprios moradores, constituindo-se naquilo que autores, como Kowarik, (1989), chama de autoconstrução.

Os novos equipamentos urbanos, aos quais nos referimos, estão, em sua maioria, traduzidos nos eventos principais e nos muitos eventos derivados, que vão sendo impostos à paisagem e que a cada momento, se visualiza no espaço urbano, em discussão. Esses eventos, analisados no capítulo anterior, são a mola mestra das várias frentes de expansão, pelas quais passou e passa a cidade de Caicó. Eles (os eventos) são responsáveis pelos novos usos do território e, principalmente, pela redefinição de preços do solo urbano na cidade em estudo. (ROCHFORT 2008, p. 80) assevera que “a expropriação dos ricos sobre os solos urbanizáveis e o cortejo dos especuladores fundiários, que dela resultam são mecanismos bastante frequentes na produção do solo urbano”. Juntem-se a isso as estruturas oferecidas por objetos técnicos implantados nestas áreas de futura expansão urbana. As estruturas, presentes nesses eventos, despertam e animam investimentos nas áreas, por eles comandadas. O centro da cidade e seu entorno continuam, sem dúvida, no tempo presente, sendo alvo de novos investimentos e do aparecimento de novas formas e funções, é o caso, por exemplo, do recente processo de verticalização que se opera em Caicó. Dos vários edifícios que compõem esse processo, a maioria está sendo construída nesta área do urbano, além de outros processos de renovação de residências e de prédios comerciais e de serviços, como podemos ver nas fotos a seguir.



Figura 30: Reformulações no centro da cidade de Caicó
Fonte: Pesquisa de Campo, 2010.

Mas para além desse centro da urbe, estão as mais importantes transformações, pelas quais passou a Caicó do final do Séc. XX e início do

Séc. XXI. Como já mostramos, todos os eventos principais (em número de sete), que elencamos como os mais importantes desde a década de 1970, geografizaram áreas que estavam para fora do centro da cidade, algumas delas no limite ou para além do perímetro urbano, tendo este passado por redimensionamentos nos últimos anos.

Dentre as áreas que mais tiveram valorização do solo urbano, destacamos toda a parte leste, incluindo o sudeste e o noroeste da cidade, ou seja, aquelas que tiveram como elementos impulsionadores os Eventos 02 (Campus da UFRN) e 04 (AABB). Nesta parte do urbano caicoense, o solo teve nos últimos anos uma valorização em torno de 1.000%⁹³. Nesta zona da cidade merecem destaque os seguintes bairros: Penedo, Maynard e Vila Altiva, como sendo área desta valorização do solo urbano e onde o padrão das residências chama mais a atenção, em especial, nos dois primeiros bairros citados. É mister frisar que não há homogeneidade no padrão das residências, como, também, no padrão de renda das pessoas que habitam essa parte do urbano caicoense, mas a maioria segue a tendência acima discutida. No caso da Vila Altiva (ver mapa abaixo), a valorização é mais recente, mas a seletividade do acesso a este solo já é uma realidade, pois toda essa área, que vai desde o Campus da UFRN até as imediações da vila do Açude Itans, está sob o discurso do bom padrão de moradia que envolve tranquilidade, conforto, boa vizinhança, ou seja, um bom status.

93 Dado extraído a partir de entrevista com proprietários de terrenos na área. Um lote que mede 15X30m, custava, nos anos de 1990, cerca de R\$ 3.000,00. O mesmo lote é vendido, atualmente, por 30.000,00

média. Suas residências caracterizam-se por um padrão intermediário, sendo que se verifica a presença de algumas pequenas “mansões”, como, também, de algumas residências bastante simples. É uma parte da cidade muito próxima ao centro, onde estão instalados grande parte dos serviços e os pontos comerciais mais importantes de Caicó.

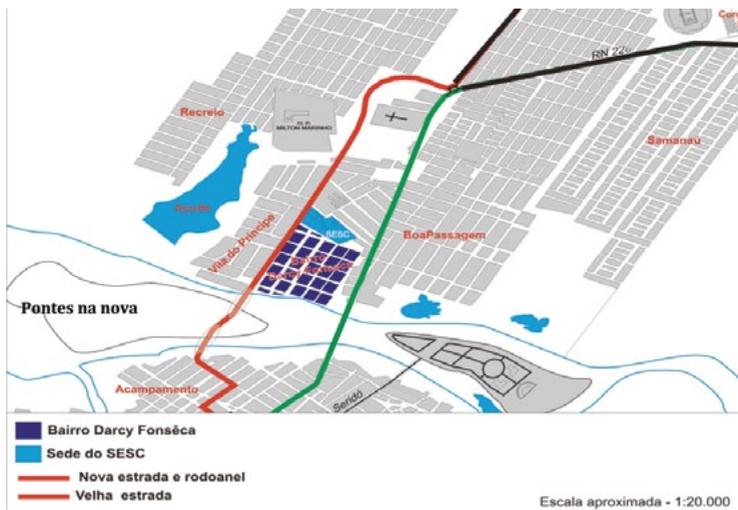


Figura 32: Rodoanel e novas dinâmicas de ocupação do urbano caicoense

Fonte: Elaborado Pelo Autor a Partir de Mapa Base da Prefeitura Municipal

Uma segunda área, que merece uma análise, está localizada na parte oeste/sudeste da cidade. Trata-se de um dos pontos que conheceu um dos maiores e mais intensos adensamentos na Caicó dos últimos dez anos. Com características bastante diferenciadas das duas áreas já analisadas, este subespaço teve como impulsionador o Evento 06 (Hospital do SESP e CAIC). Essa área não apresentou, como as demais, uma significativa valorização do solo e suas residências, as quais, na grande maioria, apresentam um baixo padrão de modernidade e são habitadas por uma camada social mais humilde. Faz-se necessário considerar algumas exceções.

Ao contrário das demais áreas, acima analisadas, o discurso que se aplica a este subespaço é o de que, apesar de estar perto de serviços e

preço de R\$ 3.000,00. Atualmente alguns lotes já são cotados em R\$ 30.000,00. in: entrevista com proprietário que preferiu não ser identificado.

alguns pontos comerciais importantes na cidade, esta se caracterizou pelo baixo padrão de habitabilidade e uma população de menor renda. Conta, também, o fato de que esse subespaço é, na verdade, um incremento de áreas já mais pobres, como os bairros: Soledade, João Paulo II, João XXIII, Barra Nova e Walfredo Gurgel.

Trata-se do crescimento dos próprios bairros, acima citados, e da criação de outros, como veremos no mapa a seguir. Neste ponto da urbe caicoense, encontra-se a maioria dos homens lentos, da massa trabalhadora de baixos salários, como, também, uma grande parcela de desempregados, ou seja, aí se revela um contexto de circuito inferior.

Assim sendo, configura-se como um subespaço, onde o preço do solo ainda é acessível, e, em alguns pontos deste, verifica-se a prática de invasões de terrenos e a construção de moradias de taipa e/ou papelão, que os configura, inclusive, como sendo favelas. (SANTOS 1989, p. 197) ensina que “por definição, a favela é um habitat clandestino[...]instala-se em terrenos públicos ou abandonados” e este é o caso destes microterritórios da urbe em estudo, que, segundo (ROCHEFORT, 2008, p.81).

São loteamentos ilegais, frequentemente chamados “clandestinos”, que na maioria das vezes são tolerados pelo poder público, constituem um mercado não regulamentado, mas muito importante para o alojamento das populações modestas e estão na origem das vastas zonas de pequenas casas ou de imóveis médios, intermediários entre a modernidade dos bairros ricos ou **densamente técnicos** e o abandono das favelas ou **os subespaços de rarefação técnica**. [grifos nossos]

É assim que esses subespaços caicoenses se apresentam na atualidade. São espaços clandestinos de rarefação técnica e habitada, em sua grande maioria, por pobres ou homens lentos. As populações de origem modesta habitam cada vez mais essas áreas da cidade.

em programas sociais, como, por exemplo, os programas de habitação do Governo Federal, como: “Minha Casa, Minha Vida” e, em especial, na dinâmica proporcionada pelos eventos. Nestas frentes de ocupação, o preço do solo é constantemente valorizado e acessível somente às classes média e alta.



Figura 34: Loteamentos recentes no urbano caicoense

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de mapa base da Prefeitura Municipal de Caicó

3.1.2 O ALARGAMENTO DO PERÍMETRO URBANO: A ESPOLIAÇÃO ATUALIZADA

Desde os anos de 1970, com o aumento do perímetro urbano, o avanço da urbe sobre as terras rurais faz com que a Prefeitura perceba uma parcela maior de impostos. O IPTU substitui o ITR e faz com que a arrecadação aumente significativamente. Assim sendo, surge uma questão: A cidade e seus habitantes são beneficiados com esse incremento de impostos?

Ao lançar sobre esta questão uma análise mais cuidadosa, verifica-se que o contexto da espoliação urbana, que se renova, ou seja, a cidade que arrecada mais não consegue fugir das estruturas das desigualdades,

como, também, não diminui o grau de perversidades. Os equipamentos urbanos pouco se renovam do ponto de vista técnico e ampliam timidamente seu alcance social, salvo algumas exceções, e a urbe expandida parece acumular uma massa cada vez mais densa de espoliados em detrimento de um capitalismo espoliante. Esses parecem garantir, a cada fase de expansão da cidade, seus poderes e seus status.

No que concerne ao uso do solo urbano, alguns agentes se valem de antigas posses e de novas frentes de investimentos e passam a vender loteamentos, a priori, não oficializados pelo poder público, pois se verifica que, na Caicó dos últimos anos, ocorre, como aponta Rochefort (2008), a proliferação de loteamentos não oficiais [grifo nosso] tem suas razões nas tendências de ocupação dos solos de propriedades privadas”, como, também, na espoliação dessa massa populacional colocada à margem.

O acesso a serviços de saúde e educação não revelam melhorias, a cidade também é a cada dia mais insegura e os transportes públicos continuam deficientes, como já analisamos no capítulo 01, deste trabalho. No entanto, uma parcela pequena da população continua a gozar das mais variadas benesses, pois não dependem diretamente dos serviços básicos, que são precariamente oferecidos e promovidos pelo Estado. Além de usufruírem de benefícios outros, gerados pelo próprio Estado, como, por exemplo, a garantia de explorar esse ou aquele solo urbano.

Toda esta expansão, todas essas desigualdades e perversidades, ratificam uma condição que acaba por gerar uma situação em que apresenta flagrante a busca de alternativas para a sobrevivência da parte dos homens lentos ou daqueles que compõem o circuito inferior. Assim sendo, percebemos que, nos últimos anos, a cidade expandida sofre de uma anomalia que impõe à urbe um desarranjo territorial, imprimindo nesta uma paisagem confusa, um mal-estar urbano, que incomoda os que procuram na Caicó contemporânea contextos que possam indicar qualidade de vida, como também equidade social. O que se verifica é uma constante atualização da espoliação urbana e, como consequência, uma urbe tumultuada e pautada pela ideia miltoniana da “flexibilidade tropical” Santos (2001), ou seja, técnicas e ações de sobrevivência deflagradas a todo e qualquer custo pelos agentes não hegemônicos habitantes da Caicó contemporânea.

3.2 O (DES)ARRANJO NO TERRITÓRIO: UM URBANO TUMULTUADO?

Como já afirmamos, a cidade de Caicó passa, desde os anos de 1970, por uma forte onda de expansão de seus limites e interstícios

urbanos. Grande parte das áreas, que foram expandidas, obedeceu a um planejamento e se configura como sendo territórios com certa organização espacial, pois têm para dentro dos seus limites um arranjo que denota disposições de equipamentos urbanos que acabam por conferir a estes subespaços a mencionada organização, ou seja, um ordenamento de ruas, locais específicos para praças, templos e parques, disponibilidade de terrenos para futuros objetos técnicos de uso comunitários, entre outros.

A cidade, também, expõe a sua outra face, qual seja: territórios de quase nenhuma organização para dentro dos limites de seus subespaços. Nesses, a aleatoriedade é quem comanda a disposição dos objetos técnicos e/ou equipamentos urbanos. Suas próprias ruas exibem um desarranjo que dá visibilidade flagrante e mostram, também, um urbano desordenado. Vias de difícil acesso e construções que não obedecem ao mínimo de planejamento espacial pautam a paisagem destes subespaços.

A Caicó, expandida dos últimos anos, é assim. Esse misto de arranjos e desarranjos. Desde o centro até os bairros mais distintos, a cidade exhibe a cada dia uma nova, alargada e complexa mancha urbana que expõe lado a lado a organização e a desorganização espacial em uma mesma urbe. Estamos nos referindo aos processos de expansão e ordenamento territorial, pelos quais a cidade passa em seu processo expansão.

No entanto, nossa análise aponta-se para além deste ordenamento, que é dado pelas construções de equipamentos urbanos dos mais variados usos. Precisamos analisar como e de que forma as populações usam esse território, quando do desenvolvimento de suas técnicas de sobrevivência e é isso que faremos a seguir.

É, também, desde a década de 1970, que um intenso processo de globalização toma conta do mundo. Especialmente, nos recantos mais pobres, os discursos, as práticas, os benefícios e malefícios deste processo imprimem, pelo crivo da totalidade, diferentes ritmos e diversos tipos de interferências neste ou naquele território.

Para a grande maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizaram em todos os continentes. (SANTOS, 2001, p.19).

Toda essa gama de malefícios, mescladas de algumas poucas benesses, tem gerado, em especial, nos espaços urbanos do mundo pobre uma espécie de “luta pela sobrevivência”, que leva os homens lentos a desenvolverem as mais variadas tarefas, com o objetivo da auto-sustentação.

Em Caicó, isso se revela flagrante e se apresenta como sendo uma das consequências da expansão urbana local, pois para além daqueles desarranjos, já comentados, a urbe passa a exibir diferentes paisagens que denotam os meios, pelos quais esses homens lentos tentam essa sobrevivência e que reforçam nestas paisagens a “a ideia de coexistência”.

São os microterritórios desta luta diária, deflagrada pelos agentes do circuito inferior, que fazem surgir os “empresários das sombras”, onde a renda é conquistada, a partir das mais diversas formas ou “contra-formas” de comércio e de serviços. Esta forma de organização dos homens lentos sugere aquilo que Santos, (2001) chama de contraracionalidades.

São barracos ou outros muitos tipos de objetos que abrigam ou expressam essas atividades “ilegais⁹⁵”, os quais mesclam as várias paisagens da cidade ou do “reino do artifício”. Em meio à “ordem”, está a “desordem⁹⁶”. É mais umas das muitas coexistências que a cidade exhibe em seu cotidiano. Nesse sentido, mais questões se levantam, quais sejam: o Estado e as grandes corporações nacionais e internacionais devem coibir as práticas de sobrevivência dos pobres? Elas desarrumam a cidade? São práticas que geram desordem?

As respostas a estas questões não são fáceis, pois frente ao capitalismo selvagem e suas tiranias do dinheiro e da informação, essas práticas e o uso do território por esse sistema são extremamente condenadas e sujeitas a adjetivos dos mais variados.

Na verdade, o Estado parece fazer de conta que não as enxerga e, portanto, não as coíbe, parece, também, não perceber as dinâmicas diferenciadas que as mesmas causam ao território, a partir das quais poderia puni-las sob o pretexto da “desarrumação” do espaço e, por último, se elas geram ou não a desordem, isto se revela por enquanto somente no discurso da parte do Estado. Mas o fato é que as grandes corporações têm, até mais do que o Estado, seus meios de se contrapor a tudo isso e, opera por meio das tiranias, já citadas.

Por toda a urbe, é cada vez mais frequente o uso destas organizações da “luta pelo viver”. A seguir, tentaremos analisar algumas delas, os seus usos territoriais e as consequências por elas causadas na urbe caicoense.

95 O discurso da ilegalidade é forjado por aqueles que gravitam no circuito superior e, querem a todo custo, extirpar as práticas das atividades desenvolvidas pelos agentes não hegemônicos.

96 Essa dialética opera na cidade aquilo que Souza, (1997) enxerga como debate. Afinal, a ordem e a desordem estarão nesta ou naquela área da cidade, dependendo do ponto de vista de quem a analisa.

3.2.1 O PAPEL DOS AGENTES NÃO HEGEMÔNICOS: A FORÇA DOS “EMPRESÁRIOS DA LENTIDÃO” E DOS SEUS EVENTOS

O microterritório dos espetinhos

De sul a norte e de leste a oeste da cidade, as calçadas, as esquinas e os canteiros que, durante o dia, servem aos propósitos para os quais foram construídos, transformam-se, à noite, em verdadeiras “empresas de flandres⁹⁷”. Um sem número de homens lentos, semiexcluídos do processo de globalização e extorquidos ou espoliados por uma expansão urbana veloz e excludente, busca, nestas ínfimas, mas importantes “empresas”, seu sustento, como, também, o de suas famílias.

Com uma técnica simples, muitas vezes artesanal e arcaica, o flandre é transformado em objetos que transformam as carnes bovina, suína e de frango, em assados, servidos em um palito. Como fonte de energia se utiliza a lenha, em forma de carvão vegetal. Todo esse simples aparato técnico confere a esses microterritórios um uso que se traduz em uma forma de contraracionalidade, pois o racional seria a churrascaria ou o restaurante que, com suas “estruturas formais”, ofereceriam esses serviços e produtos em ambientes mais sofisticados, porém de difícil acesso à maioria da população.

Nesse sentido, uma parcela dos homens lentos marginalizados e espoliados na cidade, que se expande, mas não os beneficia, desenvolve as suas ações e retira dessa labuta diária, desse “uso ilegal” do território, o sustento e a perspectiva do amanhã. A paisagem urbana é diariamente pautada por pequenos aparatos artificiais (as churrasqueiras) que gera um discurso colado à ideia de desarranjo espacial ou de cidade feia e suja, mas que, na verdade, se traduz em uma organização própria, que expõe o design das fachadas destas empresas da lentidão.



Figura 35: Microterritórios dos Espetinhos

FONTE: Pesquisa de campo, 2010.

97

Referimo-nos a um tipo de liga metálica que utiliza em sua composição, o ferro e outros metais.

O microterritório dos “barracos-bares”

Uma outra modalidade de uso do território pelos homens lentos e/ou espoliados se revela na aparição de um sem número de barracos que abrigam bares. Estes também ocupam, em muitos casos, calçadas ou canteiros, ou mesmo áreas que estão coladas às escolas e às universidades.

Como meio de sobrevivência e uma maneira de se livrar das perversidades da formalidade⁹⁸, os espoliados montam, a partir de ações simples, objetos igualmente simplórios, pequenas e pobres estruturas que lhes conferem a condição de buscar uma renda e, conseqüentemente, seu sustento. A Caicó dos últimos quinze anos “assiste” a um grande incremento dessa atividade do circuito inferior.

Tanto os proprietários como os clientes pertencem, com algumas exceções, às classes menos favorecidas. Nestes “territórios do lazer”, bebidas e comidas são servidas ao ar livre e em mesas e cadeiras dispostas em calçadas, canteiros e nas margens de ruas, avenidas e, até mesmo, rodovias no interno da cidade.

Muitos destes territórios estão pautados pela negação do “ir e vir”, direito básico dos cidadãos, já que ocupam aleatoriamente os subespaços da urbe, causando uma tremenda confusão no trânsito de automóveis, como, também, no deslocamento de pessoas, pois em alguns pontos da cidade esses barracos-bares tomam para si parte das ruas e avenidas.

Um outro problema, causado por estes usos territoriais, está ligado à poluição sonora. Em grande parte destes, o som do próprio barraco ou a liberdade por parte do cliente para utilizar o som de automóveis tem gerado sérios problemas.

Enfim, é mais uma atividade que surgiu e cresce na cidade, pelas consequências de uma expansão que não inclui todos no direito à cidade, ou no direito ao emprego formal. A paisagem urbana se faz confusa, mas essa é mais uma forma, para a qual os homens lentos contribuem, a partir de uma organização própria, para a “roda da cidade⁹⁹” girar.

98 Não estamos lançando nenhum juízo de valor sobre a formalidade em si. No entanto, depois de muitas conversas (entrevistas) com alguns proprietários destes bares, chegamos à conclusão que para estes a formalidade seria perversa e que os mesmos não têm a menor condição de cumprir com as regras de forma de comércio.

99 Referimos-nos à contribuição que os espoliados ou homens lentos prestam à economia e a dinâmica do cotidiano da cidade.



Figura 36: Microterritórios dos Barracos Bares
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O microterritório dos camelôs

Uma terceira forma de uso do território pelas “empresas da lentidão”, tributárias da do circuito inferior na urbe caicoense, é caracterizada pelas vendas dos mais variados produtos abrigados em uma espécie de barraco, montado com hastes de ferro e lonas e comandada por um ou mais camelôs. Nesses barracos, os produtos vendidos revelam uma gama de técnicas que vai do mais simples ao sofisticado, ou seja, compra-se desde uma boneca de pano até celulares de dois chips, com TV digital e GPS.

Diferentemente das duas modalidades anteriores, nesses territórios são negociados um sem número de produtos, que são, na maioria, imitações ou similares daqueles negociados nas lojas e “empresas formais”. Em Caicó, estes barracos se concentram no centro da cidade, alguns deles nas calçadas de lojas, que vendem tais produtos, mas com o preço bem mais elevado. Nas avenidas Coronel Martiniano e Seridó, principais vias da cidade, encontram-se a maioria desses empresários da lentidão e suas “empresas” abarrotadas de mercadorias.

Uma das características do uso deste microterritório é a forte presença de produtos que são resultantes de uma das facetas do processo de globalização. É comum encontrar, ali, itens que são produzidos em várias partes do mundo, como, por exemplo, nos tigres asiáticos, os quais chegam aqui a preços baixos, porque em seus países de origem há uma profunda exploração da mão-de-obra também dos seus homens lentos e espoliados.

A perversidade atravessa oceanos e continentes para, no lugar (Caicó), produzir novas relações também de perversidades, alimentando, como nos aponta Santos, (2001), a falsa ideia do mundo como fábula e reforçando a tirania da informação.

Por fim, esses territórios dos camelôs, esse “evento” conhecido em Caicó, como “Shopping Bradesco¹⁰⁰”, “são para a paisagem urbana da cidade, segundo o discurso advindo do circuito superior, como uma “nódoa” em um quadro de Da Vinci ou uma “mancha” em uma tela de Davina¹⁰¹.

Da condição de inferior e da surpreendente ação contraracional por parte destes camelôs e da falta de uma cobrança da parte do poder público municipal, infere-se uma falta de padrão na configuração dos microterritórios. Assim cada barraco tem suas técnicas de montagem e um design próprio. Muitos deles ficam a semana inteira montados mesmo à noite, quando não estão sendo utilizados, e fazem com que a estética do centro da urbe caicoense revele certa “desordem”.



Figura 37: Microterritório dos Camelôs no Centro da Cidade
FONTE: Pesquisa de campo, 2010.

Os outros microterritórios da informalidade:

Para além dessas três modalidades, antes analisadas, existem muitos outros produtos e serviços sendo oferecidos em tantos microterritórios espalhados pela urbe caicoense. Desde o centro e se espalhando por todos os bairros, são diversos os “meios de vida” e os modos de como os homens lentos e espoliados buscam uma renda para sobreviver, já que deles foi extorquido, entre outros, o direito ao emprego e ao salário.

Vender plantas, utensílios para automóveis, livros, bilhetes do “jogo do bicho”, entre outras, são algumas das modalidades que ocupam

100 A maioria dos barracos de camelôs está localizada na calçada do Banco Bradesco, que se situa exatamente no centro da cidade, ou seja, no cruzamento das duas principais avenidas da cidade.

101 Essa metáfora alicerça-se na análise do discurso que impõe essa pecha à organização desses lentos empresários. Discurso que advem dos agentes do circuito superior, mas acaba por ser repetido por muitos cidadãos que, também pobres, não conseguem enxergar para além da mancha ou nódoa na paisagem, aquilo que, nesse contexto, seria o mais belo: A força dos pobres. Davina é uma artista plástica local que, em muitas de suas telas, retrata a cidade de Caicó e coisas do sertão do Seridó.

transitoriamente diversos pontos da cidade de Caicó.

É a diversidade nas formas de sobrevivência que aglutina, nesses “empresários da lentidão”, a força motriz da esperança de cada um e de todos, pois “A socialidade urbana pode escapar aos seus intérpretes, nas faculdades; ou aos seus vigias, nas delegacias de polícia. Mas não aos agentes ativos do drama, sobretudo quando, para prosseguir vivendo, são obrigados a lutar todos os dias” (SANTOS, 2001, p.132 grifo nosso). É nessa luta diária, travada nesses microterritórios, que está a beleza da cidade, vista como “lugar do debate” e da coexistência.

O uso destes ínfimos territórios revela a força dos homens que, nos tempos de ebulição, de celeridade e de técnicas cada vez mais sofisticadas, habilitam-se, a partir de uma velocidade própria, contribuindo, à sua maneira, para um movimento maior e mais geral, àquele que imprime à urbe caicoense dos últimos anos um forte, rápido, mas iníquo processo de expansão urbana.

Os ambulantes: Os lentos e suas empresas móveis

É importante também não negligenciar na análise outra modalidade que revela mais uma forma de batalha cotidiana e da organização dos espoliados. Nesta, não existe um território fixo, a luta é pela conquista de clientes que estão em seus territórios, ou seja, a cidade, em especial, nos subespaços mais humildes. É esquadrinhada e conquistada pelos diversos “empresários das carroças” e do “crédito fácil e longo”.

Um objeto técnico simples, que lembra uma carroça, é o instrumento de trabalho destes homens que, por excelência, “vivem” a cidade e dela faz seu cenário para empreender uma atividade que leva aos outros homens, em sua maioria, pobres, a oportunidade do consumo. Este, diferente daquele que é plasmado pela tirania da informação. Neste caso, as mercadorias, negociadas, são, em grande montante, utensílios domésticos de vários tipos, desde itens de decoração, móveis e objetos para cozinha, entre outros.

A contraracionalidade é uma característica forte dessa modalidade de empresa do circuito inferior. Os produtos vendidos possuem pouca sofisticação e as formas de pagamento obedecem, em muitos casos, uma prática antiga de anotação em uma caderneta ou caderno pequeno, embora a “nota promissória” já seja também bastante utilizada e a fatura em cartão de débito ou crédito ainda seja uma perspectiva para o futuro.

A urbe, abastecida por esses “empresários das carroças”, se

revela como sendo simples, mas que do ponto de vista de quem a habita e é cliente, que se abastece nesta modalidade do circuito inferior, se considera como alguém que pode ter acesso a produtos que, para eles, os coloca como privilegiados diante de uma classe ainda mais pobre que nem a este tipo de modalidade tem acesso, ou seja, na cidade dos pobres há várias cidades que coexistem entre si e no todo com a urbe em geral.

Após analisar algumas das modalidades de comércio e serviços empreendidos pelos homens lentos na urbe caicoense, faz-se necessário frisar que as atividades, desenvolvidas no circuito inferior, não se resumem a essas por nós abordadas. São muitas e tantas outras as empreitadas que imprimem uma dinâmica diferente à cidade em estudo. Como já vimos no capítulo 01, intitulado: A cidade como ela é. Destacam-se os mototaxistas, os carroceiros, os vendedores de lanches, os limpadores de muros e jardins, os lavadores de carro em domicílio, os descarregadores de cargas de caminhão e carretas, os podadores de árvores, os catadores de lixo, os donos de vãs, que transportam, de forma clandestina, os passageiros no interno da urbe, os entregadores de feiras¹⁰², entre muitas.

É difícil ou quase impossível mensurá-las, divulgá-las em números, tabelas e gráficos, pois são atividades de forte itinerância e irregularidade, como também são livres de algumas amarras inerentes ao setor que se diz formal. Elas simplesmente se dão e acontecem no cotidiano da urbe caicoense, pautada pela coexistência.



Figura 38: Ambulantes nas ruas de Caicó
FONTE: Pesquisa de campo, 2010.

3.3 PLANOS DIRETORES LOCAIS: A FÁBULA DA CIDADE IDEAL

Analisar os planos diretores, propostos para a cidade de Caicó, em especial, o mais recente, criado pela Lei Nº 4.204 de 17 de outubro de

¹⁰² São homens e mulheres (meninos e meninas) que, aos sábados, dia da feira livre em Caicó, de posse de um cesto ou balaio, ficam à espreita de clientes e cobram para levar as compras destes em casa. Isso ainda é muito comum na cidade.

2006, é adentrar o “reino da perfeição”. Cada título, cada capítulo, artigos e parágrafos remetem ao ideal. São propostas e perspectivas de decisões que transformariam qualquer cidade em espaços de pleno ordenamento, onde a equidade seria a regra e as decisões coletivas jogariam por terra toda e qualquer forma de privilégio e injustiças.

A este trabalho e ao propósito a que ele se propõe interessam de maneira mais específica as medidas que tratem daquilo que está relacionado ao urbano caicoense. Nesse sentido, teoricamente tudo está muito bem posto e as intenções, reveladas no texto do documento, são as melhores possíveis. No entanto, ao cruzar intenções e realidade, deparamo-nos com as mais sérias constatações de “arremedo”, a partir de uma prática que não condiz com os ideais de equidade, justiça e bem-viver. Quando nos remetemos à relação entre o Plano Diretor e os eventos, em especial, aqueles que são mais recentes na cidade expandida, faz-se mister colocar que, a partir de nossas análises, que se baseia em estudos do documento e em conversas e entrevistas com moradores e autoridades locais, não verificamos nada de concreto, relacionado aos eventos e suas dinâmicas, que possa ter ancoradouro neste Plano Diretor, pois o mesmo prevê uma série de medidas que em sua maioria, não se concretizaram e, estas nada têm a ver com os eventos recentes, que nós elencamos, como sendo a mola mestra deste trabalho, embora não possamos deixar de pautar que uma ínfima parte destas medidas foram implementadas, mas que não tem, com estes eventos, uma relação específica.

Em seu artigo terceiro, parte do Título I, que cuida da política urbana, o documento sugere que a sua própria elaboração deve ter a participação dos diversos agentes sociais nas decisões que tenham influência na expansão e desenvolvimento urbano. Essa participação popular, inclusive da parte das classes menos privilegiadas, foi completamente negligenciada, já que o Plano Diretor, em questão, foi providenciado às pressas, para cumprir uma diretriz maior, advinda de regras exigidas pelo estatuto da cidade.

Mas é o seu artigo segundo que nos chama mais a atenção, pois assim determina:

O Plano Diretor de que trata a lei [...] é o instrumento básico de ordenamento do desenvolvimento do município e de orientação de todos os agentes públicos e privados de forma abrangente, contemplando todas as dimensões do desenvolvimento político, social, econômico, espacial administrativo e financeiro, garantindo o bem estar dos municípios, propiciando a ocupação ecologicamente equilibrada e sustentável do território Municipal e o acesso à terra urbana”. (PLANO DIRETOR DA CIDADE DE CAICÓ, 2006, p. 01).

Nessa parte do documento, temos uma ideia do quanto a teoria está distante da prática e a cidade continua à mercê de medidas que efetivem o texto escrito e as intenções nele contidas.

No Capítulo II do mesmo título, acima mencionado, em seu artigo quinto, cabe uma análise e uma reflexão da parte daqueles que se debruçam sobre as questões urbanas e, apoiada, em um dos pares dialéticos pelos quais optamos em nossa pesquisa: o Estado e Mercado (Público e privado). O artigo diz que “Toda e qualquer ação pública ou privada da expansão urbana da cidade deverá ser acompanhada pelo Poder Público Municipal levando em consideração a prevalência do interesse público sobre o privado” (Ibid, p. 05).

Na Caicó dos últimos anos, em seu processo de expansão e suas conseqüências, o privado toma para si o público e a prática se dá na contramão do que reza o documento que deveria guiar essa relação. Um exemplo está na ocupação de espaços que deveriam se destinar ao público por agentes da iniciativa privada. É o caso de uma Praça central da cidade, recém-reformada pelo poder público e ocupada por restaurantes de propriedade privada.

Esse é apenas um dos muitos casos que acontece na cidade. Calçadas, parte de avenidas, complexo turístico são outros entre tantos exemplos, de como o público é tomado pelo privado.

O documento, em questão, estipula três prazos distintos para o cumprimento das diversas atividades propostas para o município. Dentre esses, aparece o ano de 2010, prazo no qual deveriam estar cumpridas e em prática as seguintes ações: estrutura viária, saneamento e proteção ambiental, habitação e condições de moradia, uso e parcelamento do solo urbano e regularização fundiária. Dos cinco pontos apresentados, todos se encontram em precárias condições de implementação e funcionamento.

A estrutura viária do interno da urbe sofreu um pequeno redimensionamento a pouco mais de dez anos, com a criação de um rodoanel (ver mapa 24), já analisado anteriormente, neste trabalho, e que tem relação com o evento 07. Fato que, na época, causou muita polêmica, pois não resolveu em nada o melhoramento do fluxo de automóveis, principalmente os pesados pelas ruas mais movimentadas da cidade. Agora, se encontra previsto a construção de uma grande anel viário que poderá vir a ser a solução desse problema, que torna caótico o trânsito da cidade, em especial, nas vias de maior fluxo.

O saneamento e proteção ambiental é outro problema crônico que se agrava com a expansão urbana em Caicó. É verdade que certo esforço

foi feito, no sentido do saneamento. Quase toda a tubulação (63%)¹⁰³ foi colocada, mas até hoje essa rede de esgoto se encontra sem uso, devido à falta e conclusão das lagoas de estabilização e estações de tratamento, ou seja, é, por enquanto, um grande “elefante branco soterrado”.

No que concerne à proteção ambiental, é preciso começar aquilo que nunca foi feito de fato na cidade, como a proteção de áreas ribeirinhas (Rios Seridó e Barra Nova), limpeza e coleta regular de lixo, coibir o uso de metade das avenidas para depósitos de restos de construções e podas de árvores e outros projetos que o próprio plano prevê.



Figura 39: Entulhos nas ruas do centro da cidade

FONTE: Pesquisa de campo, 2010.

No que concerne à habitação e moradia, já estão analisados neste capítulo e no capítulo 01, deste trabalho. As condições apresentam realidades muito injustas, já que de um lado, percebemos moradias de alto padrão, enquanto do outro lado, a moradia popular é quase que inabitável, além do déficit de moradia também previsto no próprio documento.

O uso e parcelamento do solo, também, revelam iniquidade, pois no tópico espoliantes e espoliados já tivemos a oportunidade de analisar esta situação, que é grave e se coloca como um grande desafio para a urbe caicoense.

Por fim, a regularização fundiária é outro grave problema enfrentado pelos municípios brasileiros e no de Caicó não se apresenta diferente. A terra ainda está na mão do proprietário de muitos hectares ou na mira dos agentes imobiliários que, a partir deste ou aquele discurso, supervalorizam os usos ou abusos, fazendo com que a distribuição destes perpetue as desigualdades sociais já existentes.

Um outro aspecto que chama bastante a atenção é a questão dos transportes coletivos. Em seu Capítulo II, artigo 97, o documento assevera que

103 Informação colhida na Secretaria Municipal de Infra-estrutura, 2010.

A Lei Municipal disporá sobre os transportes coletivos, estabelecendo diretrizes que garantam o conforto e bem-estar dos usuários, mediante a regulamentação dos percursos e horários a serem observados, estados de conservação dos veículos, preços das tarifas [...] os veículos a serem utilizados não podem ter mais de dez anos de fabricação[...] (PLANO DIRETOR DA CIDADE DE CAICÓ, 2006, p.41).

Como já analisamos anteriormente, não existe regulamentação desses transportes. É possível entrar em automóveis Kombi da marca Volkswagen, movidas a gás de cozinha (butijão) e que tem, no mínimo, vinte anos ou mais de fabricação, os quais não cumprem um horário certo de itinerário, como, também, alguns poucos ônibus, todos com mais de dez anos de fabricação e atendendo ao cidadão de forma bastante precária. Não é sem razão que o serviço de Mototáxi cresce aceleradamente, podemos dizer que, nesse aspecto, Caicó é uma cidade que se move sobre duas rodas.



Figura 40: Vãs utilizadas como transporte coletivo em Caicó
FONTE: Pesquisa de campo, 2010.

São muitas outras análises a se fazer sobre a distância entre a teoria e a prática de um Plano Diretor que foi aprovado em 2006 e não foi ainda nem sequer revisado e devidamente regulamentado¹⁰⁴. A cidade de Caicó sofre deste “desprezo” por parte do poder público, mas, também, por parte dos seus habitantes, pois se verifica que o nível de cobrança da população é muito baixo. A expansão da urbe caicoense se coloca como um grande desafio para autoridades e cidadãos.

3.4 TERRITÓRIOS DA MARGINALIDADE: A FACE PERVERSA DA EXPANSÃO

Na Caicó, expandida dos últimos anos, podemos perceber em alguns subespaços, especialmente das periferias pobres, aquilo que chamaremos de territórios da marginalidade. A face perversa da urbe que não para de crescer e que para alguns homens vai deixando como herança a falta ou a carência de opções para a sobrevivência.

Esse contexto, que se apresenta pelo viés da “totalidade-mundo”, é visível e tateável, quando se analisa o território, a partir da negação dos direitos a uma grande parcela da população. Um amálgama de baixos índices de escolaridade junto a uma baixíssima renda ou ausência dela e, ainda, a falta de perspectivas de um futuro “legal” e promissor, tudo isso cria a necessidade da busca “ilegal” por uma situação de sobrevivência e falsas esperanças de enriquecimento.

O uso do território é pensado e organizado por alguns poucos e efetuado por muitos. Os primeiros são, na maioria das vezes, “estrangeiros” dos microterritórios, onde se desenvolverão práticas ilegais das drogas, prostituição e toda sorte de desdobramentos que se dão, a partir destas. Os demais são habitantes do lugar e fazem o acontecer dessas práticas.

Aqueles pobres que, tantas vezes, são acusados de perversos, na verdade, são vítimas de uma perversidade maior. Essas advindas das injustiças e iniquidades, produzidas no seio do sistema capitalista selvagem, fonte de desigualdades verificadas desde a escala global até a local, como é o caso em discussão.

Quais seriam os subespaços desses acontecimentos? Haveria coincidências ente estes subespaços e aqueles, os quais chamamos de espaços da lentidão? A face perversa da expansão urbana caicoense se mostra somente para os homens lentos? São questões que se impõem

104 Informação colhida junto a Câmara e Vereadores de Caicó, 2010.

diante da nossa pesquisa.

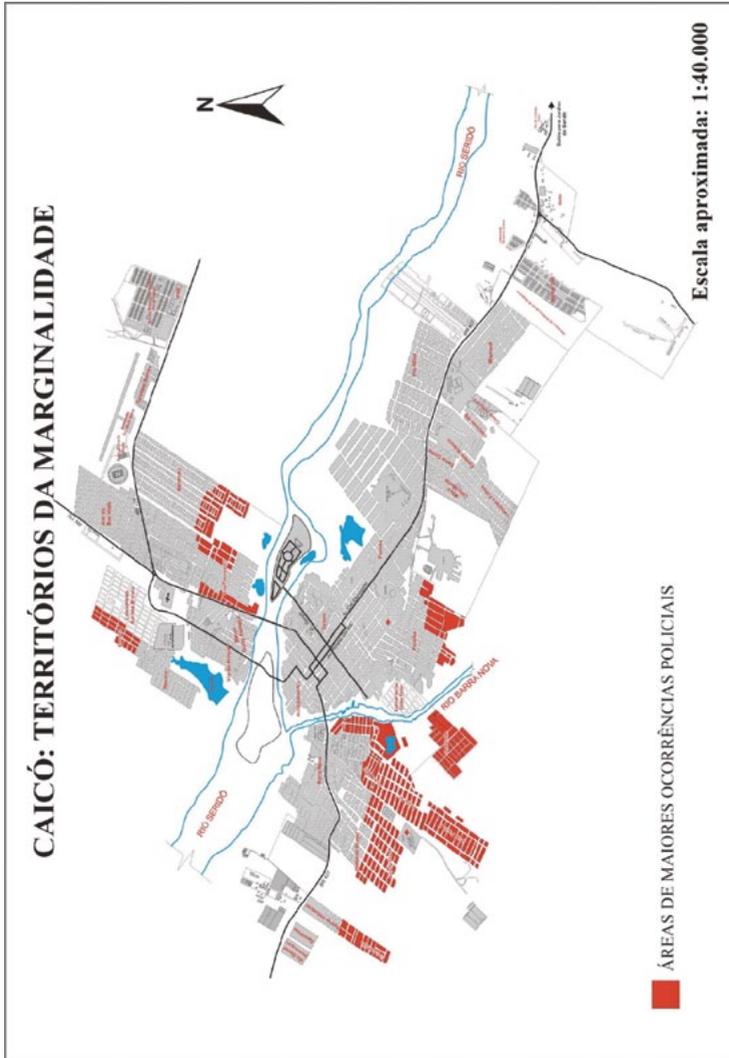


Figura 41: Territórios da Marginalidade
Fonte; COPOM – Polícia Militar, 2010.

Antes e qualquer resposta que possamos depreender da pesquisa feita em nossa base empírica - a urbe caicoense -, faz-se necessário uma análise mais generalizada acerca dos efeitos desse tipo de uso do território, que o processo de globalitarismo Santos, (2008), opera nos países pobres e em desenvolvimento.

Sabemos que existe toda uma tecnoesfera, conforme Santos (1999), que suscita a ideia do mundo como fábula e de uma psicoesfera que alimenta tal ideia, pois “tecnoesfera e pscoesfera são os dois pilares com os quais o meio técnico-científico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contraracionalidade no próprio conteúdo do território” (SANTOS, 2008, p.256). Assim sendo, há toda uma preparação psicológica para a ideia do “consumo conspícuo”, que tem sua base na busca pelo possuir da materialidade técnica, fenômeno símbolo do processo de globalização em marcha. E como diz Santos, (2001), esse processo nos apresenta a essa globalização mediante três facetas: “o mundo tal como nos fazem crer”, “o mundo como ele é” e “o mundo como ele pode ser”.

Quando a base do conteúdo do território alicerça-se em “o mundo tal como nos fazem crer”, a psicoesfera fomenta um desejo pelos objetos que compõem a tecnoesfera e quando não há condições para a satisfação de tal desejo, alguns homens, sejam lentos ou rápidos, mas, principalmente, esses últimos, constroem os mais escusos meios para desse mundo usufruir ou dele “fugir”. As drogas e a prostituição aparecem, entre tantos outros, como um possível caminho para conseguir as “benesses” desse mundo-fábula.

Em cidades, como Caicó, é possível a visibilidade desse fenômeno no conteúdo de alguns dos seus territórios, especialmente aqueles mais opacos e lentos¹⁰⁵. A resposta aos questionamentos é, portanto, que existe sim a coincidência entre os microterritórios da lentidão e o uso destes pelas agentes das drogas e da prostituição, mas a face perversa da expansão se mostra tanto para homens lentos como para aqueles considerados rápidos, pelos motivos que já analisamos.

Tudo isto tem imprimido à urbe caicoense dos últimos anos uma menor tranquilidade e uma maior apreensão aos habitantes que, antes e até bem pouco tempo, podiam andar sem medo pelos diversos subespaços formadores da mesma. É mais uma consequência de uma expansão urbana que impõe novas formas de usos territoriais e fazem com que nasçam, também, novas estratégias de lidar na cidade, com certo grau de violência urbana.

Empresas de motobóis da vigilância¹⁰⁶, com sede nas cidades maiores, abrem filiais e já encontram na cidade de Caicó um campo fértil para sua atividade. Essa é a face perversa da expansão, em especial para

105 Em entrevista, um policial militar nos informou que os bairros mais pobres são os que mais apresentam problemas com drogas, prostituição e as consequências por estes gerados, como furtos, assaltos, entre outros.

106 Essa é uma prática que existe já há alguns anos, mas esse serviço tem sido oferecido cada vez com mais frequência na cidade de Caicó.

alguns microterritórios que, renegados à pobreza e à miséria, são as vítimas mais indefesas desse processo que gravita do global ao local para inferir mudanças no lugar. “O mundo como ele é” se apresenta cruel e as desigualdades afloram ainda mais, pois enquanto os agentes hegemônicos usam o território como recurso e não são diretamente atingidos por essas desigualdades, os não hegemônicos e/ou espoliados, que usam o território como abrigo, são alvos de uma difícil realidade.

3.5 A CIDADE EXPANDIDA E SUAS DEMANDAS: OS MAIS NOVOS EVENTOS

Todo o conjunto de análise, que fizemos até aqui, no nosso trabalho, centrou esforços em pesquisas acerca da expansão de uma cidade que, principalmente, desde os anos de 1970, realçou uma forte dinâmica, baseado no período técnico, calcado em um forte setor terciário, mas com heranças de períodos precedentes, baseados no binômio gado-algodão.

A urbe se expandira a partir de eventos presentes e suas relações processuais com eventos do passado. Tais eventos impuseram à cidade uma gama de objetos e ações que a soergueram de forma cada vez mais efetiva à condição de centro regional. Uma vez expandida e com sua importância efetivada, a cidade passa, naturalmente, a cobrar novos equipamentos urbanos tanto em relação a ela mesma, pelo seu tamanho, aumento de população e necessidades de ampliação de alguns serviços, como em relação a outras cidades menores em seu entorno que não demandam tais equipamentos.

Todas as conjunturas ligadas ao contexto desta expansão urbana abrem exigências e possibilidades para novas estruturas. Essas possibilidades são dadas pelo conjunto da totalidade-mundo. O evento é, pois, “um instante do tempo, dando-se em um ponto do espaço” (SANTOS 2008, p.144) e assim sendo, o tempo empiricizado em forma de objetos e ações.

Destacamos mais quatro eventos que se impuseram à paisagem urbana da cidade em estudo, a partir de uma série das demandas já referidas e geradas por outros eventos, àqueles que são principais em nossa pesquisa. Não se trata de eventos derivados, mas de novos eventos principais que conferem à cidade novas conquistas e desafios.

O Centro Cultural Adjuto Dias

O primeiro, que passamos a analisar, é um centro cultural,

construído na cidade. Os agentes do Estado, atendendo às reivindicações de agentes ligados à cultura local, trazem para Caicó um equipamento urbano reclamado pelas novas estruturas da urbe mais importante do Seridó. Trata-se do Centro Cultural Adjuto Dias, com quatrocentos e quarenta lugares e uma arquitetura invejável, esse objeto passou a oferecer, a partir de outubro de 2002, novas opções de entretenimento, como, também, passou a abrigar “acontecimentos” importantes, transformando-se no principal lócus para conferências, congressos, shows, peças, entre outros.

A urbe, agora, tem, por exigência dela mesma, um novo e amplo imóvel para sediar grandes “eventos” e confirma ainda mais a sua condição de cidade que atende as suas próprias demandas, como as de outras cidades que com ela já mantêm uma relação de dependência, mas, principalmente, de interação, a partir da ideia dos aconteceres solidários.

Esse objeto não é gerador/impulsionador de adensamentos, pois sua construção ocupa um espaço já utilizado por antigos prédios, sede de instituições do Estado. Na verdade, ele causa uma importante refuncionalização no território, como, também, estabelece um novo conteúdo para este.

O cotidiano da cidade sofre uma importante inserção e a população passa a ter a possibilidade de um encontro mais próximo com as manifestações culturais, pois é mister anotar que a cidade expandida, que se fez centro regional, incoerentemente apresenta, nos últimos anos, uma precariedade de opções na área do teatro, cinema e shows em geral. O Centro Cultural aparece para cumprir este papel, embora tenha, praticamente, transformando-se em um “elefante branco” pela sua subutilização e abandono. No entanto, é um importante evento que passa a fazer parte da paisagem e do cotidiano da cidade.



Figura 42: Centro Cultural Adjuto Dias (Foto e Localização)
Fonte: Pesquisa de campo, 2010

O Complexo Turístico Santa Costa (A Ilha de Santana)

Seguindo o mesmo raciocínio que se contextualiza nas demandas geradas no processo de expansão urbana em tela, Caicó recebe um outro objeto de grande importância e que há muito era pensado e imaginado para a cidade: desta feita, um espaço conhecido popularmente como “Ilha de Santana” e oficialmente batizado de Complexo Turístico Santa Costa¹⁰⁷. Inaugurada em 19 de janeiro de 2008, esse microterritório do lazer foi o maior acontecimento da história de Caicó dos últimos anos.

Diferente do evento, acima analisado, a Ilha de Santana perfaz um espaço aberto, composto de um anfiteatro, uma quadra poliesportiva, uma área de alimentação, uma outra grande área de jardins, uma pista de caminhada, como também uma ciclovía. A ideia de espaço banal, Santos (1999), concretiza-se neste microterritório do entretenimento.

Este é, talvez, o lugar da cidade em que aconteçam os mais intensos encontros entre os homens lentos e rápidos, pois há opções de lazer para todos, desde as mais caras e reservadas aos de maior posse, como sentar em um restaurante e desfrutar de comidas e bebidas até aquelas que nada custam, como sentar nos bancos e na grama para uma simples conversa ou usar a pista para uma caminhada. Espaço de todos, território da comunhão, a Ilha de Santana, como é mais conhecida, gerou, na urbe em expansão, uma revolução, pois confere uma dinâmica que oferece sem distinção maior qualidade de vida para aqueles que a usufruem.

Para além deste leque de opções, já citado, a Ilha de Santana, também passou a abrigar grandes eventos ao ar livre. Shows, feiras de negócios, exposições, entre outros. Mas dois grandes e diferenciados acontecimentos ocupam esse espaço caicoense do lazer, uma vez a cada ano. Trata-se do Carnaval de Caicó e da Festa de Santana¹⁰⁸.

O uso deste território tem revelado uma faceta bastante interessante. Os pobres ou os extorquidos de seus direitos básicos

¹⁰⁷ Santa Costa é uma homenagem à matriarca de uma família de importantes políticos que estão no comando do poder local há vários anos. O mais conhecido desta família é o Ex-Governador do Estado, o atual Deputado Estadual, Vivaldo Silvino da Costa. Seu irmão, Rivaldo Costa é atualmente Prefeito Municipal, cumprindo seu segundo mandato. Vidalvo Costa, outro membro da família já foi também Deputado Estadual e hoje é um importante empresário no ramo da cachaçaria. É de propriedade dele a Empresa de Cachaças Samanaú.

¹⁰⁸ Estamos nos referindo a um carnaval que já é considerado o terceiro maior do Nordeste e da festa da padroeira de Caicó: Nossa senhora Santana. São dois eventos que dão à cidade uma imensa visibilidade tanto no cenário regional como em âmbito nacional. A Ilha de Santana passou a abrigar essas duas grandes manifestações religiosa e profana

encontram neste uma perspectiva de inserção, embora a realidade mostre que, mesmo sendo um espaço aberto a todos, alguns códigos sociais ainda intimidam a presença de pessoas mais humildes, sendo exceções os momentos de grandes festas populares, cenário propício ao encontro dos diferentes, porém coexistentes.

Se a cidade é o lugar do debate e, assim defendemos, a Ilha de Santana é o mais legítimo cenário da igualdade, da fraternidade e da convivialidade. As solidariedades se evidenciam nesse microterritório, que, implementa em Caicó novas formas, grandes estruturas e novas funções.

Como nos disse o Monsenhor Atenor Salvino de Araújo: “A Ilha é um presente para Caicó. Gosto dela quando a mesma está assim: livre, sem aquelas barracas e parques¹⁰⁹”. O sentimento do sacerdote expressa o pensamento de muitos caicoenses e visitantes. A Caicó expandida “exigira” um espaço como este e, apesar dos grandes encontros, em momentos de festas, a “Ilha de Santana” cumpre esses vários papéis.



**Figura 43: Complexo Turístico Santa Costa
Ilha de Santana (Foto e Localização)
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.**

A Cidade Judiciária

Esse é mais um objeto que chega à cidade nesses últimos anos. Inaugurada em 23 de julho de 2010, esse fixo gerador de um intenso fluxo

109 Conversa informal com o Monsenhor, na Ilha, em um fim de tarde. É costume do mesmo caminhar por lá. Ele é um dos idealizadores da Ilha de Santana. A quadra Poliesportiva recebe seu nome Mons. Atenor Salvino de Araújo, conhecida como Nonozão e o anfiteatro chama-se Hilda Araújo em homenagem à sua irmã, que é artista plástica.

é resultado de uma reformulação nas estruturas da Justiça Estadual em Caicó. Funcionando, desde muito tempo, no centro da cidade, o antigo Fórum Municipal Amaro Cavalcanti não atendia mais, a contento, às demandas do poder judiciário, as quais vêm na esteira da expansão urbana e da condição de centro regional que a urbe sofreu.

Como informa a notícia que segue: “O Fórum Amaro Cavalcanti, que centraliza as atividades da Justiça Estadual em Caicó, será transferido para a Cidade Judiciária, na Zona Leste. O antigo será entregue para a Câmara Municipal de Caicó, onde já funciona na sua parte superior¹¹⁰” As novas instalações deste Fórum de justiça, contam com alta densidade técnicas e formas modernas. Por estar instalado em uma área “nobre” da cidade, este evento de arquitetura suntuosa será um veículo de valorização ainda maior de um subespaço, onde já se verificam solos urbanos muito caros.

Uma questão surgiu a partir da nossa análise: este objeto está localizado em uma parte distante do centro, o que dificulta o acesso às pessoas de baixa renda e, que moram nas partes opostas da cidade, embora, como já dissemos, em uma cidade que não tem meios de transporte coletivos devidamente organizado, o homem lento sempre infere meios alternativos de locomoção. O mais utilizado é o mototáxi, que vem, inclusive, apresentando, ultimamente, aumento de preços. Por fim, esse é um importante objeto que dinamiza ainda mais a urbe, oferecendo-a modernidade, agilidade e bem-estar, a partir de um serviço que é vital para a comunidade caicoense e seridoense, como um todo.



Figura 44: Cidade Judiciária (Foto e Localização)
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

110 NERY, Suééster. Justiça prepara transferência do fórum Amaro Cavalcanti. In: www.snery.blog.br. Acessado em 25 de julho de 2010.

Praça Dr. José Augusto

Esse objeto tem uma retrospectiva bastante importante, no que concerne ao uso do território. Inaugurada no ano de 1929, é uma das praças mais antigas da cidade. Sua história envolve encontros, revoltas e uma série de mudanças em suas formas, estruturas e funções.

Seu primeiro uso cumpriu aquilo para o qual mesma foi construída, ou seja, o território dos encontros, nos bancos, no jardim e no parquinho, a população frequentava-a com esse fim. Foi cenário até mesmo de um “senadinho¹¹¹”.

Um busto de Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros foi colocado na praça, mas, em janeiro de 1935, esse busto foi dinamitado por questões políticas. Em 1957¹¹², foi colocado em substituição ao busto detonado, uma estátua, que se encontra na praça até os dias atuais.

Mas o que importa em nossa análise são os diversos usos territoriais inferidos a esse objeto. Depois de ser utilizada como tal, durante muitos anos, a praça, em questão, passou por uma mudança que, em muito, revoltou a população do seu entorno, como uma boa parte da população da cidade, em geral. Trata-se de uma reforma que fez daquele objeto uma praça da alimentação. Nesse contexto, trailers foram instalados em toda a área da mesma e esta passou a ser encontros de pessoas que buscavam um lazer diferente daquele que, na praça, aconteceu nos anos iniciais do seu uso.

O território, antes de todos, era agora um território de poucos. O privado havia tomado para si o público e, sentar na praça já não era tão possível como antes. Ao lado dos poucos bancos (públicos), reinava a cadeira e a mesa (privados). Sentar nestas, significava a obrigatoriedade do consumo e, como já analisamos, a cidade de Caicó conta um sem número de homens lentos, espoliados e que não tem condições de frequentar lugares que precisam por ele pagar. “Mas a praça não é de todos”? Teoricamente sim, mas como verificado, na prática não.

Ainda sobre esta praça da alimentação, a qual se tornou esse importante objeto do centro caicoense, faz-se mister apontar que a sua configuração, a partir da instalação dos referidos trailers, revelava uma “mancha” na paisagem da urbe. Lonas velhas e rasgadas e estruturas de

111 Uma espécie de encontros entre intelectuais e homens comuns para discutir assuntos dos mais variados, em especial a política e a economia.

112 Informações retiradas de vários blogs que tratam da história da cidade de Caicó.

ferro que dificultavam o “ir e vir” das pessoas. Essas lonas não obedeciam a um padrão. Cada trailer exibia uma cor diferente e nos últimos tempos, quase todos os espaços da mesma eram tomadas, além desses trailers, por grandes brinquedos infláveis, ou seja, uma verdadeira usurpação do território público em detrimento do privado.

Nesse sentido, e frente a tantas críticas de alguns cidadãos mais atentos, uma nova mudança foi proposta pelo poder Municipal. A Praça “José Augusto” ou a “Praça dos Trailers”, como é mais conhecida, é submetida a uma reforma radical. Nesse ínterim, os trailers ocupam outra área pública de Caicó, conhecida como calçadão. E assim, essa relação público-privado vai se perfazendo com uma perversidade para muitos dos cidadãos caicoenses.

Depois de dois anos de obras¹¹³, a nova praça é inaugurada no dia 25 de junho de 2010. Sua nova estrutura revela um objeto estranho aos moldes locais e estão de volta para esse território alguns antigos proprietários dos velhos trailers e alguns novos empresários que continuam a utilizar em benefício próprio o espaço público. Mas em substituição a essa estrutura antiga de ferro e lona, o poder público fez surgir uma arquitetura alienígena, mas que chama a atenção daqueles que a visitam. O novo substitui o velho, mas trouxe consigo algumas rugosidades, especialmente aquelas que revelam as mesmas ocupações e os mesmos agentes do passado. Atualmente, esse é um território de grande preferência para aqueles que procuram o lazer em forma de encontros regados a comidas e bebidas. A cidade expandida ganha mais um novo objeto. É mais um evento que, também, não adensa e nem contribui para a expansão física. Na verdade, é um território reformado e refuncionalizado.

113 Uma obra que seria entregue em meses, passou em muito do prazo e a praça ficou inutilizável, inclusive cercada por tapumes, mas enfim está novamente em uso.



Figura 45: As várias formas da praça Jose Augusto
FONTE: Pesquisa de campo, 2010.

Falamos em quatro eventos, mas, na verdade, são cinco. Está em reforma, também, no centro da cidade em estudo, o prédio do antigo mercado público que, juntamente com a praça, acima analisada, entrou em processo de reforma. No entanto, sobre o mesmo não podemos afirmar nada. É um objeto antigo que, certamente, depois de pronta a reformulação, exporá as rugosidades em coexistência com novas formas e novas funções. Até quando foi interditado, nele funcionava um “mercado” - conjunto de lojas populares, minimercarias e lanchonetes.

Até os dias atuais, continua embargado, enquanto todos os comerciantes, que nele trabalhavam, ocuparam uma avenida adaptada pela prefeitura para abrigar tais pontos de comércio, gerando na cidade uma paisagem feia e confusa, além de insegura para aqueles que, nessa avenida adaptada, precisam trabalhar todos os dias à espera de uma obra que já venceu, por várias vezes, os prazos determinados para reinauguração e utilização.

Assim, concluímos este capítulo, que analisou as más e as boas consequências que vieram com a expansão urbana em tela. A cidade se renova a cada dia, o ritmo das construções é frenético. A população cresce, os problemas aumentam e algumas soluções nascem para tentar um equilíbrio que ainda precisa vir. A urbe expandida “cobra” mais

justiça, mais equidade e melhores condições de vida, principalmente para as populações formadas pelos homens lentos e vítimas de uma espoliação urbana que, como já vimos, é segregadora. Mas a Caicó dos últimos quarenta anos mostra, por um lado, uma força titânica e se mantém como a principal cidade da Região do Seridó. Por outro, uma fraqueza quando, apesar das coexistências, expõe de seu lado opaco, tecnicamente rarefeito e lento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de contribuir e de somar aos estudos anteriores sobre a cidade e o urbano caicoense, como, também, trazer novas discussões acerca da relação entre a teoria do espaço geográfico, entendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, e essa base empírica, que é a cidade em foco, enveredamo-nos no entendimento do papel dos eventos geográficos, na expansão urbana de Caicó, como também a relação de diferença e coexistências entre os homens rápidos e lentos, com destaque para a força desses últimos.

Os sistemas técnicos e, conseqüentemente, os períodos técnicos foram destacados, de acordo com a economia mais importante em cada época da formação e expansão da cidade. A pecuária, o algodão e, o que chamamos, de cidade terciária aparecem como principais eixos econômicos e expõem as suas implicações na sociedade, na economia, na política e na cultura caicoenses.

As conseqüências de tal expansão também mereceram foco importante na nossa pesquisa, já que foram estas que melhor nos apontaram as diferenciações e as coexistências nos processos de expansão desta urbe.

A nossa investigação centrou forças no primeiro momento da pesquisa, em como eram as relações mantidas entre as metrópoles europeias e as colônias americanas do Século XV e XVI. Estamos cientes de que esses primeiros “eventos” tiveram forte influência na fundação da Vila do Príncipe, através da construção da Casa Forte do Cuó - base da resistência portuguesa contra os nativos da colônia. Também estamos convencidos sobre a influência da Igreja/Capela/Matriz construída em homenagem a Nossa Senhora de Santana, onde nasceu, na vila, o primeiro adensamento de fato.

A atividade criatória, que surgira na época, em complemento à economia litorânea da cana-de-açúcar, inaugurou um primeiro período dentro do qual nascera o sistema técnico da pecuária, que fora o responsável pelos primeiros ensaios da futura cidade que se encontrava ainda na condição de vila. Este sistema técnico coexistiu ao que denominamos de “período dos nativos”, para depois se confirmar como sendo o responsável pelo conjunto dos primeiros eventos fundadores de dinamizadores da cidade.

Mais tarde, esse sistema técnico enfrenta suas crises que advêm de vários fatores, entre eles, as condições naturais dos sertões e o desinteresse

de alguns agentes importantes desse período. Assim, a aurora de um novo período foi anunciada e nesse também um novo sistema técnico que teve sua base na economia algodoeira.

Se o período anterior já havia dado suas contribuições para a ocorrência de eventos importantes, esses já destacados anteriormente, um novo período também inaugurou uma nova fase não menos importante e que foi responsável por referenciar a esse sistema técnico a condição de período de grande envergadura econômica, política e social da história de Caicó. Foi o tempo das grandes inserções da Região e da cidade nas relações em âmbito nacional e internacional.

Como contrapartida a essa nova fase, que se implantara junto a esse também novo período, a cidade é beneficiada com um feixe de eventos, os quais destacamos: um batalhão do Exército Brasileiro, um Campus da UFRN, como, também, a maior escola pública já construída em Caicó, dentre outros. Estamos certos de que, pela importância do algodão que fez de alguns agentes locais personalidades importantes no cenário nacional, inclusive, na política, como foi o caso do Senador Dinarte de Medeiros Mariz, a cidade foi contemplada com essas ações e objetos que a dinamizaram e a fizeram mais expandida, como, também, a mais importante cidade da região.

Mas a economia algodoeira também conheceu a sua derrocada. Dentre os fatores que contribuíram para esse fato, merece evidência as mudanças no mercado internacional, a concorrência em âmbito nacional, vinda principalmente de São Paulo, entre outros. A referida crise foi reveladora de uma cidade que estava pronta ou quase pronta para seguir seu curso de expansão e não perder a função de centro regional. Detectamos, com base em outros estudos realizados e já escritos¹¹⁴, acerca da cidade e sua transição pós-crise algodoeira, que, mesmo apesar da “morte” do algodão, Caicó apresentou ascensão da população urbana em detrimento da população rural e revelou uma vocação que já estava por entre as “plumas do algodão” antes da crise, mas que, a partir do final da década de 1970, se fez mais visível e assumiu o timão da economia caicoense. Trata-se da economia terciária.

A década de 1970 e as demais décadas que se sucederam foram tomadas neste trabalho como sendo as mais importantes e mais passíveis de investigação, pois esse foi o período que mais nos chamou a atenção

114 Referimo-nos em especial aos estudos como os de: Olavo de Medeiros Filho, Ione Rodrigues Morais e Muirakytan Kennedy de Macedo.

para o fenômeno da expansão urbana em Caicó. Dentro desse período, um novo sistema técnico se implantara: aquele comandado pela economia terciária, ou seja, a cidade que saíra quase ilesa da crise cotonicultora, apoia-se no comércio e em um setor de serviços que recebera uma atenção toda especial ainda no período anterior, daí termos nos reportado à vocação no parágrafo precedente. É nesse período que estão aqueles eventos do presente, tanto os principais como os derivados, aos quais nos referimos como sendo trilha principal da nossa pesquisa.

Nossas hipóteses foram comprovadas no tocante ao papel desses eventos como propulsores e dinamizadores de novas áreas que, conseqüentemente, causaram expansão na urbe do período contemporâneo. A cidade foi espriada, devido ao processo pelos quais esses “eventos principais” carregaram, em si, novas estruturas e funções que se revelaram como sendo de suma importância para o adensamento das áreas, onde se instalaram. Ficou, também patente, a ideia acerca dos “eventos derivados”, já que pelo evento principal surgiram novas oportunidades de comércios e serviços complementares.

Desde a década de 1970, sete eventos principais e um sem número de eventos derivados levaram os limites da urbe para novas fronteiras com o rural. Áreas nobres e áreas pobres foram conformando uma cidade que comprova a ideia da coexistência e que além de ter revelado territórios luminosos e tecnicamente densos, revelou também territórios opacos e com rarefação técnica. Detectamos, também, os territórios que chamamos de intermediários e que estão entre a “luz” e a “escuridão” inerentes a uma cidade que se expandiu rápida e desorganizadamente.

Na Caicó dos últimos quarenta anos, acirrou-se a pobreza, apesar da fábula que nos imputam as vozes da globalização. Sobre esta pobreza, ou melhor, sobre os homens lentos e espoliados, verificamos que estes são as maiores vítimas de um processo que é total, mas que tem um forte rebatimento no lugar. Os bairros mais pobres tender-se-ão a se tornarem miseráveis. Nestes, detectamos que o solo não é valorizado, as formas são, na maioria, modestas e o conteúdo do território se revela em um contexto de lentidão.

Já os bairros mais ricos tender-se-ão a manutenção ou ascensão das condições já existentes. Estamos certos da supervalorização do solo, visualizamos as formas modernas e arrojadas que utilizam materiais caros e o conteúdo de tais territórios exalam a rapidez.

Comprovamos que, nas áreas mais pobres, as vias, em grande parte, são viscosas, os deslocamentos são mais lentos, apesar de algumas saídas encontradas por seus habitantes, como é o caso do uso do mototáxi,

como meio de transporte, os serviços públicos de educação de saúde, entre outros, beiram o caos e as colocam como parte de uma estatística preocupante. No entanto, também ficou evidente a força desses homens que podem ser chamados de lentos. Eles inauguram a cada tempo, novas maneiras de sobrevivência, como analisamos no corpo deste trabalho, e ainda como se utilizando de suas técnicas, às vezes arcaicas, às vezes se aproveitando de técnicas atuais, esses habitantes da cidade lenta contribuem para a dinâmica cidadina.

É a força dos muitos homens lentos em coexistência com a rapidez de uns poucos homens que caracterizam a cidade como o lugar do debate ou da busca pela liberdade, principalmente por aqueles que sentem os efeitos mais nocivos da espoliação urbana.

A cidade, base empírica da nossa pesquisa, nos apresentou, também, algumas consequências positivas da sua expansão urbana e da sua condição de centro regional. Dentre elas, alguns equipamentos urbanos que foram implantados na paisagem caicoense. É o caso do “Complexo Turístico Santa Costa” ou como é mais conhecido a “Ilha de Santana”. Esse equipamento, há muito planejado e desejado, só chega à cidade quando essa, pela sua condição de cidade core, demandou tal evento. Mas por que demandou? Porque pela sua condição e pelas ações de alguns agentes “exigiu” um objeto deste porte.

Um outro equipamento urbano deu à cidade um ar de modernidade e comprovou as nossas teses de que uma vez expandida e no comando/ interação de uma região, a urbe caicoense demandou mais um conjunto de ações e mais um novo objeto (evento). Trata-se da Praça Dr. José Augusto que, em sendo reformulada, trouxe para a paisagem a ideia de “City Marketing” ou “Urbanismo do Espetáculo”, porque após reformado, esse objeto expõe “formas estranhas” àquelas que de costume se vê no lugar.

A Cidade Judiciária é mais um equipamento urbano ou objeto técnico (evento) que confirmou a nossa tese e se revela na urbe em expansão, como uma exigência dos novos tempos, do período técnico mais contemporâneo, em consonância com os demais períodos, pelo crivo das rugosidades. Juntos pela superposição de formas, de funções e de estruturas, a expansão urbana gerou na cidade exigências que ao serem atendidas, trouxeram consequências positivas que colocam a urbe cada vez mais como centro regional, interagindo com um número cada vez maior de cidades do seu entorno mais próximo, como, também, de algumas já mais distantes.

Por fim, estamos convencidos de que as questões que formulamos,

em forma de hipóteses, foram confirmadas senão em sua plenitude, mas em sua grande maioria. A cidade se expandiu intensamente desde os anos de 1970 e revelou de, forma contundente, que tal expansão ganhou força nos eventos principais e derivados, por nós apresentados no capítulo 03, deste trabalho, que, em consonância com os “eventos do passado” e aliados à perspectiva dos novos eventos, que virão, alimentam para um futuro não muito distante a certeza de novas etapas da expansão urbana em Caicó.

Sem a pretensão de encerrar qualquer perspectiva de novos levantamentos sobre o tema aqui tratado, muito pelo contrário, queremos nos apresentar como agentes que, na tentativa de contribuir para o entendimento de processos acerca da cidade de Caicó, abrem novas possibilidades para as pesquisas acerca do urbano caicoense e sua expansão e de temas mais específicos como a importância dos eventos neste fenômeno, o papel dos homens lentos ou espoliados, como, também, das consequências positivas e negativas trazidas por esta expansão urbana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de.; FERNANDES F. **Elisèe Reclus: Geografia.** São Paulo: Ática, 1985.

ANDRADE, M. C. de. **A questão do território no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **A terra e o homem no Nordeste.** São Paulo: Cortez, 2005.

ARANTES, O. ; MARICATO, E. ; VAINER, C. **A cidade do pensamento único.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARAÚJO, D. **O desenvolvimento do abate de bovinos no Rio Grande do Norte e suas relações de trabalho.** (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1990. Impresso.

_____. **A morte do sertão antigo no Seridó: O desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

ARENDT, H. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ARISTON, E. **Nesgas de uma cidade: Caicó.** Natal: RN Econômico, 2010.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos.** (Traduzido por Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. (orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELLS, M. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLARK, D. **Introdução à geografia urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Trad. de Luiz Fugazzola Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLEMENTINO, M. do L. M. **O maquinista de algodão e o capital comercial**. Natal: Ed. Universitária, 1986.

COMPANS, R. O paradigma das global cities nas estratégias de desenvolvimento local. In: R. B. **Estudos urbanos e Regionais**, Nº 1/ mai. 1999.

CONTEL, F. B. **Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **O espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Sandra M. F. da. A Antropogeografia de Ratzel. Disponível em: www1.univap.br/~sandra/ratzel.pdf. Acesso em 06 de set. 2008.

DANTAS, E. M. **Retalhos da cidade: revistando Caicó**. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

DEÁK, C. & SCHIFFER, S. R. (org). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.

DONNE, M. D. **Teorias sobre a cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

FARIA, C. E. de. **Zoneando as Zonas: A metamorfose espacial dos prostíbulos caicoenses**. 1999. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Regional do Espaço no Semi-Árido). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó.

FELIPE, J. L. A. **A (re)invenção do lugar: Os Rosados e o “país Mossoró”**. João Pessoa, PB, 2001.

_____. **Mossoró: um espaço em questão**. ESAM/FGD, 1980.

_____. **Elementos de Geografia do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora

Universitária (UFRN), 1998.

FONT, J. N.; RUFÍ, J. V. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

GEORGE, P. **A ação do homem**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Vozes, 1986.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geografia da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Fragmentação e gestão do território do Rio Grande do Norte**. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

_____. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GONÇALVES, F. E. **Cidades pequenas, grandes problemas: perfil urbano do Agreste Potiguar**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

GONÇALVES, M. F. (org.). **O novo Brasil urbano: impasses/dilemas/perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Ed. USP, 1993.

GUERRA FILHO, A. **O Seridó na memória de seu povo**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HERCULANO Selene C. A qualidade de vida e seus indicadores. In: **Revista Ambiente e Sociedade**, Campinas, UNICAMP/NEPAM, Ano I, nº 2, 1º semestre de 1998, pp 77 - 99.

HIRSCHBERGER, J. **História da filosofia moderna**. São Paulo: Ed. Herder, 1967.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>>. Acesso em: 05 de dez. 2009.

KAHIL, S. P. **Psicoesfera: a modernidade perversa**. Revista do Departamento de Geografia da USP, n. 11, p. 217-220, 1997.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LACOSTE, Y. **Os países subdesenvolvidos**. São Paulo: Difel, 1987.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, L.C. Produção do espaço, sistemas técnicos e divisão territorial do trabalho. In: **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona**, vol. VI, nº 119 (63), 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-63.htm>>. Acessado em 20 de jun. 2009.

LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a Questão Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Hélder Alexandre de. Contribuição ao estudo da Casa-Forte do Cuó. In: **Dossiê Arqueologias Brasileiras**, v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005 Disponível em <<http://www.seol.com.br/mneme1>>. Acessado em 26 de dez. 2008.

MACEDO, M. K. de. **A penúltima versão do Seridó: espaço e história no**

regionalismo seridoense. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2005.

_____. **Rústicos cabedais:** patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (Séc. XVIII). (Tese de doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Impresso.

MEDEIROS FILHO, O. de. **Índios do Açu e Seridó.** Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1984.

_____. **Velhos inventários do Seridó.** Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1983.

_____. Cronologia seridoense. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2002.

MONTEIRO, E. L. **Caicó:** subsídios para a história completa do município. Natal: Sebo Vermelho, 1999.

MORAIS, I. R. D. **Desvendando a cidade:** Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1999.

_____. **Sertão Norte-rio-grandense:** uma geografia da resistência. Brasília: Editora do Senado federal, 2005.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Naia & BARCELLOS, Tanya M. de. **O uso capitalista do solo urbano:** notas para discussão. In: Ensaios FEE, Porto Alegre. 8(2): 131-135, 1987.

ORTEGA Y GASSET, J. Meditação da técnica: vicissitudes das ciências, cacofonia na física. Tradução e prólogo de Luis Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, A. P. B. Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004). Natal: Editora da UFRN, 2005.

ROCHEFORT, M. **Redes e sistemas:** Ensinando sobre o urbano e a região. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **O desafio urbano nos países do sul:** Campinas: Edições Territorial, 2008.

SANCHES, F. Políticas urbanas em renovação. In: **R. B. Estudos Urbanos e Regionais.** Minas Gerais, p. 115-152. Nº 1, Maio de 1999.

SANTOS, M. ; BECKER, B. K. (Orgs). **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, M. ; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, M. ; SOUZA, M. A. A. de. ; SILVEIRA, M. L. **Território:** globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1996.

SANTOS, M. **O espaço dividido.** São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **A Cidade e o Urbano como Espaço-Tempo.** CIDADE & HISTÓRIA - Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. UFBA - FAU/MAU. Salvador, 1992.

_____. **A Natureza do espaço.** São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **A Natureza do espaço.** São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A urbanização desigual:** a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Manual de geografia urbana.** São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

_____. **O retorno do território.** Revista OSAL: Observatório Social de América Latina. Buenos Aires, 16. p. 251-260 jan./abr. 2005.

_____. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Ed. Hucitec, 2007.

_____. **Por uma economia política da cidade.** São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Por uma outra globalização:** o pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Técnica, espaço e tempo:** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.

SCHWARTZMAN, Simon. **As causas da pobreza urbana.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

SILVA NETO, M. L. **Extensores urbanos:** proposta de um conceito auxiliar para a análise territorial. In: **Extensores urbanos: o caso da cidade de São Paulo.** (Dissertação de Mestrado), FAU-USP, São Paulo, junho de 1990.

SILVA, A. A. D.; GALENO, A. (orgs.) **Geografia: ciência do complexus.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

SILVA, J. B. da. Milton Santos: a geografia, o Brasil, a França, o mundo. In: **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 01, número 01, 2002 “ (entrevista Milton Santos).

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, jan./abr. 2009.

_____. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. In: **Revista GEOUSP**, São Paulo, 19. pp. 81-91, 2006.

_____. Crises e paradoxos da cidade contemporânea: Os circuitos da economia urbana. In: **X Simpurb.** Florianópolis, out. 2007.

_____. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. In: **Cuadernos Del Cendes**, año 21, n. 57, tercera época, p. 01-21, sep./dic. 2004.

_____. Metrópolis brasileñas: un análisis de los circuitos de la economía urbana. In: **Revista Eure**, v. XXXIII, n. 100, p. 149-164, Santiago de Chile, dic. 2007.

_____. Uma situação geográfica: Do método à metodologia. In: **Revista Território**, Rio de Janeiro, 06. p. 20 - 27, jan./jun. 2008.

_____. **Um país, uma região:** fim e século e modernidades na argentina.

São Paulo: FAPESP; LABOPLAN - USP, 1999.

SOUZA, M. A. A. de (org). **Território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003.

_____. Geografias da desigualdade: globalização e fragmentação. In: SANTOS, M. ; SOUZA, M. A. A. de. ; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1996. p. 21-28.

_____. Cidade: lugar e geografia da existência. . In: **Plano diretor da cidade de Belém do Pará**, 1997. Disponível em: <<http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/pdfs>>. Acessado em 15 de set. 2009.

_____. (org.) **Território brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003.

_____. **Ciência e método: Revisitando o método geográfico: o conhecimento com ética e responsabilidade**. Aprendendo a pesquisar (textos de apoio). Campinas: Edições Territorial, 2008.

SOUZA, M. L. de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Mudar a cidade: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Recompondo a história da região metropolitana: processo, teoria e ação**. In: SILVA, C. A. ; FREIRE, D. G. ; OLIVEIRA, F. J. G. (orgs.) **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. p. 27-40.

TRINDADE, S. L. B. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

VALENÇA, M. M. ; GOMES, R. de C. da C. (org). **Globalização e Desigualdades**. Natal: A. S. Editores, 2002.

VELHO, Otavio Guilherme. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01: Antiga Usina de Algodão no centro de Caicó
- Figura 02: Formas arcaicas presentes no urbano de Caicó
- Figura 03: Formas modernas em subespaços pobres de Caicó
- Figura 04: A Heterogeneidade das Formas nos Subespaços Opacos de Caicó
- Figura 05: Subespaços Opacos, Intermediários e Luminosos do Urbano Caicoense
- Figura 06: Vias Viscosas no Urbano Caicoense
- Figura 07: Transporte coletivo em Caicó (vãs movidas a gás de cozinha)
- Figura 08: Postos de Mototáxi no Centro de Caicó
- Figura 09: Mansões Presentes na Urbe Caicoense
- Figura 10: Objetos Sofisticados em Áreas Luminosas
- Figura 11: Planta Atual da cidade de Caicó
- Figura 12: A ocupação estrangeira do território brasileiro nos séculos XV e XVI
- Figura 13: Embrião de uma cidade - período da pecuária
- Figura 14: A cidade no período da pecuária
- Figura 15: Caicó no período da ascensão algodoeira
- Figura 16: Caicó no início do declínio algodoeiro
- Figura 17: Eventos futuros
- Figura 18: Os eventos como extensores urbanos
- Figura 19: Área noroeste da cidade em 1970
- Figura 20: Área noroeste da cidade em 2010
- Figura 21: Área nordeste da cidade em 1970
- Figura 22: Área nordeste da cidade em 2010
- Figura 23: Área sudoeste da cidade em 1970
- Figura 24: Área sudoeste da cidade em 2010
- Figura 25: Área sudeste da cidade em 1970

- Figura 26: Área sudeste da cidade em 2010
- Figura 27: Processo de verticalização em Caicó-RN
- Figura 28: Novíssimos adensamentos gerados a partir dos eventos derivados
- Figura 29: Centro e periferia do urbano caicoense em 1970
- Figura 30: Reformulações no centro da cidade de Caicó
- Figura 31: Valorização do solo urbano (I)
- Figura 32: Rodoanel e novas dinâmicas de ocupação do urbano caicoense
- Figura 33: Valorização do solo urbano (II)
- Figura 34: Loteamentos recentes no urbano caicoense
- Figura 35: Microterritórios dos Espetinhos
- Figura 36: Microterritórios dos Barracos Bares
- Figura 37: Microterritório dos camelôs no centro da cidade
- Figura 38: Ambulantes nas Ruas de Caicó
- Figura 39: Entulhos nas ruas do centro da Cidade
- Figura 40: Vãs utilizadas como transporte coletivo em Caicó
- Figura 41: Territórios da marginalidade
- Figura 42: Centro Cultural Adjuto Dias (Foto e Localização)
- Figura 43: Complexo Turístico Santa Costa - Ilha de Santana (Foto e Localização)
- Figura 44: Cidade Judiciária (Foto e Localização)
- Figura 45: As várias formas da praça Jose Augusto

LISTA DE MAPAS

- Mapa 01: Localização de Caicó no território potiguar
- Mapa 02: Rodovias Federais e Estaduais que conectam Caicó ao território potiguar e a territórios nordestinos
- Mapa 03: Rede urbana e área de influência de Caicó

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Brasil: população urbana e rural - 1950 - 2007

Tabela 02 - Caicó - população urbana e rural - 1950 - 2007

Tabela 03: Evolução da população urbana e rural de Caicó

Tabela 04: Nível de presença técnica em Caicó (I)

Tabela 05: Nível de presença técnica em Caicó (II)

Tabela 06: Nível de presença técnica em Caicó (III)

Tabela 07: Praças e mototaxistas

Tabela 08: Nível de presença da técnica em supermercados e padarias

Tabela 09: Universidades e Faculdades que atuam em Caicó

Tabela 10 - Fluxo de Pessoas que vêm a Caicó diariamente

IFRN
Editora ■■■■



O Professor Carlos Eugênio de Faria é nascido em Caicó, no Rio Grande do Norte. Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concluiu nessa mesma Instituição de Ensino em 1999, uma Especialização em Desenvolvimento Regional do Semi-Árido e no ano de 2010, um Mestrado também em Geografia, onde desenvolveu uma dissertação que teve como tema Os eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: Desigualdades e coexistências na urbe. Lecionou em escolas do setor público e privado durante 20 anos. Foi Professor Substituto por dois anos na UFRN – Campus Caicó. Atualmente é titular da disciplina Geografia e Meio Ambiente, como também coordena o setor de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte no Campus Caicó.

Há mais de dez anos estuda as problemáticas urbanas do Brasil e do mundo, mas com uma atenção especial a sua cidade natal. Atua como palestrante em várias áreas do conhecimento, com foco nas questões ligadas à Geografia e ao Meio Ambiente.

Este livro surgiu a partir do interesse pela investigação acerca da expansão urbana de Caicó, desde a sua formação, como vila, e a sua ascensão à condição de cidade, mas, especialmente, a expansão ocorrida a partir dos anos de 1970, quando a economia algodoeira local começa a apresentar sinais de esgotamento. O tema central, deste trabalho, consiste na importância dos eventos geográficos e suas relações com o fenômeno da expansão urbana da cidade que nos serviu de base empírica. Com relação aos eventos que aparecem como elementos de análise nas obras do Professor Milton Santos, em especial, no livro *Natureza do Espaço*, eles aparecem como uma espécie de extensores urbanos, dinamizando as áreas onde são instalados. Entendidos, por nós, como um veículo de uma ou mais possibilidades, conforme Santos (1999), elencamos alguns eventos ocorridos na urbe caicoense e os dividimos em principais e derivados. Tais eventos implementaram, a partir de suas estruturas, formas e funções, através de processos que desencadearam e continuam a desencadear o alargamento do perímetro urbano caicoense, adensamentos bastante importantes para essa expansão urbana. Os períodos técnicos da pecuária, do algodão, como da cidade terciária e suas conexões com o papel dos homens rápidos, como dos homens lentos, é também aspecto importante no corpo deste trabalho. Mereceram destaques, ainda, as desigualdades e as coexistências que são geradas na base destas conexões e, por fim, discutimos as consequências positivas e negativas decorridas do fenômeno da expansão urbana.